

LUA CHEIA



O DESPERTAR
André B. Ferreira



LUA CHEIA
O DESPERTAR

André B. Ferreira

Jaguarão, RS

2018

DEDICATÓRIA

Em memória de Maria de Lourdes da Palma Bedin e Miriam Renee Sotelo,
duas grandes guerreiras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa, Mónica Brun pelo apoio e paciência. Agradeço à minha filha, Lara Ferreira, pela inspiração.

Agradeço ao Professor Marcos de Oliveira Treptow pelo grande incentivo que me proporcionou quando decidi de vez me aventurar no mundo das letras.

Agradeço, também, a todos que colaboraram com seu valioso feedback.

CAPÍTULO 1

Existem mais coisas entre o céu e a Terra do que a sua vã filosofia desconfia... Ou algo do tipo. Pode apostar que sim. Especialmente se você é como eu: se tem problemas com a prata e se a Lua cheia, bem, você sabe...

Olhei para o relógio do celular. Eram duas da tarde. A Biblioteca da cidade de Jaguarão era muito boa. Com janelas espaçosas e altas estantes cheias de livros, além de terminais de computadores, para auxiliar nas pesquisas escolares. Eu gostava da tranquilidade e do silêncio dali. Era mais fácil me concentrar sem ter nada para me distrair.

Cumprimentei o zelador que varria o piso. Já nos conhecíamos havia um ano. A dona Lourdes era a bibliotecária. Uma mulher alta e com uma cara de poucos amigos. Mas comigo, era até amável.

- Boa tarde, dona Lourdes... A senhora teria para mim alguma coisinha sobre genética?

- Mas é claro! Um momento...

Ela se virou para revirar uma das gavetas de um enorme armário de aço com centenas de fichas catalográficas onde constava todo o acervo da biblioteca.

Foi quando senti um aroma agradável, muito agradável. Não sabia de onde vinha, se era da dona Lourdes ou de outra pessoa, mas fiquei maravilhado só curtindo o cheirinho bom até ela me tirar do transe alguns instantes depois.

- Aqui está! – sorriu a bibliotecária.

Estendeu-me uma ficha com as coordenadas da estante e número do livro. Eu anotei num dos papezinhos do balcão e parti rumo aos livros que buscava. Se eu ia entrar no grupo de trabalho da Vânia, minha colega de aula por quem era apaixonado, seria bom estar preparado. Queria impressioná-la, já levando informações sobre o assunto.

Eu não tinha muita experiência em impressionar meninas, mas parecer inteligente talvez ajudasse. Além do mais, se ela me convidou para entrar no seu grupo, só podia ser por que sempre tiro as melhores notas na maioria das matérias...

Perdido em meus delírios de grandeza e notando que o agradável perfume ia aumentando de intensidade, passo a passo eu caminhava distraidamente quando, ao virar a esquina de uma estante, bati contra alguma coisa. Ato seguido, vários livros caíram no chão.

- Desculpe-me! - disparei envergonhado.

Era Vânia! Aquele cheirinho delicioso era o perfume dela!

- Oi, Daniel! – disse surpresa.

Nós nos abaixamos ao mesmo tempo para juntar os livros. Eu, nervoso. Ela, sorrindo. Vânia tinha dezessete anos. Era mais velha que eu. Isso tornava as coisas ainda mais difíceis para mim. Como eu poderia chamá-la para sair? Era uma criatura inalcançável com olhos lindos. Não me parecia ser o tipo de garota que saísse com um CDF e sim com os garotos populares da escola... Mas havia me chamado para o trabalho em grupo, não?

- Minha irmã me contou que você me convidou para fazer parte do seu grupo de trabalho de Biologia... - disse eu acavalando as palavras.

- Foi ideia do Cláudio. - comentou juntando o último livro.

Meu frágil mundo colorido caía sobre minha cabeça.

- Ah! Então, foi ideia do Cláudio...

- Você não quer participar do nosso grupo? - perguntou.

- Não! Não! Sim, sim! Claro que quero! Quero sim. - respondi sentindo-me um babaca.

- Achamos que seria legal se você se juntasse ao nosso grupo, para variar um pouco. Além disso, você tem boas notas em Biologia. - disse ela com um meio sorriso.

“Achamos... Ela disse achamos.” pensei, ainda com um fio de esperança.

- Claro! Sem problemas! Será ótimo! Eu vim pra cá justamente para pesquisar sobre nosso trabalho! – comentei rapidamente.

Ela me olhou com aqueles olhos negros de cílios compridos e sorriu:

- Legal! Eu também!

Era a glória.

- Diga-me: sua irmã tem quantos anos mesmo? Achei que fosse uma criança, mas quando falei com ela ao telefone me pareceu bem madura.

- Ah! Essa é a Júlia. Ela é mesmo madura para a idade. Tem doze. Às vezes eu acho que ela é mais madura do que eu... Quero dizer, não é que eu não seja maduro, é que ela... Você entendeu?

Parecia que meu cérebro tinha congelado. Era deplorável.

- É que nós, mulheres, amadurecemos mais rápido mesmo. - ela sorriu

- Então... – balbuciei, tentando dizer algo lógico, para variar – Podemos começar agora mesmo o trabalho.

- Não vai dar... - disse ela deixando o sorriso de lado – Tenho outro compromisso.

- Ah...

- Mas temos que marcar uma reunião para começar o trabalho.

“Poderia ser agora mesmo, só nós dois.” pensei.

- E quando seria? - perguntei já não tão nervoso.

- Pode ser no sábado, pouco depois do meio-dia? É que tenho um compromisso mais tarde e não quero me atrasar.

- Claro! - quase festejei.

- Então, até sábado na minha casa.

- E o endereço?

Ela anotou num adorável pedacinho de papel da última folha de seu caderno.

- Aqui está. - deu-me o papelzinho.

Vânia fez menção de ir embora e eu, querendo prolongar a conversa, disse na maior inocência:

- Que perfume gostoso!
- Qual?
- O seu perfume! É muito bom... - respondi, totalmente arrependido.

Ela sorriu e negou com a cabeça:

- Não pode ser o meu! Não estou usando perfume hoje. Até logo, Daniel. A gente se fala! Tchau!

Senti meu rosto arder e o coração disparar. Fiquei ali parado enquanto ela saía da biblioteca. O perfume diminuiu de intensidade. Deve ter parecido a cantada mais idiota do mundo! Momentos mais tarde, ainda sentindo o aroma diluído no ar e o calorão diminuindo na cara, fui até uma mesa e me sentei. Era estranho. Muito estranho.

Depois de uns instantes espalhei os livros e comecei minha pesquisa, anotando as observações importantes num caderno que havia levado. Mas a imagem de Vânia me invadia a cabeça uma e outra vez e eu voltava a me sentir um idiota.

Que micão, tipo King Kong! Ela deve ter pensado que eu era um imbecil para falar do perfume dela daquele jeito. E o pior: ela nem estava usando perfume! Ou disse isso para ver minha cara de paspalho. Não... A Vânia não era assim. Mas eu sabia bem o perfume que tinha sentido.

Mesmo tendo certeza absoluta de que não me esqueceria, coloquei na agenda do celular: sábado meio-dia, reunião na casa da Vânia. Anotado!

Naquele momento o meu celular tocou. Atendi e ouvi a voz da minha mãe do outro lado da linha:

- Como vão as coisas, meu filho?

Percebi algo de estranho na voz dela.

- Aconteceu alguma coisa, mãe?
- Não, não! - riu ela meio nervosa – É que o seu pai pegou outro frete aqui na cidade de Ceifador e não é bom desperdiçar oportunidades de trabalho... Por isso vamos demorar um tempinho mais para voltar para casa. Não levará mais do que alguns dias, prometo.
- Tudo bem, mãe. Ficaremos bem...
- Agora tenho que desligar. Cuide da sua irmã!

Cheguei em casa de tardezinha. Abri a porta e um cheiro de queimado invadiu minhas narinas violentamente.

- Olá! - gritei, enfiando-me sala adentro – Tudo bem por aqui?

Júlia, minha irmã, aquela que Vânia se referiu na biblioteca, escondeu atrás de si, num sobressalto, um papelzinho que lia.

- Você está louco?! - quase berrou.
 - Desculpe, mas não está sentindo cheiro de queimado?
 - Que cheiro?
 - Esse cheiro de queimado...
 - Não tem nada queimando aqui, esquisitão! Bela desculpa para me assustar!
- disse ela indo para o quarto.

Entrei na cozinha e encontrei dona Flora, a senhora que nos acompanhava da tardezinha à manhã, fungando e fazendo um café para mim. O cheiro de queimado era mais intenso ali.

- Olá, dona Flora! - cumprimentei, procurando onde estaria a fumaça.

- Olá, meu filho! – retribuiu com os olhos aguados e um nariz terrivelmente vermelho.

- A senhora está melhor? Podemos nos cuidar sozinhos dona Flora. Meus pais não se importariam se a senhora fosse pra casa descansar um pouco até se recuperar. Eles disseram até que vão voltar logo – menti para evitar que ela se sentisse culpada.

- Imagina menino? Desde quando cuido de vocês quando seus pais viajam? A vida toda! Acha que uma gripezinha vai me derrubar? Daqui não arredo o pé!

Acabei rindo e ela também. Dona Flora é aquele tipo de vizinha que a gente gosta como tia ou como vó, outra pessoa que já faz parte da família.

Olhei para a mesa e vi duas torradas um pouco passadas. Na verdade, meio queimadas. Era dali o cheiro.

Sentei à mesa enquanto ela me servia uma xícara de café e colocava bolachas num pratinho. Era estranho: as torradas não pareciam estar tão queimadas a ponto de exalar tanto cheiro. Ao final do lanche, levantei da mesa, agradeci à dona Flora e fui ao quarto me preparar para a aula.

Naquele momento a imagem de Guido me veio à mente. Que tristeza! Mas não tinha jeito: era encarar a parada. Guardei meu material na pasta. Despedi-me de dona Flora e Júlia nem se manifestou. Ficou no quarto, de porta fechada.

Já estava fresco o ar da tardezinha. Eu caminhava sentindo o sereno me cobrindo aos poucos. Passei por um casal de namorados abraçados.

Que inveja.

Uma brisa balançou as árvores do canteiro central da rua. Um senhor passou por mim com a cara quase grudada num celular e tive de desviar para não batermos de frente. Ele olhou para mim e sorriu, cumprimentando-me. É comum, em uma cidade do interior, sorrisos e saudações mesmo entre desconhecidos.

De repente, comecei a perceber que os odores e cheiros da rua pareciam mais fortes. Pensei que era bobagem, mas lembrei do incidente com Vânia. Era muito estranho estar sentindo cheiros tão fortes em todo lado. Fiquei um pouco

preocupado, imaginando se fosse alguma doença, sei lá, um desequilíbrio nos meus hormônios... Na adolescência tudo podia acontecer.

Dobrei uma esquina e ouvi um ruído familiar. Era Tio Ênio, um viúvo sessentão muito amigo da minha família e atualmente meu patrão. Ele vinha pedalando sua bicicleta. Acenou e parou ao meu lado.

- Já na hora da escola?

- Estou indo para lá.

- Antigamente, a esta hora, só que aos domingos, eu costumava ir para a praça do Largo das Bandeiras, sentar lá com Maria. Nem que fosse um pouquinho. Tomávamos um mate, olhávamos um pouco o movimento e depois íamos para casa... Bem, vou deixar você seguir para a escola. Amanhã espero você de manhã lá na floricultura para mais um dia de trabalho.

- Até amanhã, tio.

Maria era a esposa que ele perdera fazia anos. Eu mal cheguei a conhecê-la. Mesmo assim, tudo na floricultura estava disposto conforme o gosto dela. Era a forma de Tio Ênio senti-la mais perto de si.

Ele fez menção de pedalar, mas se deteve, olhou para mim e perguntou:

- Você sabia que um chá de camomila à noite previne pesadelos?

- Não.

- Então, como os jovens costumam dizer, fica a dica. – piscou.

Eu não pude evitar sorrir e ele retribuiu o sorriso, partindo, pedalando devagar.

O Instituto de Educação Jaguareense funcionava num prédio antigo, alto e imponente, entre o centro e o rio Jaguarão, na Rua General Marques. A cor azul acinzentada dos muros e do edifício repleto de janelas dava a impressão de um lugar envelhecido, apagado.

O portão já estava aberto e pouco antes de entrar encontrei Sérgio, meu melhor amigo. Ele gostava e levava muito a sério seu modo de vestir: uma camisa completamente desabotoada sobre uma camiseta básica e calças jeans. Não posso

deixar de mencionar sua mochila de jeans nas costas, combinando com as calças surradas. Tinha dezoito anos, embora às vezes não parecesse. De qualquer modo, era um cara muito legal, um bom amigo.

- E aí, cara? Tudo beleza?
- Tudo bem.
- Tá raspando a barba, hein? - sorriu ele – Gostei.

Toquei-me a cara e senti uma aspereza inesperada.

- Aí, mano... - seguia Sérgio, mastigando aquele chiclete cujo cheiro de morango quase embrulhou meu estômago -... Ontem você saiu mais cedo e o professor de Biologia marcou um trabalho para a semana que vem. A Vânia pediu o telefone da sua casa e eu dei. Acho que ela quer convidá-lo para o trabalho. Eu vou ficar no grupo da Magda. Você quer entrar para o nosso grupo?

- Valeu, Sérgio, mas realmente fui convidado para o grupo da Vânia e já aceitei.

- Muito bem! É assim que se fala! - sorriu ele - Além do mais, o grupo da Magda é só gatinha. Como você não vai entrar, serei o dono do harém, o bendito fruto!

Sérgio tinha um bom humor característico e continuou falando uma série de coisas que eu deixei de ouvir quando percebi que Vânia ia do outro lado da rua. “Que menina mais linda”, pensei.

- E aí, mano, quando você vai poder passar uma noite lá em casa? Podemos fazer umas paradas bem legais. Será divertido!

- Eu sei, Sérgio, mas meus pais ainda estão viajando. Não posso deixar a Júlia sozinha com a dona Flora. Mas quando eles voltarem, a gente combina. – respondi sem tirar os olhos de Vânia.

Meu amigo percebeu meu estado “babativo” e disse:

- Vou indo, mano. Tenho que levar um CD pro Barbicha, um carinha da outra turma, antes de começarem as aulas.

Depois que Sérgio se foi ainda fiquei mais alguns instantes contemplando Vânia, que vinha se aproximando do portão da escola. Eu sonhava acordado.

Só que o sonho virou pesadelo. Subitamente, senti uma mão me puxando com força para trás. Quase caí. Olhei para o lado, meio irritado, imaginando que era Sérgio fazendo uma brincadeira de mau gosto, mas meu estômago se embrulhou quando vi Guido e seus dois lacaios. O valentão rosnou:

- Hoje quero comer lanche no bar!

Notei que Vânia tinha parado de caminhar e me olhava desde o portão. Pior impossível!

Alunos curiosos paravam para olhar, enquanto a maioria dos garotos que passava fingia não ver.

- Por acaso está surdo? - perguntou Guido, irritado.

Por um momento, pensei em dar logo o dinheiro, mas o olhar de Vânia me impedia de ser tão covarde. Olhei para Guido, sem saber bem o que fazer.

- Então, Zé Mané? - insistiu.

Um dos garotos de outra turma, que chegava à escola se aproximou com um olhar de reprovação, mas os lacaios de Guido logo o encararam, intimidando-o.

O olhar de Vânia me queimava desde o portão. Por que não entrava logo na droga de escola? Um pequeno grupo de idiotas continuava olhando, sem ajudar, é claro. Eu estava queimando de vergonha e raiva. Julguei sentir um ardor correndo pelas minhas costas e meus dedos começaram a doer, como a cabeça. Um festival de emoções e cheiros inesperadamente nítidos misturavam meus sentidos e minha mente.

Após um instante, dominando-me, meti a mão no bolso e tirei o dinheiro que trazia. Guido esboçou um sorriso. Nem me atrevi a olhar para Vânia. Rezava para que ela já tivesse entrado.

- Muito melhor agora, Mané! - disse ele tomando o dinheiro e indo embora.

Rapidamente o grupo de espectadores se desfez e tudo continuou como se nada tivesse acontecido. Eu estava me sentindo o último cara da face da Terra. O pior de

todos. Como se as coisas não pudessem ficar piores, arrisquei uma olhadela para o portão, de onde Vânia continuava me olhando.

Não resisti mais. A humilhação teria sido menor se não fosse na frente dela. Virei as costas, fingindo não tê-la visto e me afastei da escola a passos largos.

De nada adiantava pensar que a bolsa daquela escola era muito importante e que eu não podia colocá-la em risco batendo de frente com o filho do diretor. Que meus pais não tinham condições de bancar uma mensalidade num lugar como aquele e que eu não sabia como o diretor Fausto reagiria se eu brigasse com Guido.

Uma raiva crescente se apoderava de mim. O desprezo que sentia por mim mesmo não me deixava em paz.

Eu estava furioso. Furioso com Guido e seus puxa-sacos, mas principalmente comigo mesmo, por não ter dado um soco bem no meio da cara dele. Agora a Vânia devia pensar que eu era um covarde. Na verdade, eu era mesmo. Tinha de admiti-lo.

Comecei a correr sem rumo. Acabei entrando no parque municipal, pelo portão semidestruído. Durante o dia o “Parque Verde”, como era chamado, tinha bastante movimento. Mas à noite era completamente deserto. Ali ninguém iria me encontrar. Só queria estar sozinho, sem ninguém para me chatear ainda mais. Sentia-me um fracassado, um zé-ninguém.

De que me adiantava ter boas notas se não conseguia nem me defender sozinho? Minhas costas ardiam. Minha cabeça latejava. Senti a garganta queimando, assim como a pele do rosto, dos braços e pernas.

Cãibras tomaram meus músculos. Achei que estava tendo um ataque de nervos ou coisa parecida. Mas o pior ainda estava por vir. As coisas começaram a girar ao meu redor. O ardor e as dores me castigavam cada vez mais. Caí de joelhos e gemi. Para minha surpresa ouvi uma voz rouca sair de minha garganta.

Súbito, a imagem de Guido me veio à memória. Se eu estava passando mal dos nervos certamente era por culpa dele. Eu podia sentir os latidos furiosos de meu coração que entrava em taquicardia. Era provável que eu fosse ter um infarto ali mesmo.

- Sempre ele! - rosnei, literalmente.

Uma brisa varreu as árvores. Pude ouvir com grande nitidez cada folha farfalhando ao meu redor.

A dor e a raiva se misturavam de uma forma assustadora. Meu raciocínio se nublava vertiginosamente. Em poucos instantes me senti incapaz de formular um pensamento razoável. Emoção e instinto se misturavam.

Ouvi o miado assustado de um gato que se escondia entre as árvores perto dali e não soube se era uma alucinação ou realidade.

Minha pele ardia como jamais sonhei e ouvi estalos em minhas costas. Estava hiperventilando, ou sufocando, não sabia ao certo. Meus pulmões pareciam querer explodir. De repente mordi a língua e percebi que algo acontecia com minha boca. Gritei de dor.

Meus grunhidos já não me assustavam mais. A imagem de Guido era a única coisa em minha mente. Toda aquela raiva acumulada, aquele ataque inexplicável. Eu provavelmente estava enlouquecendo. Mas nem isso conseguia pensar.

Foi quando a luz da Lua apareceu de trás das nuvens carregadas. Senti uma fúria primitiva surgir de meu interior. Imagens de lobos e florestas vieram-me à mente. Apenas percebia o que estava me acontecendo.

A dor e a raiva aumentaram até limites que jamais pensei serem possíveis e caí por terra quando a dor foi completamente insuportável. Gritei e ouvi um som como o rugido de uma besta selvagem. A dor passou repentinamente e uma onda de calor tomou meu corpo. Meu pulso estava superacelerado.

Agora o que eu sentia era só calor e raiva, muita raiva. Tinha desejos de voltar à escola e pegar o Guido. Na verdade, sentia vontade de mastigá-lo. Nunca havia sentido tanta fúria. Nem das outras vezes que o valentão me humilhara ou perseguira.

Foi quando percebi um vulto vindo em minha direção. Surpresa e raiva não tiveram limites quando reconheci Guido caminhando, rindo de mim. Agora aquilo ia terminar! Levantei-me do chão imediatamente. Dei um salto com todas as minhas forças e cobri em um segundo a distância de dez metros que nos separava.

Eu tinha a boca aberta e as mãos prontas para rasgá-lo em pedaços. Mas alguma coisa aconteceu. Guido deu um passo para o lado no último instante e

entrei numa nuvem sufocante de um pó que se aderiu em minhas vias respiratórias. Engasguei imediatamente e não conseguia respirar. Era uma sensação terrível.

Rolei pelo chão e bati com a cabeça numa árvore. Levantei-me rapidamente. Minha garganta se contraía de uma forma insuportável. Meus olhos também estavam fechados e sentia como se estivessem queimando.

- Fique calmo. - disse Guido

O que diabos ele estava fazendo ali? Era tudo muito confuso. Eu estava desorientado e cambaleava, mas consegui perceber que tinha algo de diferente em sua voz.

No instante seguinte senti alívio. A raiva que me tomava começou a desaparecer. O raciocínio retornava. Mas eu continuava sem respirar, com a garganta incrivelmente contraída.

- Já vai passar. - disse uma voz familiar.

Senti sua mão em minhas costas, ajudando-me a sentar no chão e finalmente pude respirar.

- O efeito desse pó dura pouco. Varia muito de acordo com a graduação de prata que você coloca nele.

- Tio Ênio? É o senhor? - perguntei com aquela voz cavernosa – Onde está o Guido?

- Não tem nenhum Guido aqui. Fique quieto. O mal-estar já vai passar.

Naquele momento percebi que ele tinha posto algo no meu pescoço. Toquei e era uma correntinha com uma espécie de medalhão.

- Não o tire daí, Daniel. Fique com ele e tudo estará bem.

Permaneci alguns instantes imóvel. Sentia como minha respiração se normalizava, acalmando-me, embora minha garganta ainda estivesse um tanto contraída.

- O que está acontecendo comigo, tio?! Estou ficando maluco?! Estou alucinando? Pensei que Guido estivesse aqui...

Ele sorriu e me tomou a mão.

- Guido não está aqui. Isso foi alucinação. Mas isto aqui é bem real. E é melhor encarar logo os fatos.

Num primeiro momento não entendi a que se referia. No segundo seguinte, uma intuição arrepiante tomou conta de mim. Foquei a vista em minha mão e percebi que havia algo terrivelmente errado. Uma pelagem negra e espessa cobria minha mão. Como se não fosse o bastante, meus dedos estavam mais compridos que o normal. Eu não conseguia falar.

- Não se assuste. Não é tão ruim quanto parece. – disse Tio Ênio dando de ombros – Bem, sei eu é chocante, mas você vai entender que ser grande e peludo tem lá suas vantagens! Vamos conversar...

CAPÍTULO 2

Tio Ênio sempre foi um homem metódico e precavido. Em sua motinho 125 cilindradas ele tinha uma capa de chuva presa ao banco, para alguma eventualidade. Graças a essa capa, pude chegar a casa dele sem chamar tanto a atenção.

Assim que entrei, tio Ênio me indicou o sofá laranja para que me sentasse. Deixei meu corpo cair e fiquei imóvel, confuso demais para fazer qualquer coisa. Enquanto preparava um chá, tio Ênio falava comigo desde a cozinha, que ficava ao lado da saleta onde eu estava.

- Seu pai me deve uma cerveja.
- O quê?
- Eu sabia que isso iria acabar acontecendo...
- Isso o quê, tio? O senhor quer dizer: eu virar uma aberração?! - perguntei indignado, observando meu corpo coberto de pelos, garras saindo dos tênis e braços que mais pareciam os de um gorila.

Ele riu bastante, o que me deixou ainda mais irritado. Mas antes que eu pudesse falar qualquer coisa, apareceu na porta e disse:

- Minha esposa era igual a você e nunca me passou a palavra “aberração” pela cabeça. Nem quando ela estava de TPM.

Não pude evitar um sorriso. Com toda aquela loucura, ele ainda fazia piadas!

- Tia Maria? Ela também era assim?

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

- O que eu tenho, tio Ênio? O que é isso que está acontecendo comigo? E os meus pais, sabem que tenho essa... doença?

Ele deixou a água esquentando no fogão e se sentou ao meu lado. Colocou a mão em meu ombro e disse com um tom pacificador:

- Você é uma pessoa especial, Daniel. Como seus pais, pertence a um grupo seleto de pessoas que têm um dom.
- Um dom? - disse eu mostrando as mãos peludas de dedos longos.
- Você pertence a uma raça de homens que habita este mundo há tanto tempo quanto a própria humanidade...
- Uma raça de monstros!
- De homens diferentes. De homens lobo. - corrigiu-me ele – Acho o termo mais bonito que Lobisomens.
- Lobisomens? Do tipo folclore e mitos antigos? Do tipo fábulas infantis?

Ele percebeu minha atitude cética e disse:

- Bem, não sou eu que tem a voz tremendamente rouca nem o corpo cheio de pelos.

Fiquei calado alguns instantes, tratando de organizar meus pensamentos. “Lobisomem é lenda, não existe!”. “Crendices populares! Baboseiras!” Era ridículo que no mundo globalizado, com Internet, smartphones e robôs, alguém pudesse acreditar nesse tipo de coisa! Mas minha aparência dizia todo o contrário.

E o pior de tudo era que se já era difícil chegar perto de Vânia, agora seria impossível. Estava tudo perdido. Ao final daquelas reflexões, perguntei:

- O que devo fazer, tio?
- Nada. - sorriu ele.
- Nada?
- Exato. Fique quieto. Tudo vai se acomodar logo, logo. Vamos tomar um chá e conversar.

Mas não me contive e fui até o banheiro.

- Ai meu Deus! Ai, meu Deus! – berrei ao ver aquele reflexo peludo no espelho.

O rosto estava deformado, os olhos amarelos, a mandíbula saliente, tudo coberto de pelos. Eu era uma aberração mesmo!

Com aquelas mãos enormes, tentei tirar a camiseta, mas só consegui rasgá-la e ver os tufo de pelos no peito!

Meus urros chamaram a atenção do cachorro do vizinho, que latia do lado de fora, para a janelinha do banheiro.

Os latidos me deixaram mais nervoso e enfiei a cabeça na janela.

- Fique quieto! – rosnei com aquela voz cavernosa.

O cachorro ficou mudo. Depois, ganindo baixinho, foi recuando até se meter na sua casinha, no pátio.

Tio Ênio surgiu no banheiro:

- Por favor, Daniel, venha comigo, trate de se acalmar um pouco!

- Falar é fácil...

Ele me conduziu até o sofá, onde me deixei cair novamente. Depois de servir o chá, ele se sentou no sofá. Eu tinha dificuldade em segurar a xícara. Não estava habituado com aquelas mãos grandes.

- Não se preocupe, irá se adaptar. - sorriu tomando um gole de chá.

- Acho que nunca vou me acostumar com isso...

- Hoje você recém passou pela primeira metamorfose... Dê tempo ao tempo...

- Como vou fazer para ir para casa agora, tio? Vou matar a Júlia do coração! Espere, o senhor disse que meus pais são lobisomens também?

- Sim. – respondeu ele com naturalidade.

Aquilo só podia ser um pesadelo! Éramos a família monstro! Depois de um momento, outro pensamento me assaltou.

- Vou ficar assim para sempre?

Ele fez um gesto para que eu bebesse o chá.

- É claro que não! Mas precisa ficar mais calmo primeiro.
- O senhor disse que Maria também era assim. E o senhor, é?

Ele sorriu:

- Não. Não sou. Agora tome o chá e respire fundo, por favor.

Foi uma experiência bem estranha. O formato do meu rosto estava modificado. Meus lábios não conseguiam se encaixar na xícara. Enquanto eu sofria para tomar uma simples xícara de chá, tio Ênio começou a falar:

- Antes de voltar para casa, deve saber algumas coisas.
- Que coisas? - perguntei desconfiado.
- Não pode achar que sua vida será igual ao que era antes. Nunca mais nada será igual, Daniel. Todo ser humano tem seu lado animal, que carrega desde o princípio da raça humana e ainda muito antes dela. Nos homens-lobo, boa parte dessa herança animal toma força e passa a formar ativamente parte da pessoa. Você já deve ter percebido que seus sentidos estão mais afinados. Agora você ouve melhor, vê mais longe e nitidamente, sente odores antes desconhecidos, etc. Isso sem contar que seu corpo agora possui algumas qualidades como a capacidade de se curar de feridas muito rapidamente.
- Pelo menos uma coisa boa... - murmurei para logo ficar em silêncio ante o olhar de reprovação de Tio Ênio.
- Entretanto, nem todos os filhos de homens-lobo possuem essas características. Alguns podem ser pessoas completamente...
- Normais? - completei.

- Comuns. - repôs tio Ênio – Existem casos, inclusive de alguns homens-lobo que não sofrem metamorfose alguma, ficando apenas com os sentidos mais aguçados. Mas não é o seu caso. Por isso é bom saber o seguinte: você passará por um processo onde sua natureza animal tentará dominar sua parte humana. Você sentirá seu instinto de predador despertar cada vez mais e suas habilidades de caçador vão se desenvolver gradualmente. Mas esteja preparado. Você está aí sentado tomando chá porque pode raciocinar. Isso porque está usando um amuleto de grande poder.

Essa era boa. Como se não bastassem todos os meus problemas, agora minha natureza animal iria tentar me transformar num maníaco. Um candidato perfeito para Vânia!

- Amuleto?

- A maioria dos homens-lobo tem dificuldade em se controlar até conseguir se adaptar a sua nova condição. Leva um pouco de tempo, mas depois disso, a maioria consegue se dominar. Infelizmente nem todos tem essa sorte. Maria tinha muita dificuldade para se controlar e precisava utilizar esse amuleto para ajudá-la a pacificar sua parte animal. Não posso assegurar que esse seja o seu caso, mas pelo sim, pelo não, use-o por uns tempos. Agora preste atenção, Daniel: daqui pra frente, em noites de Lua cheia, seus instintos mais sombrios sempre vão estar à flor da pele. Sempre dependerá de você dominá-los.

- Todos na minha família são assim?

- Não. Sua irmã ainda não teve nenhuma manifestação. Mas ela ainda tem tempo. Geralmente acontece, se acontecer, na adolescência.

- Então só os meus pais são com eu...

- Isso mesmo.

- E o senhor disse filhos de homens-lobo. Isso significa que ambos os pais têm de serem lobisomens para que os filhos nasçam assim?

- Deixe-me explicar. As mutações que produzem homens-lobo são muito peculiares. Nem os pais precisam ser homens-lobo. Se forem, as chances aumentam muito. Mas basta que um ancestral seja um homem lobo para que essa mutação possa aparecer.

- Como uma loteria?

- Se você preferir... Agora é hora de um pouco de História. - disse ele se levantando.

- O que vai fazer?

- Tenho um presente para você. Há tempos venho guardando e agora é um bom momento para entregá-lo. Vai ajudar.

Dito isso, saímos da saleta e nos dirigimos até o quarto onde tio Ênio abriu o guarda-roupa.

- Eu o deixei aqui... Vejamos... - dizia ele - esticando a mão para a parte mais alta do móvel.

Finalmente tocou em algo e começou a arrastá-lo para fora do guarda-roupas. Era uma caixa de papelão, forrada com um papel florido e desbotado pelos anos.

- Maria guardava estas coisas. Tenho algo que vai lhe ajudar.

E desceu a caixa, colocando-a sobre uma mesinha. Com solenidade abriu a tampa.

- Aqui está. - ele disse satisfeito - Sente-se nesta cadeira ao meu lado.

Obedeci e sentei. Olhei para dentro da caixa e vi um livro com uma capa de couro puída.

- Maria sempre escrevia. Este diário contém uma série de informações sobre esse novo mundo em que você passará a viver...

Subitamente, Tio Ênio parou de falar, fixando a vista em uma das paredes do quarto. Ouvi um som agudo, extremamente sutil, como se algo estivesse deslizado pelo chão ou pelas paredes. Voltei-me depressa e vislumbrei um vulto parado na porta. A visão durou apenas um décimo de segundo, mas meus pelos se eriçaram completamente.

- Retorne às trevas! Denom Avton Aeon! - disse tio Ênio com firmeza.

Um ruído desagradável, como um guincho, também muito sutil se ouviu. Meu coração acelerou e comecei a sentir minha pele esquentar.

- Não foi nada de mais. - disse tio Ênio – Eles já foram embora. Pode ficar tranquilo.

- Eles? - indaguei assustado.

- Não se preocupe. Como eu dizia, no diário estarão muitas das respostas que você precisa para se adaptar a essa nova realidade na qual você viverá de agora em diante. Tome. Dê uma olhada.

- Nova realidade? - disse eu folheando aquelas páginas envelhecidas, ainda preocupado com aquela coisa que eu nem imaginava o que fosse.

- Claro! - sorriu ele – Ou acha que a maioria das pessoas consegue ver e ouvir os mortos?

Sobressaltado, levantei num pulo da cadeira e com os olhos arregalados comecei a espiar tudo ao redor, cada canto, cada sombra, temendo ver algo mais.

- Era Maria? – perguntei confuso.

- Não. Almas como a dela não perambulam pelo mundo dos vivos. – respondeu-me com simplicidade.

Aquilo foi sinistro. Os fantasmas, assim como os lobisomens, deixavam definitivamente de pertencer à categoria “crendice popular”.

- Agora vamos para a sala. Você precisa voltar ao normal. - disse tio Ênio conduzindo-me pelo ombro para fora do quarto.

Após alguns minutos, sentado no sofá, finalmente consegui relaxar um pouco. De olhos fechados, pude sentir como o sono me invadia.

- Tire um cochilo. Vai lhe fazer bem. Mas antes, empreste-me sua camiseta para eu costurá-la.

- Mas e a Júlia? – disse tirando a camiseta - Ela vai ficar preocupada comigo se eu não voltar para casa.

- Ela pensa que você está na escola agora. Ainda falta bastante para sua aula acabar. Você tem tempo de sobra para um descanso.

- Por que estou com tanto sono, tio? Faz parte dessa metamorfose? - perguntei bocejando, sentindo os olhos pesados.

- Não. Dei a você dez comprimidos de tranquilizante dissolvidos no chá, para que pudesse relaxar. Não se preocupe, você só vai dormir um pouco, enquanto costuro sua camiseta.

- Dez comprimidos? Quantos o senhor toma?

- Quando preciso, meio. - respondeu ele com naturalidade antes que tudo ficasse escuro.

Senti que estava flutuando no espaço. Tudo ao meu redor era escuro. Não havia nada lá. Só um grande vazio tranquilo e silencioso. Um lugar sem começo nem fim, nem luz. Pensei que ali era muito calmo, apesar da escuridão. De repente, uma luminescência próxima feriu meus olhos. Virei o rosto e vi uma mulher flutuando ao meu lado.

Ela tinha trajes prateados e um olhar sereno. Era muito jovem e bonita. Lembrava alguém conhecido. Eu só não sabia quem. Ela estendeu a mão em minha direção, com um sorriso suave. Estiquei o braço, mas não consegui alcançá-la. Subitamente um brilho forte surgiu e ela se desvaneceu ante meus olhos. O brilho vinha da Lua. Uma Lua enorme e cheia. Uma Lua linda. Então, a voz de tio Ênio me arrancou daquele sonho:

- Está feito, Daniel. Você já pode acordar.

Abri os olhos e a luz da lâmpada me incomodou um pouco.

- Quanto tempo fiquei dormindo, tio?

- Uns vinte minutos.

Era inacreditável: eu me sentia como se tivesse dormido uma noite inteira. Estava disposto e ativo, sem sinal de sonolência ou abatimento. O efeito dos calmantes já havia passado! Em vinte minutos!

- Você já descansou o bastante. Agora vou levá-lo para casa.

- Mas tio, eu não posso...

E parei de falar, pois percebi que minha voz havia voltado ao normal. Fui até o banheiro e me olhei no espelho. Era eu novamente!

- Se você dormir, vai reverter a metamorfose, Daniel. Essa é a lição número um.

- Obrigado, tio Ênio!

- Não me agradeça. Procure ficar calmo até amanhã de manhã. As situações de estresse, nervosismo ou excitação ativam a transformação.

- Entendi.

- Ótimo! Agora que você voltou ao normal o capacete do carona vai servir. Está ali, perto da mesa da cozinha. - disse tio Ênio abotoando o casaco. - Está refrescando. Coloque aquela sua jaqueta que você deixou aqui. Não vai querer aparecer em casa com essa roupa costurada.

Eu tinha, pelo menos, um milhão de perguntas, mas entendia que precisaria de tempo para poder assimilar todas as respostas. Por enquanto eu me conformara em aceitar, se era possível, a ideia de que boa parte, senão tudo nas crenças populares podia não ser mera fantasia...

CAPÍTULO 3

Alguns minutos mais tarde, entrei em casa. Bem na hora em que costumava chegar. Tio Ênio me acenou desde a moto e partiu em seguida. Foi perfeito. Tranquei a porta silenciosamente e fui para meu quarto buscar outras roupas.

Coloquei o diário de Maria embaixo do travesseiro. Queria lê-lo em paz, deitado na minha cama. Embora estivesse curioso para saber o que estava escrito, precisava de um banho para relaxar mais um pouco.

Fui para o banheiro e abri o chuveiro. Enquanto tomava banho, tudo o que havia vivido nas últimas horas desfilava na minha cabeça. Era tudo muito recente e eu sequer conseguia imaginar as consequências que acabaria vivendo.

Subitamente, um ruído baixo chamou minha atenção. Sobressaltado, abri a cortina do chuveiro e dei uma olhada ao redor. O banheiro estava vazio.

Após alguns minutos, terminei meu banho e vesti a calça. De repente ouvi novamente o ruído. Desta vez parecia vir do corredor.

Sem pensar, abri a porta do banheiro. Naquele instante me deparei com um vulto, imerso na penumbra. Instintivamente dei um salto para trás. Foi só no segundo seguinte que reconheci a voz de Júlia, rindo a valer.

- O que houve, garoto? Até parece que viu uma assombração!
- Por que não ligou a luz? - perguntei irritado.
- Por que eu teria de ligar se não preciso? Eu sei o caminho do banheiro de cabeça! - riu divertida.

Mas, de repente, Júlia parou de rir.

- O que é isso, Daniel? - perguntou apontando para o amuleto de Maria que eu não tirei nem para tomar banho.

- Ah! É um... É um... - gaguejei sem conseguir pensar em nada para responder.

- Um dos brinquedos daqueles personagens ridículos das revistinhas do Sérgio?

- Isso mesmo!

- E por que você está usando se não gosta dessas revistinhas? - perguntou intrigada.

- Porque ele é meu amigo e me deu isso de presente! Que pergunta! - respondi com um ar indignado.

Ela se calou e parecia que eu poderia me vestir em paz. Mas perguntou, apontando para meu ombro esquerdo:

- E o que é isso?

- Isso o quê?

E notei um chumaço considerável de pelos acima do ombro.

- É um sinal! - disfarcei procurando pela minha camiseta, para vesti-la.

- Eca! - Júlia fez uma careta de nojo – Você devia ver um dermatologista!

- Vou consultar, Júlia. Vou consultar. - respondi pegando o resto das minhas roupas e saindo do banheiro.

- A mãe e o pai mandaram um beijo.

- Obrigado, Júlia. Boa noite. - disse eu entrando em meu quarto e fechando a porta.

- De nada, peludo! Bons sonhos!

Peludo! Ninguém merece! Mas o que eu podia fazer? Fui até a gaveta onde guardava um pacote com lâminas de barbear descartáveis e comecei a tentar aparar aquela coisa. Para meu desespero logo as lâminas estavam entupidas de pelos, pois eram muito numerosos e espessos.

Mas o pior foi que depois de quase meia hora aparando aqueles pelos, percebi que a pele naquela região estava cinzenta, num tom que não combinava muito com minha pele clara.

Era o cúmulo! Tinha uma mancha cinza do tamanho de uma laranja no ombro e não tinha a menor ideia de como poderia ir novamente a uma praia e não ser apontado como “aquele cara com a mancha de pele horrível.”

Decidi esquecer do problema por enquanto e me deitar. Na cama, puxei o diário de Maria de baixo do travesseiro. Eu estava tão agitado que não sabia se leria alguma coisa ou ficaria divagando sobre meu futuro como lobisomem... Logo descobri que Maria não só escrevia, mas também desenhava. Não eram desenhos compreensíveis para mim. A maioria eram símbolos estranhos, pentagramas e coisas do tipo, sem explicações. Não dei muita atenção aos desenhos e comecei logo a ler, pensando se realmente aquele diário tinha algo de relevante em seu conteúdo.

Mas logo me interessei pela leitura. Maria tinha uma boa história para contar. Não demorou mais do que três ou quatro linhas para que o diário prendesse completamente minha atenção.

Diário de Maria

Ganhei este diário de tio Júlio. Por isso, seguindo um conselho dele, vou escrever todos os dias coisas importantes, do passado e do presente, para que meus filhos e netos possam saber um pouco mais sobre minha história.

Há um ano fugimos de casa, pouco antes de que os meus primeiros sintomas se manifestassem. Eu havia quebrado uma xícara sem querer. Antes era só com a mamãe. Mas daquela vez meu pai veio direto para cima de mim e me bateu forte no rosto. Eu caí meio tonta e ele me chutou. Parecia que eu também iria começar a apanhar regularmente, como minha mãe.

Mas mamãe fez uma coisa que eu jamais esperei.. Foi assustador, porque depois de anos apanhando, ela finalmente reagiu. E reagiu com uma fúria que eu não acreditei ser possível. Com um tapa, arranhou o rosto dele, que ficou ainda

mais violento e deu um soco nela. Mamãe caiu no chão, inconsciente, e ele veio para cima de mim, com o cinto na mão. Eu iria apanhar de fivela, como mamãe apanhava quando ele estava transtornado. Meu pai me bateu uma vez, duas, três vezes, mas parou de repente.

Assustada e dolorida, ouvi um rosnado feroz, como de um animal selvagem. Meu pai estava apavorado. Olhei para o lado e vi do outro lado da cozinha uma criatura peluda, rosnando, com olhos de fogo.

Meu pai recuou alguns passos, confuso. Eu não sabia o que fazer. Mamãe havia desaparecido. No seu lugar, estava aquela fera.

Não quero dizer muito mais sobre o assunto. Apenas que meu pai teve o seu merecido por todos os anos de violência gratuita. Eu achei que estava vendo coisas, que estava imaginando. Era óbvio que minha mente estava me pregando uma peça.

Era a explicação lógica para eu estar vendo minha mãe como aquela criatura, que havia conseguido dominar meu pai e trancá-lo no banheiro, após haver-lhe dado uma lição. Fiquei sentada no sofá da sala, enquanto mamãe foi ao quarto, buscar sua bolsa logo depois da briga. Minha cabeça dava voltas e acabei vomitando de ansiedade.

Para meu alívio, quando mamãe retornou do quarto, eu já a via como sempre havia sido; uma mulher normal. As alucinações haviam acabado. Saímos de casa enquanto meu pai estava quieto no banheiro, muito assustado para saber o que estava acontecendo de fato. Levamos só a roupa do corpo e mais algumas poucas coisas. Na verdade, não tínhamos nada mesmo. Tomamos o primeiro trem que saía do terminal e eu tinha certeza de que nunca mais iria ver o meu pai.

Eu me sentia sonolento. Já era tarde e minha ansiedade desaparecera por completo. Adormeci com o diário nas mãos e em pouco tempo estava sonhando. Sonhos confusos e esparsos num começo. Mas depois, um sonho nítido, como um filme que eu já havia assistido muitas vezes antes...

“Havia fogo por toda parte. Cheiro de carvão, carne queimada e sangue. No céu, o crepúsculo se aproximava rapidamente, tingindo tudo de um tom escarlate. A batalha havia terminado. Apenas destroços, corpos e fogo que consumia os restos da carnificina.

Passei a mão pela testa e senti algo úmido. Sangue. O ferro amassado da armadura me incomodava. O ar entrava nos pulmões com dificuldade. As têmporas latejavam com força. Meu reino estava acabado, pensei, enquanto olhava para o castelo distante.

Virei-me para o corpo do guerreiro que jazia a minha frente, caído no chão. Eu o conhecia. Eu o conhecia bem demais. Meus olhos se encheram de lágrimas quando minhas mãos tocaram a espada cravada no peito do meu irmão. Minha espada. A dor e a tristeza eram insuportáveis”

Acordei com os raios de sol entrando pela cortina do quarto. Estava muito impressionado com aquele sonho. Parecia tão real que eu me senti angustiado. Demorou alguns instantes para aquela sensação de tristeza diminuir e finalmente desaparecer.

Sentei na cama esfregando os olhos e me lembrei da noite anterior. Olhei por baixo da camiseta e vi que a abominável mancha escura havia desaparecido. O alívio foi indescritível. Vesti minha roupa e fui para a cozinha, tomar o desjejum.

Dona Flora estava tomando café à mesa, animada.

- Estou tão contente, meu filho!
- Por quê?
- Meu sobrinho vai vir me visitar daqui a um mês! Ele mora na Irlanda e faz muitos anos que não o vejo. Desde pequenininho!
- Que legal, dona Flora! – sorri servindo-me o leite.

Júlia apareceu em poucos instantes, para tomar seu café e ir para a escola.

- Bom dia, peludo! - sorriu ela com visível preguiça.
- Peludo? - perguntou dona Flora.
- Não ligue não, dona Flora. Coisa de criança. - apressei-me a dizer.

- De criança nada! - defendeu-se Júlia – A senhora tem que ver a mancha peluda que ele tem no ombro!

- Você vai se atrasar, Júlia. - disse eu, tratando de aparentar indiferença ante suas provocações.

- Mostre pra ela!

- Deixe de incomodar e tome logo seu café, garota!

- Calma, meninos, calma! Por favor, vamos tomar o desjejum em paz! - protestou dona Flora, que detestava brigas.

Logo Júlia terminou seu café e foi para a aula, deixando-me em paz. Dona Flora também se foi e eu me arrumei para ir à floricultura. Agora tinha uma enorme quantidade de perguntas para tio Ênio.

As ruas começavam a ganhar movimento. Os estudantes saíam assim como os trabalhadores. Quando cheguei na floricultura, encontrei tio Ênio sentado no chamado quartinho do chá, bebendo uma xícara de chá.

- Vejo que hoje você está bem melhor. Está usando o amuleto? - sorriu ele.

- Estou.

- Muito bem. Antes de mais nada, deve saber que a metamorfose pode ser controlada. Você se transformará como uma forma de defesa, inicialmente. Mas pode dominar o processo concentrando-se no desejo de provocar a transformação ou revertê-la. Não quer dizer que seja fácil, mas com o tempo e a prática, você pode chegar a dominar isso. Faça um exercício simples: quando não houver gente em casa, concentre-se no desejo de se transformar. Como está usando o amuleto, não irá ser dominado por sua natureza inferior. Depois, deve fazer o processo contrário, para reverter a metamorfose. É bom pegar prática no domínio desse processo. Acredite, pode ser útil para você. Entendeu?

- Entendi.

- Fora isso, imagino que tenha perguntas para fazer, não?

- Muitas.

- Está lendo o diário de Maria?

- Estou.

- Ótimo! Isso é bom. Agora escute. - disse ele me oferecendo um chá.

- Sou todo ouvidos.

- Preciso situar você no mundo onde passará a viver. Perceberá coisas que antes estavam seladas para os seus olhos e se não souber administrar isso, vai ter problemas.

- Problemas? Quer dizer que virar uma coisa peluda com dentes afiados não é suficientemente problemático? - indaguei inconformado.

Ele passou a mão nos cabelos. Estava algo impaciente, pois percebia que eu ainda não compreendia que o assunto era mesmo sério.

- Daniel, na natureza, toda criatura tem adaptações que lhe permitem viver melhor segundo um estilo de vida. Mas essas adaptações ou características têm um preço. Os peixes, por exemplo, são os senhores da água. Mas fora dela são presas muito fáceis, completamente indefesas. Toda mudança traz consequências, quer queira ou não. Antes da noite passada você tinha uma vida, agora terá outra, porque novas situações podem surgir ante os seus sentidos.

- Acho que não estou entendendo, tio.

- Bem, Daniel, deixe-me lhe explicar uma coisa: seus sentidos não funcionam como os de uma pessoa comum. Existem diferentes graus de sensibilidade e percepção. Você passou pela metamorfose há muito pouco tempo para saber qual é o seu nível, mas eu lhe asseguro: vai ver, ouvir e sentir coisas que antes não existiam para você.

Permaneci calado, tentando acompanhar aquelas palavras e pressentindo o que aquilo poderia significar.

- A natureza possui mais níveis e dimensões do que os humanos conhecem. Por isso, há outras criaturas que habitam entre os humanos inadvertidamente, há muito tempo.

- Criaturas?

- Sempre foi assim e sempre será. A humanidade é apenas mais uma raça de seres inteligentes sobre a face da Terra. Há uma quantidade imensa de seres pensantes que habitam o mesmo espaço que eu e você, mas a humanidade não consegue perceber. E é melhor assim, acredite.

- Acho que não estou captando, tio.

Ele fez uma pausa e emendou em seguida:

- Praticamente todas as criaturas presentes nas grandes mitologias têm sua origem em seres muito reais. O que acontece é que, há séculos, a humanidade perdeu a habilidade de ver esses seres. Além disso, a maioria dessas criaturas compreendeu que era melhor se afastar do contato com os humanos.

- Por quê?

- Dê uma boa olhada nos jornais. Veja o que a humanidade está fazendo com o planeta. Imagine se de um dia para outro, redescobrem os seres sobrenaturais que habitam o planeta. Na ânsia por poder, os humanos já demonstraram que são tão competentes quanto o pior dos predadores naturais. Na segunda guerra mundial, por exemplo, houve experimentos cruéis feitos em campos de concentração com antepassados de gente do clã dos seus pais. Nem os vampiros escaparam da perseguição. Por sorte já ficou tudo mais ou menos esquecido.

- Vampiros?! - exclamei – Do tipo que morre com uma estaca cravada no peito e chupam sangue?

- Sim, desse tipo. E é bom saber que eles e homens lobo não se levam nada bem. - disse ele com naturalidade tomando um gole de chá.

- Eu sei que os filmes e os livros falam da rivalidade entre vampiros e lobisomens, mas isso é invenção, né? Afinal, por que alguém seria meu inimigo sem sequer me conhecer? - perguntei perturbado. Essa era boa! Como se Guido fosse pouco, ainda acabaria arranjando novos inimigos?!

- O dicionário chama isso de preconceito. Você deveria compreender, pela sua relação com aquele garoto da escola, o Guido...

Concordei com a cabeça, perturbado.

- Além disso, as disputas antigas não se resolvem da noite para o dia. Vampiros e homens lobo, entre outros, são inimigos há muito tempo. Não se sabe ao certo como a briga começou. Mas muitos acham que é meramente instintivo, como inimigos naturais.

Eu estava tonto com tudo aquilo. Mas lembrei dos meus pais.

- O senhor disse “o clã dos meus pais”?

- Exato. Todas essas raças de seres, também chamadas míticos, são organizadas em inúmeras espécies de grupos, nações, clãs, reinos ou ainda os solitários, como a maioria dos vampiros. No caso dos homens lobo, há dezenas de famílias espalhadas pelo mundo, estruturadas em clãs. Os seus pais pertencem ao clã da Lua de Prata

- O nome até que é legal. - divaguei.

- Mas a nossa conversa tomou um rumo diferente do que eu queria. - disse tio Ênio – Preciso alertá-lo para algumas coisas. Como você já deve haver compreendido, a prata produz uma reação alérgica perigosa em membros da sua espécie. Lembre-se do efeito daquele pó que joguei em você no parque. Tinha apenas uma pequena fração de prata. E, principalmente: se notar coisas estranhas, fique calmo e continue agindo como se nada estivesse acontecendo. Você está recém começando a desenvolver seus sentidos e esse processo pode ser um pouco assustador, num começo. Mas não se preocupe. Eu vou estar aqui para lhe ajudar no que for preciso. E mais uma coisa: esse amuleto que você está usando é muito importante. Não o mostre para ninguém. Ninguém mesmo. Também procure não ficar nervoso. O amuleto é poderoso, mas não impede a transformação. Ele apenas ajuda você a não perder o controle. Portanto, não facilite. Procure fazer o exercício de concentração em casa, como lhe disse.

- Vou ter que usar esse amuleto para sempre?

- Os primeiros tempos são os mais críticos. Não custa prevenir.

- Pode deixar, tio. Não mostro nem tiro o amuleto e vou fazer o exercício.

- Tem mais uma coisinha, Daniel.

- O que é?

- Você passou apenas pelo primeiro nível de metamorfose. Mas com o tempo, acabará atingindo o nível máximo de transformação. Vai ganhar massa muscular e óssea, ou seja, vai aumentar consideravelmente de tamanho nas próximas vezes em que se transformar. Um dos inconvenientes disso é que suas roupas, se não forem bem elásticas, acabarão rasgando... Desta vez consegui costurar a sua camisa e por sorte seus tênis ficaram inteiros. Mas é uma coisa a ser levada em conta no momento de se exercitar, você sabe...

- Acho que entendo, tio. Posso ficar pelado se me transformar de novo, certo?

- Isso mesmo.

Depois dessas palavras, fiquei alguns instantes calado. Tio Ênio tentou me consolar;

- Não fique assim, Daniel. Eu adoraria ter sido abençoado com o seu dom. Nem todo mundo pode sentir o perfume da Flor-da-Lua! - sorriu ele tomando mais um pouco de chá.

- Aquela flor cheirosa que comentei com o senhor outro dia?

- Isso mesmo. Só pessoas como você podem apreciar o seu perfume. Eu mesmo não sinto o seu aroma.

- Se isso fosse um dom, eu não estaria me sentindo um bicho estranho, preocupado com as coisas que podem acontecer comigo. - protestei.

- Pode ter certeza de que é melhor se transformar num homem lobo de vez em quando ou quase nunca do que se alimentar exclusivamente de sangue e não ter amigos como um vampiro. Você tem um dom. Eles têm uma maldição. Devia parar de reclamar e me ajudar com aqueles vasos ali. - retrucou ele terminando o seu chá e levantando da cadeira.

Terminada a conversa partimos para o trabalho. Enchi os vasos de terra e irriguei algumas outras plantinhas. O aroma da Flor-da-Lua que estava num vaso no meio da floricultura era delicioso. Eu não podia discordar de tio Ênio: sentir aquele perfume era muito bom.

Mas estava preocupado, sem saber ao certo como tudo aquilo afetaria minhas escassas chances de me aproximar de Vânia. Já éramos de mundos socialmente

diferentes. Agora, ainda mais diferentes.

CAPÍTULO 4

Chegando em casa, fui para meu quarto. Tinha esperança de ler mais um pouco do diário de Maria, mas apenas me deitei para ler, levei um susto quando ouvi a campainha de casa. Contrariado, deixei o diário embaixo de meu travesseiro e fui atender a porta.

Era Mariano, o garoto que entregava as marmitas. Já estava quase hora do almoço. Mal tive tempo de deixar as quentinhas sobre a mesa e Júlia chegou. Tinha uma expressão diferente. Estava nervosa, o coração batia ligeiramente mais rápido.

- Como foi a aula? - perguntei, colocando os pratos.

- Foi boa. Ainda mais hoje que é sexta-feira. - disse ela, mal disfarçando um sorrisinho, colocando os copos e o suco sobre a mesa.

Liguei a televisão. O jornal iniciava com uma notícia policial. O repórter tinha as roupas desalinhadas e uma expressão chocada. Segurando o microfone com força dizia:

- *“Este crime bárbaro chocou a comunidade de Ceifador, a duzentos e trinta quilômetros de Curitiba! O automóvel foi encontrado completamente destruído e seus dois ocupantes, um casal conhecido no lugar, de pouco mais de cinquenta anos estavam mortos dentro dele. As autoridades não sabem o que provocou as amassaduras e danos no veículo, pois não havia marcas de acidente no local. Mas o que chocou mesmo os policiais locais foi a forma como o casal foi executado: ambos tiveram as cabeças decapitadas e ainda não foram encontradas.”*

Em seguida surgiu um morador falando de luzes e movimentação noturna. Falou também que seus cachorros se assustaram muito e que ele ouviu o que achou serem uivos e gritos estranhos que o encheram de medo. Eu já não ouvi mais nada.

- Ceifador... - murmurei, lembrando-me da ligação de minha mãe. Esse era o nome da cidade em que meus pais estavam.

- O que você disse? – indagou Júlia, que não estava prestando atenção ao jornal.

- Nada. Estava só pensando em voz alta.

- Dizem que quem pensa não casa! – espetou.

Dei de ombros e ela continuou comendo.

Lembrei-me do tom de voz agitado de minha mãe e fiquei pensativo durante todo o almoço. Tentei ligar para falar com eles, mas seus celulares estavam sem sinal.

Júlia comeu em silêncio. Nenhum comentário sobre a escola, sobre nenhuma colega, fofoca ou disputa. Absolutamente nada. Eu agradecia em meu interior por aquilo. Estava cada vez mais preocupado. Aquele assassinato era muito estranho. Ceifador, coisas estranhas, meus pais lobisomens, natureza animal, eu estava muito preocupado mesmo.

Súbito, senti uma vibração na calça e meu celular tocou. Dei um pulo. Estava uma pilha de nervos. Júlia deu uma risada gostosa e saiu da cozinha limpando os lábios com um guardanapo curtindo a carranca que fiz. De repente sentia-me extremamente irritável.

- Quais são as novidades, tudo tranquilo? - perguntou Sérgio.

- Tudo calmo. - falei baixo observando pelo marco da porta se Júlia estava escutando minha conversa.

- Fiquei sabendo da palhaçada do Guido ontem. O cara é um tremendo manezão! Eu tenho uns amigos que poderiam dar um corretivo no babaca...

- Não precisa, Sérgio. Nem foi tão sério assim. Eu é que estava meio nervoso.

- Ele encostou em você, mano?

- Não, não.

- Vem pra cá pra gente conversar. Aí você aproveita e me explica aquele lance de logaritmo... Coisinha sinistra!

- Tudo bem, Sérgio. Lá pelas duas, passo por aí.
- Falou!
- Era o Sérgio? - perguntou Júlia entrando na cozinha.
- Era.
- Vão para a biblioteca hoje?
- Não. Vou para a casa dele.
- Aham...
- Por quê? Quer que eu fique até a dona Flora chegar?
- Não precisa! - sorriu ela ruborizando-se suavemente.

Se eu não estivesse com a cabeça tão cheia teria prestado mais atenção no comportamento de minha irmã. Devia haver percebido que alguma coisa estava acontecendo.

Peguei minha pasta com os cadernos que iria precisar para aula, além do livro e o caderno de matemática. Afinal, não seria a primeira vez que iria direto da casa de Sérgio para a escola se ficasse lá até muito tarde.

Ao sair de casa, novamente meu celular tocou.

- Olá, querido?

Era a voz da minha mãe. Imediatamente senti meu coração disparar. Não sabia exatamente o que dizer. Não queria me precipitar, mas não deu para segurar.

- Mãe, já sei de tudo sobre vocês, sobre nós! - disse à queima-roupa.

Uma senhora que atravessava a rua olhou para mim. Senti-me um pouco irritado novamente. Como as pessoas eram enxeridas!

Sem perceber, deixei escapar algo parecido a um rosnado baixo.

A mulher me olhou e apressou o passo distanciando-se. Eu precisava me concentrar e ficar mais calmo, ou iria ter problemas.

- Do que está falando, meu filho? Não ouço direito! Estamos na estrada agora!

- A senhora sabe muito bem. Estou falando de...

Mas a ligação caiu. Tentei ligar pelo menos cinco vezes, só para ouvir aquela maldita vozinha mecânica dizendo o óbvio: celular sem serviço. Comecei a sentir uma raiva crescente. Um garoto passou por mim de skate e roçou em minha jaqueta de forma pouco educada.

Aquilo me fez apertar os dentes. Por um momento pensei em correr atrás do moleque e arrancá-lo de cima daquela porcaria, mas decidi seguir tentando me comunicar com a minha mãe. Infelizmente todas as tentativas foram inúteis.

Às duas da tarde em ponto cheguei à casa de Sérgio. Bati na campainha duas vezes, até que ele apareceu, com fones nos ouvidos.

- Esse som, sim que é maneiro, cara! - sorria ele balançando a cabeça sem tirar os fones dos ouvidos.

- O que está escutando?

- Legião Urbana. Os caras são demais! E eu odeio Química, Química, Químicaaaaaa! - cantarolou ele, para meu desespero.

- É. São bons mesmo. - concordei.

- Meu pai está enchendo tanto o meu saco que não sei mais quanto tempo vou aguentar, mano. Esse lance do Enem no final do ano que vem já tá me dando nos nervos. Só porque eu estou um pouquinho atrasado ele fica mandando a maior pressão! - queixou-se Sérgio balançando a cabeça ao ritmo da música.

- Os pais têm suas razões, Sérgio.

- Tô ligado. Por isso quero que você me explique essa coisa de logaritmo. Não saquei nada na aula.

- E porque você não perguntou para a professora?

- E passar por burro? Tô fora, maior micão, velho!

Não pude evitar rir. Sérgio era assim mesmo. Um menino num corpo de dezoito anos. Fazer o quê?

- Escute, mano... Aquele lance do corretivo no Guido, tá valendo, falou?
- Valeu, Sérgio. Mas vamos aos logaritmos.

Subimos até o seu quarto e eu não pude deixar de sentir um cheiro pestilento que tomava o ambiente completamente:

- Cara, tem um rato morto no seu quarto! - exclamei sem pensar.

Ele me olhou surpreso, sem entender nada.

- Não está sentindo esse fedor?!
- Não sinto nada, mano!

Meio irritado, precisei “farejar” aquele cheiro abominável até embaixo da cama de Sérgio.

- Ah! Minhas meias de jogar bola! - riu ele – Está com o faro bem afiado, hein?
- Gostaria de não estar, acredite! Por favor, leve essa coisa embora daqui! - supliquei.

Sérgio levou dali aquela coisa suja e voltou com um sorriso nos lábios.

- Agora me diz, mano: que outro superpoder você tem além do nariz biônico?

Não pude evitar rir. Tinha vontade de contar tudo, afinal, ele era o meu melhor amigo. Mas achei melhor ficar quieto, pelo menos até estar certo de que seria prudente fazê-lo.

Sérgio foi até a escrivaninha onde o seu computador estava. Tirou dali uma pilha de revistas em quadrinhos e as colocou num baú ao lado. Depois pegou seu caderno e livro de Matemática e o deixou sobre a escrivaninha. Puxou uma cadeira para mim.

Assim que sentei e coloquei meu material sobre a mesa ele fez uma expressão como se tivesse lembrado algo importantíssimo. Virou-se para mim, com um olhar maroto e disse:

- Antes de a tortura começar, vou te mostrar o último número da revista “Musas”! Tá demais! Dessa vez é pra valer, mano! Estou perdidamente apaixonado! Que deusa essa Shirley Santos! Será que consigo o e-mail dela? Tenho certeza de que ela é a minha alma gêmea!

O Sérgio era assim mesmo: sempre convencido de haver achado a mulher da sua vida, até o próximo número da revista “Musas”...

Eu achei que era mais uma vez exagero, mas olhando as fotos, confesso que até pensei com carinho naquela coisa de alma gêmea.

Finalmente começamos a estudar. As horas foram passando entre exercícios e comentários sobre o quanto Sérgio detestava Matemática.

Obviamente, algum tempo depois fizemos uma parada estratégica para um lanchinho, quando Sérgio fez questão de me atualizar sobre as últimas novidades nos quadrinhos que ele acompanhava. Só depois entrarmos novamente no maravilhoso mundo dos “loucaritmos”, como os batizou meu amigo.

Sérgio já estava conseguindo resolver um exercício mais avançado quando ouvi algo. Tive certeza, pela nitidez do som, que naquele exato momento alguém abriu a porta da frente da casa.

- Acho que seus pais chegaram. - comentei.
- O que?

Fiquei em silêncio um momento, até que Sérgio também ouviu. Seus pais chegavam em casa. Não demorou até aparecerem no quarto. Dona Ida era uma senhora simpática que adorava malhar e fazer Ioga. Seu Jonas, pai do Sérgio era um homem sério, mas de todos os amigos de seu filho eu era o único com o qual ele simpatizava. Ele não gostava nada do “corpo mole do filho para com os estudos” e se preocupava em preparar Sérgio para assumir o negócio da família, na revenda de carros se não fosse seguir alguma carreira como profissional liberal^[1].

Cumprimentei-os com um aceno.

- Oi, pai! Oi, mãe! - disse Sérgio – Estamos estudando.

- Ótimo! Então vamos deixá-los aproveitar o tempo, Ida. Quem sabe nosso filho não se entusiasma um pouco e decide encarar pra valer os estudos! - disse o pai tomando a esposa pela cintura.

Em instantes a porta do quarto se fechou.

- Que ouvidos você tem, hein? - exclamou Sérgio.

- Você queria saber qual outro superpoder eu tinha, não queria?

Ele riu. Dei de ombros e perguntei:

- Que horas são?

- Quase hora da aula, cara!

- Então vamos embora. - sugeri.

Liguei para dona Flora avisando que não estaria em casa antes da aula. Tentei novamente falar com meus pais, sem sucesso.

Chegando à escola entramos direto na nossa sala de aula. Vânia estava lá. Deixou de conversar com suas amigas e se aproximou:

- Amanhã, depois o almoço a gente se vê, certo?

- Claro. - disse eu tirando meus cadernos da pasta.

Ela se virou e voltou para seu grupinho. Sérgio me olhava com um sorrisinho desde sua cadeira. Naquele momento entrou o Diretor Fausto, pai de Guido, com o professor Juarez, de Educação Física.

- Um minuto de atenção, por favor! Atenção, classe!

As conversas pararam. Todos olharam para o diretor.

- Venho aqui, com o professor Juarez, para perguntar se algum dos garotos tem interesse em participar do campeonato de futebol interescolar que vai

acontecer no final da semana que vem. Um dos garotos do time se machucou e não vai poder jogar. O professor Juarez gostaria de ter um novo integrante na equipe para poder substituir esse menino.

Como esportes nunca foram o meu forte e meu desempenho no futebol não era dos melhores, fiquei na minha. Sérgio se aproximou por trás e sussurrou no meu ouvido:

- No ano passado a Vânia foi da torcida organizada da escola, lembra?
- O que está querendo me dizer? - sussurrei de volta.
- Sei, lá. Você podia querer impressionar a garota, já que gosta dela. Deveria se animar e aproveitar a chance.

Às vezes Sérgio tinha umas ideias que eu não tinha a menor noção de onde tirava. Mas o que eu não tinha noção mesmo era do porquê levantei minha mão, chamando a atenção do professor.

- Daniel? Ótimo! Muito bem, anotado. Mais alguém? Não? Então estamos combinados! Espero você na segunda-feira às duas da tarde no ginásio da escola. Quero que todos treinem forte, mesmo os reservas.

Não pude evitar dar uma olhadinha para ver se havia alguma reação de Vânia. Mas ela escrevia num caderno e nem sequer percebeu que fui inscrito. Senti vontade de voltar atrás. Novamente tinha bancado o imbecil sem necessidade! Agora estava feito...

Após a saída do diretor e do professor, a professora de literatura, dona Conceição, chegou. Com seus óculos de fundo de garrafa e seus cabelos grisalhos ela era inconfundível. Mas o que sempre me chamou a atenção nas suas aulas era o entusiasmo que ela sempre conseguia transmitir. Eu até ficava com vontade de ler os clássicos da literatura. Quando ela analisava algum texto, tudo parecia lógico e óbvio.

- Leram o texto que combinamos na semana passada? O da atividade extra?

Ninguém respondeu. Era sempre assim. Adoravam tagarelar, mas quando era para falar, ficavam todos quietos. Entretanto, com a insistência da professora, todos acabavam participando de alguma forma.

- O que fez Ulisses para que o canto das sereias não o enfeitiçasse? - perguntou a professora pela segunda vez.

- Colocou chiclete nos ouvidos? - sugeriu Sérgio.

Risada geral.

- Exatamente! Tapou os ouvidos! Se escreverem “chiclete” na prova estarão reprovados! - disse dona Conceição contendo o próprio riso.

- Ele também mandou que o amarrassem no mastro da embarcação para poder ver as sereias sem ir terminar no fundo do mar. - completou uma colega.

- Isso mesmo! Muito bem! – disse a professora – Agora vamos seguir com a Escola Realista...

Mas eu quase não ouvia nada. Pensava em como faria para jogar bola e não passar vergonha, em quando finalmente conseguiria falar com meus pais e ainda, o que aconteceria se eu me transformasse de novo.

CAPÍTULO 5

Tive sorte naquela noite e Guido não foi à aula. Um problema a menos para me preocupar. Quando cheguei em casa, todos já estavam dormindo. Dona Flora ressoava no quarto de hóspedes e Júlia dormia tranquila em sua cama. Sentei-me no sofá, esfreguei os olhos e liguei a televisão. Estava cansado, mas sem sono. Assisti um filme e depois o jornal da madrugada.

- *“Novamente as autoridades estão estarrecidas – dizia um repórter de olhos grandes – É o segundo caso de decapitação em três dias! Desta vez no município de Doutor Camargo, a trezentos quilômetros da capital paranaense.”*

Ao ver aquela notícia, senti um aperto no estômago. Onde estariam meus pais? Peguei o celular enquanto via dois corpos cobertos com uma lona e o repórter seguia dando pormenores das vítimas e liguei para meus pais.

- Olá, pai! Até que enfim! Faz um tempão estou tentando falar com vocês!
- É que essas linhas são uma porcaria mesmo, Daniel!
- Pai, a gente tem que falar sobre um assunto muito sério. Já sei o que nossa família é. Estou lendo o diário de Maria, a esposa de tio Ênio.
- Eu até imagino de que assunto se trata, meu filho, mas vai ter que esperar até nós voltarmos para casa. Estamos com um probleminha e...
- O senhor está falando das pessoas com a cabeça arrancada?

Meu pai ficou em silêncio um instante. Depois suspirou e respondeu:

- É isso mesmo. Estamos procurando o responsável.
- Isso é loucura! É coisa pra Polícia! Vocês são só...
- Esse é um assunto nosso! Temos muito mais chance de parar essa matança que qualquer outra pessoa. Ainda não sabemos exatamente quem está por trás

disso, mas vamos descobrir.

Minha cabeça girava. Estava aliviado por ter certeza de que meus pais não eram os responsáveis por nenhuma morte, mas também estava com medo por eles.

- Por que não me disseram nada sobre a nossa família? Vocês têm ideia da loucura que isso tudo é? - indaguei aflito.

- Prometo que assim que acabarmos aqui, vamos conversar com calma, meu filho. Procure o tio Ênio. Ele vai te ajudar.

- Já fiz isso, tenho o diário, lembra? Mas a coisa não está fácil.

Especialmente levando em consideração o fato de que Vânia não poderia saber de minha real condição. E isso era um problema.

- É claro! Então você está bem orientado. Só não fique nervoso! Aí evitará problemas. Vou passar para a sua mãe.

- Oi, filho, como estão você e a sua irmã? - disse minha mãe.

- Júlia está bem. Quem não está muito legal sou eu! - reclamei.

- Está doente?

- Não, mãe. Sou um lobisomem, mesmo!

- Contou para sua irmã alguma coisa?

- Claro que não!

- Muito bem, filho. Fique calmo. Assim que der, voltaremos para casa e conversamos também com ela. Foi um erro não haver contado tudo a vocês antes... Está bem?

- Você tem razão, foi um erro grave, mãe. E além disso, vocês têm mesmo que se arriscar desse jeito? Por que não voltam para casa de uma vez?

- Acontece que alguns amigos precisam de ajuda, meu filho.

- Do clã da Lua de Prata? - perguntei.

Após um curto silêncio ela respondeu:

- Isso mesmo. É nosso dever ajudar. Quando você for mais velho vai entender.

- Eu gostaria de entender, mas vocês me mantiveram fora de tudo isso até ontem! Agora estou lidando com coisas que nem imaginava que existissem. Minha vida está uma bagunça!

- Desculpe-nos, meu filho!

- E tenho medo de que alguma coisa aconteça com vocês! - sussurrei no celular com receio de acordar Júlia.

- Pode ficar tranquilo, querido. Não estamos sozinhos. Temos vários amigos nos acompanhando. Agora descanse que já é tarde. Um beijo, meu filho. Amanhã telefonamos. Tudo vai dar certo.

- Tomem cuidado.

Depois de terminar a ligação, apaguei o televisor e deitei a cabeça para trás no sofá. Após uma meia hora, quase adormecido, ouvi uma vozinha que, pouco a pouco se aproximava de mim, fazendo-se mais nítida.

- Vamos sair de tarde... É eu sei, mas ele é tão bonitinho, Martinha...

Abri os olhos. Estava deitado no sofá. Júlia falava baixinho no celular em seu quarto, com a porta fechada. Mas eu podia ouvir.

- Foi lindo... É claro que ele beija bem... sim, vamos nos encontrar no parque, amanhã de tarde e no domingo vamos passear ainda não sei aonde. Tanto faz... Agora vou dormir. Tenho um sabadão cheio amanhã! Beijo! Tchau!

Aquelas palavras caíram como uma pedra em meu cérebro. Agora entendia o comportamento alterado de Júlia. Estava namorando com um cara! Mas ela só tinha doze anos!

Senti-me aflito. Minha irmãzinha respondona estava saindo com um cara enquanto eu me transformava numa bola de pelos! A vontade que me invadiu foi a de levantar e ir falar com ela imediatamente. Mas pensei melhor e tive uma ideia que me pareceu mais interessante.

Entrei no chuveiro e tomei coragem. Precisava aprender a dominar a transformação. Abri a ducha e enquanto a água morna caía sobre meu corpo fechei os olhos. Decidi concentrar-me no desejo de me transformar. Mas não era tão fácil. Minha mente se escapava do objetivo de minha concentração levando-me por lugares que eu não queria. Ora lembrava de Vânia, ora do namoro de Júlia, pensava em meus pais e novamente me concentrava no meu desejo conseguir provocar a metamorfose.

Mas os minutos iam passando e eu não conseguia. Era como tentar abrir uma porta com uma chave que não entra na fechadura. Após um tempo senti um cansaço tomar meu corpo e minha mente.

Frustrado, terminei o banho e fui para o quarto. Deitado na cama, nem peguei o diário de Maria. O sono havia chegado para ficar. Era estranho que um exercício mental pudesse me deixar tão cansado. Não sei se esperei dois minutos pelo sono. Em instantes, a escuridão desapareceu e comecei a sonhar novamente.

“As imagens vieram intensas, com um grande sentimento de pesar. A fumaça tinha um odor terrível, cheiro de morte. Agarrei o cabo de minha espada, enterrada até o punho no peito de meu irmão. Uma tristeza imensa me tomava. Chorando, preparei-me para arrancá-la de um só puxão quando a mão dele tocou a minha. Por um segundo, nossos olhares se cruzaram. Ele parecia estar lúcido novamente.

- *Cuidado, irmão... - sussurrou ele fechando os olhos novamente.*
- *Você voltou a si! - solucei.*
- *Ela nos enganou, a todos... - balbuciou ele.*
- *Eu sei, irmão. Eu sei.*
- *Eu sinto muito...*
- *Eu também. - respondi pesaroso.*

Comovido, abracei aquele irmão que eu mesmo havia ferido de morte. Aquele irmão que estava perdendo de maneira absurda. Minhas lágrimas caíam em seu rosto.”

Acordei soluçando. Novamente o sonho me deixara impressionado. Recém estava amanhecendo e o dia mal clareava. Sentei na cama e fiquei repassando as impressões que aos poucos iam se esvaindo. Era impressionante o realismo e a nitidez daqueles sonhos.

Depois de uns minutos, levantei e abri um pouco a janela, aspirando o ar fresco da manhã. O dia seria bonito, com um céu bem azul, sem nuvens.

Dona Flora preparou o café e se despediu. Voltaria à tarde. Esperei Júlia sair para a casa de Martinha, como frequentemente fazia aos sábados pela manhã e liguei para Sérgio:

- Júlia está namorando um cara e quero descobrir quem é. - disparei de uma só vez.

- Maneiro! - disse Sérgio menos sonolento – O que vamos fazer?

- Agora ela está indo para a casa de Martinha, vai almoçar por lá. Mas depois ela vai para o parque ver o tal sujeito. Tenho o trabalho em grupo, depois do almoço, na casa da Vânia, então gostaria de saber se...

- Nem precisa perguntar, comandante! Vou levantar agora mesmo e acionar os meus contatos. Assim que eu identificar o sacana vou ligar pra você.

- Valeu, amigo! - agradei.

- Fica frio! Tá na mão! - disse Sérgio desligando o telefone.

Finalmente chegou a hora da reunião do grupo de Biologia. A casa de Vânia era grande, com uma grade alta e branca. Um lugar muito bonito. Tinha um jardim enorme cheio de arbustos bem cuidados. O pai de Vânia era médico. O Dr. Borges era um cirurgião famoso. Viera da cidade grande havia uns três anos dar um tempo à política. A mãe de Vânia, dona Márcia, mulher bem-humorada, era dona de uma loja de produtos ortopédicos, próteses, essas coisas.

Toquei na campainha do portão, sem resposta. O painel do interfone estava desmontado. Parecia em manutenção. Como o portão estava apenas encostado achei que poderia entrar e chamar por Vânia. Empurrei devagar o portão que rangeu indiscreto.

Havia caminhado cerca de dez metros rumo à casa quando ouvi latidos furiosos vindos dos fundos em minha direção. Dois cães da raça Pitbull, mal-encarados vinham correndo a todo vapor para me dar as boas vindas. Meu coração disparou instantaneamente. Meus pelos se eriçaram. Senti minha pele ardendo e olhei fixamente para os cães. A distância entre nós diminuía rapidamente.

Mas, para minha surpresa, quando eles chegaram a pouco mais de seis metros, detiveram sua corrida. Farejaram o ar e latiram algumas vezes, para depois retrocederem, até saírem em disparada, ganindo.

Um empregado apareceu esbaforido:

- Está tudo bem, garoto?
- Tudo. - respondi sentindo meu pulso ainda acelerado.
- Esses cachorros escaparam de novo! Não há coleira nem corrente que aguentem! - dizia o homem vindo em minha direção.

Quando estive perto o suficiente, examinou-me e comentou:

- Teve uma sorte e tanto! Nunca os tinha visto ficar com medo de ninguém.
- É o desodorante vencido. - sorri.

Ele riu e estendeu a mão:

- Meu nome é Orlando. Prazer.
- O meu é Daniel. Por acaso a Vânia está? Sou colega de aula dela e temos uma reunião marcada...
- Claro! Por favor, venha comigo, vamos passando.

Enquanto caminhávamos, vi os dois cachorros escondidos sob um carrinho de mão com sacos de fertilizante.

- Não se mexam, hein? - ordenou Orlando.

Mas não era necessário. Alguma coisa fez aqueles cães pensarem que não era bom negócio se meter comigo. Pelo menos pensei isso, sentindo-me orgulhoso,

pela primeira vez, de quem ou do que havia me convertido.

Vânia estava com um vestido rosado, uma faixa branca na cabeça e lábios levemente pintados. Mas o que percebi até mesmo antes de entrar na casa foi aquele perfume que eu considerava simplesmente demais. Ao seu lado, dispostos na enorme mesa do salão de jantar, estavam Cláudio e Miriam, nossos colegas, amigos de Vânia. Feitos os cumprimentos, sentei-me. Tirei meu caderno e minhas anotações da pasta, colocando-as sobre a mesa.

- Então? Como está estruturado o trabalho?

Todos me olharam como se eu tivesse falado em grego.

- Quero dizer, já pensaram em como organizar a ordem em que vai ficar a apresentação, o que falaremos primeiro, o que mostraremos depois, etc.?

- Ah, sim! - disse Cláudio, arrumando seus óculos redondos que escorregavam para ponta do nariz fino a cada poucos minutos.

Vânia me mostrou um cartaz que ela tinha feito de antemão sobre a mesa, onde se via o desenho da combinação genética entre ervilhas. Uma ervilha lisa e amarela e outra verde e rugosa, com as respectivas combinações e probabilidades de que ocorressem.

Por um momento imaginei, no lugar das ervilhas, pessoas comuns e homens-lobo. Quais seriam as diferentes possibilidades? Por um momento deixei de ouvir as explicações de Cláudio e Miriam e fiquei imaginando em qual dessas combinações entre lobisomens e gente comum estaria eu.

Ficamos um bom tempo revendo anotações e cada um colocando o que achava interessante comentar. Finalmente decidimos que Miriam faria um quadro com pessoas de diferentes raças, para ilustrar melhor o trabalho. Nesse meio tempo tive a impressão de que Vânia me observava. Mas quando eu devolvia o olhar, ela esquivava o seu.

- Mas se tudo é transmissão e combinação de genes, por que não vemos o surgimento de novas espécies todos dos dias? Como baratas turbinadas ou sapos voadores? – perguntou Cláudio.

- Por que normalmente as mudanças bruscas provocam anomalias que terminam por matar o mutante. A seleção natural demora muito tempo, Cláudio.

Dessa forma, mutações não vantajosas são eliminadas aos montes antes que uma positiva possa surgir e se instalar gradualmente em uma espécie. - respondi.

Todos ficaram me olhando.

- O que foi, gente? Eu estudei antes de vir!
- Mandou bem, Daniel. - sorriu Cláudio.

Finalmente, perto das três, Miriam e Cláudio se foram. Ficamos só nós dois, terminando de acertar alguns pontos sobre o que diríamos na apresentação e dando uns retoques no cartaz.

- Vamos fazer um lanche? – perguntou Vânia.
- Ótima ideia!

Sentados à mesa da cozinha, tomamos um suco de laranja e comemos uns biscoitos e pãezinhos. Mas o silêncio era mortal. Eu comia e me limitava a elogiar os pãezinhos, os biscoitos e o suco. Ela me olhava, concordava e seguia comendo. Era uma grande oportunidade e eu conseguia estragá-la. Não me atrevia a falar de nada que não fosse o lanche, a escola ou o trabalho.

- Você também estuda à noite por que ouviu falar que os melhores professores de todas as escolas da cidade lecionam nesse turno? - perguntei.

- Meu pai disse que seria bom para mim, porque supostamente quem estuda de noite não faz tanta bagunça, estuda mais por que quer mesmo. Mas não tenho bem certeza disso. Mesmo assim, já estou acostumada. - disse ela dando de ombros.

- Eu quero fazer o Enem para Medicina. - confessei.
- É mesmo? - interessou-se ela.
- Acho que é uma boa carreira.

- Papai não para de estudar. Diz que é preciso estar sempre se especializando e se atualizando. - disse ela – Seminários, palestras, cursos... Uma maratona de estudos que nunca acaba. Isso sem falar dos seus amigos da política...

- Deve ser interessante, digo, tanto conhecimento...

- Não para sua família. Por sorte agora ele está com mais tempo livre. Apesar de atender na Santa Casa e no consultório, deixou a política de lado e também diminuiu um pouco o ritmo dos estudos.

Seguimos com nossa conversa sobre amenidades em geral. A certa altura, para meu desespero, ela pareceu um tanto aborrecida. Foi quando meu celular tocou.

- Espero não estar interrompendo seu lance com a Vânia, porque se você seguiu os meus conselhos, já está rolando, né? Mas é só para avisar que já estou ligando em quem é o carinha da sua irmã. Você não vai acreditar quando vir o pilantra! - disse Sérgio

- Onde você está? - perguntei levantando-me involuntariamente da cadeira.

- Na minha casa. Já sei onde ele mora. Tá tranquilo. Vou para o clube nadar e à tardinha a gente se fala lá em casa. Tá bem?

- Claro! Obrigado, Sérgio.

- Falou!

Quando desliguei o telefone, Vânia tomou a iniciativa:

- Você vai jogar no Campeonato Interescolar, não é?

- Isso mesmo. - respondi sentindo-me menos idiota por haver entrado naquela.

- No ano passado eu fiz parte da torcida da escola. - sorriu ela.

- Eu sei. - disse percebendo um rubor no rosto dela - E quase ganharam o campeonato de torcidas. Legal essa ideia de torcidas femininas. Vai estar na torcida neste ano?

- Ainda não sei. - ela pareceu um pouco mais ruborizada - No ano passado eu participei porque minha mãe me incentivou.

- Você esteve ótima. - comentei sentindo um frio na barriga.

- Obrigada. Mas não sei se vou neste ano... Ainda estou pensando no assunto. - disse ela com um olhar que me pareceu significativo.

- Você gosta de futebol? - perguntei animado.

- Mais ou menos.

- Eu também, mais ou menos. - disse um décimo de segundo antes de me arrepender.

- E vai jogar mesmo assim? Imagino se gostasse! - riu ela.

- Às vezes faço coisas que nem eu entendo direito por quê. - confessei.

- Eu também. - Sorriu ela olhando-me nos olhos.

Foi quando, num ato desesperado, animei-me a falar:

- Você tem alguma coisa interessante para fazer no final de semana?

Ela me encarou com uma expressão de surpresa. Pude perceber seu pulso acelerar. Ao final de um instante de hesitação ela disse:

- Depende do que você chama de interessante... Vou fazer rapel com meus pais.

- Ah! - disse eu desconcertado – Parece muito divertido...

E para não ficar para trás, completei desastradamente:

- Eu também faço algumas coisas com a minha família... De vez em quando nós... fazemos a limpeza da garagem e... também lavamos o caminhão do meu pai juntos...

- Legal. - disse ela sorrindo.

Mas o que eu queria mesmo era encontrar um buraco para enfiar a cabeça.

- Por que me perguntou? - indagou.

- É que eu... - e comecei a hesitar.

Naquele momento um ruído chamou minha atenção e me virei para a porta. Ela me olhou sem entender. Mas em três segundos surgiu Orlando, com um regador na mão.

- Desculpe interromper. Seu pai a está esperando para irem ao clube.

Ela me olhou na esperança de que eu terminasse o que comecei. Mas confesso que me senti intimidado. Apenas guardei silêncio. Ela percebeu que eu não falaria mais nada e se levantou.

- Ah! Obrigado, Orlando. Preciso ir agora, Daniel. A gente se vê na aula segunda-feira. - disse ela sem emoção na voz.

- Claro, claro! - respondi levantando-me também.

O Dr. Borges me acenou do seu carrão preto zero-quilômetro. Quem sabe para compensar o fracasso com a filha, tentei ser simpático com o pai. Fiz questão de retribuir o aceno o mais sorridente possível, desde longe, é claro. Vânia entrou no carro e me deu um discreto “até logo”. Enquanto o automóvel se afastava, fiquei ali parado, sentindo o restinho daquele perfume dela.

Definitivamente eu era um fracassado, um fiasco. Vânia pertencia a outro mundo e eu sabia disso desde o começo, mas meus sentimentos não queriam saber nada de status social, diferenças genéticas e coisas desse tipo. Eu só queria ter tido coragem para ter convidado ela para sair...

Voltei para casa com passos lentos. Não podia entender por que me sentia tão impotente, tão mal. Para esquecer um pouco daquilo tudo, decidi ler um pouco o diário de Maria, não sem antes me perguntar, como ela conseguira se relacionar com tio Ênio e até casar? Tranquei a porta do quarto e retomei a leitura.

CAPÍTULO 6

Diário de Maria

Mamãe não tinha parentes vivos, com exceção de um tio distante. Mas havia anos que ela não se comunicava com ele. Depois de seu casamento com um homem que não sabia nada sobre sua natureza de mulher lobo, ela se afastou do único parente.

Chegamos na cidade onde ele morava, mas descobrimos que ele havia se mudado uns cinco anos antes. Infelizmente, não tínhamos o dinheiro para pagar uma passagem até a cidade onde ele estava morando agora. Lembro que mamãe me abraçou e murmurou ao meu ouvido;

- Vamos ficar bem, eu prometo. Você só precisa ser corajosa, querida.

Quase sem dinheiro, acabamos passando a primeira noite embaixo de uma ponte. Os dias que se seguiram não foram melhores. Mamãe tentou arranjar emprego de doméstica, mas as pessoas eram desconfiadas. Em dois dias, nosso dinheiro acabou. Por sorte conseguíamos comer o que sobrava de uma feira que descobrimos no quarto dia. Mamãe jamais se abateu. Eu sentia fome, mas não me queixava: não seria justo.

Finalmente após duas semanas morando sob uma ponte, ela conseguiu emprego numa lavanderia. A dona era uma senhora viúva muito amável. Começamos a morar num quartinho, nos fundos da lavanderia. Mamãe trabalhava o dia inteiro, mas estava feliz. Não demoraria muito tempo até termos o dinheiro para podermos seguir procurando o tio dela. Pelo menos era o que eu pensava...

Interrompi a leitura quando ouvi Júlia chegar. Saí do quarto para observá-la. Ela estava distraída e me cumprimentou sorridente, seguindo para seu quarto.

- Como foi na casa da Martinha? - perguntei seguindo-a pelo corredor.
- Foi legal! - respondeu ela sem se virar para mim.

Ela entrou no quarto e fechou a porta. Girei a maçaneta, abri um pouco a porta e fiquei no umbral.

- Vou sair. Você vai ficar em casa até dona Flora chegar? – indaguei.
- Sim. Vou ficar por aqui mesmo. - respondeu Júlia procurando o aparelho de mp3.

Em instantes ela se deixou cair sobre a cama, de barriga para cima, com os auriculares do mp3 enfiados nos ouvidos, de olhos fechados. Estava relaxada e respirava lentamente. Eu a olhava e pensava “quem seria o malandro?” Logo iria descobrir...

- Até logo! - disse eu.
- Até! - acenou sem abrir os olhos.

Peguei o diário de Maria e o deixei bem oculto no lugar de sempre, embora fosse certo que Júlia não iria mexer nas minhas coisas dado o estado de “sonambulismo romântico” em que se encontrava.

Meia hora depois, cheguei à casa de Sérgio e bati na porta. Em segundos ele atendeu. Tinha uma expressão divertida no olhar.

- Vai matar o cara?
- Depende.
- Sua irmã não é muito novinha pra ficar de namorico?
- Acho que sim, mas não sou exatamente eu quem decide.
- Vou mostrar quem é a figura. Você não vai acreditar.
- Por quê?
- Você vai ver. - disse ele saindo de casa e batendo a porta atrás de si.

As ruas estavam movimentadas e não faltava muito para o crepúsculo. Havia fregueses chegando nos trailers de lanches. Várias pessoas sentadas, reunidas ao redor de mesinhas tomando cerveja, rindo e conversando. O cheirinho de cachorro-quente abriu-me o apetite.

Passamos por um trailer conhecido como Lanche do Marquinhos e Sérgio cumprimentou o dono do lugar.

- Esse é o melhor lanche da cidade, cara. Se não estivéssemos numa missão, a gente poderia comer um cachorro-quente agora mesmo! - piscou-me.

Em menos de meia hora de caminhada havíamos chegado a um sobrado no fim do bairro, já perto do centro. Por mais que eu tentasse fazer o Sérgio falar quem era o namorado de minha irmã, ele insistia sempre no mesmo “espere pra ver, mano”.

Ficamos ali aguardando, olhando uma banca de revistas e espiando as janelas do sobrado. Após algum tempo, Sérgio chamou minha atenção:

- Olha ali a figura!

No sobrado do outro lado da rua, vi um garoto pálido, dentuço e baixinho saindo. Olhei para Sérgio e ele confirmou:

- É o cara!

Incrédulo, olhei para o garoto que levava a bicicleta até a calçada. Não parecia ser o predador que eu havia imaginado. Fixei a vista e vi melhor seu rosto: dentes saídos para fora da boca, cabelos desalinhados e óculos. Nada ameaçador. Cheguei a sentir certa vergonha.

- Carlinhos. Dez anos, já verifiquei. Mas tem fama de namorado! - disse Sérgio atrás de mim.

- E eu preocupado com a Júlia! - murmurei.

- E aí, vamos dar um susto no carinha?

Olhei mais uma vez para o garoto e disse:

- Vamos embora.

- Falou. Você é quem sabe. - respondeu-me Sérgio, visivelmente desapontado.

Para compensar um pouco a decepção de meu amigo, convidei-o para comer um bom lanche. O céu estava parcialmente nublado e a noite ia chegando. Fomos no trailer do Marquinhos, comemos e conversamos de tudo um pouco.

Logo, logo, Sérgio pareceu haver esquecido por completo o episódio do namoradinho de Júlia. Caminhamos pelas ruas do centro, olhando as vitrines e outras atrações típicas da nossa idade. Escureceu. Senti uma sensação estranha quando vi a Lua aparecer numa clareira no céu. Meu pulso se acelerou um pouco e me senti desconfortável.

Olhei para Sérgio, que folheava uma revista comprada na banca sem perceber meu desconforto. Tio Ênio me havia alertado sobre os efeitos da Lua cheia, mas como eu estava com o talismã de Maria, nada poderia me acontecer se eu não ficasse nervoso...

Achei melhor ir logo para casa e me despedi de Sérgio, dizendo que precisava arrumar a garagem para que quando meus pais voltassem estivesse em ordem. Quando se despediu, Sérgio ainda insistiu:

- Quanto ao conquistador, já sabe, velho. Se mudar de ideia...
- Pode deixar, Sérgio. Você será a primeira pessoa a saber.
- Promete? Não vai dar um corretivo no pivete sem me consultar, hein?
- Claro que não, Al Capone^[2]! - ri.
- Falou! - despediu-se sorrindo.

Fui direto para casa. Enquanto caminhava, pensava no bobo que tinha sido por ficar preocupado com o namoradinho da minha irmã. Cheguei a sorrir pensando naquilo.

Além do mais, era uma maneira de afastar um pouco o temor de uma transformação indesejável. Tudo era novo demais para mim e eu sequer sabia controlar o processo. Eu só sabia que precisava ficar calmo para evitar que acontecesse.

Entrei por uma das ruas do meu bairro, onde a iluminação pública é péssima. Faltavam algumas lâmpadas. E as que havia mal davam para iluminar alguns trechos do caminho.

O movimento, nos finais de semana, concentrava-se no centro da cidade e nos clubes, especialmente àquela hora. As ruas dos bairros ficavam bem calmas. Às vezes calmas demais.

De repente senti um sussurro não muito longe. Olhei rapidamente ao redor, mas não vi ninguém. Apenas um muro de tijolos vermelhos. Inquieto, apertei o passo. Era melhor evitar situações complicadas. Mas ouvi novamente o ruído. Era estranho porque eu mal podia ouvi-lo. Mas sabia que estava lá.

Olhei novamente na direção do som e fixei a vista no muro de tijolos. Era estranho. Eu tinha a nítida impressão de que alguma coisa iria sair de dentro dele. Um cheiro azedo invadiu minhas narinas.

Depois das relaxantes revelações de tio Ênio eu tinha que fazer um esforço sobre-humano para pensar que não era um vampiro, um chupa-cabras ou o bicho-papão, sei lá, tentando me atacar... Mas eu não esperava pelo que veio em seguida: dei um pulo quando o celular vibrou no meu bolso. Foi tão ridículo o grito que dei que não consegui conter uma risada nervosa. O cheiro azedo sumiu por completo.

- Olá, mãe! Como vocês estão?
- Estamos bem. Estou ligando para saber como você está.
- Não se preocupe. Está tudo sob controle.
- Esse é o meu filhinho! - disse ela orgulhosa.

Mas de repente, um som de vidro estilhaçado chegou aos meus ouvidos, seguido de um grito assustado de minha mãe.

- Mãe?! – berrei involuntariamente.

Mas ela não respondeu. O som que se seguiu foi pavoroso. Era como se o caminhão deles estivesse sofrendo um acidente.

- Mãe! - berrei sem resultado, sentindo minhas têmporas latejarem e minha pele arder.

A ligação caiu. Meu coração disparou numa taquicardia insuportável e tive a certeza de que o pesadelo começaria novamente. Só que desta vez eu estava no meio da rua. Minhas emoções se descontrolaram por completo, afinal, meus pais estavam sofrendo um acidente e eu nem sabia onde!

Tratei de me abrigar na penumbra, atrás de uma árvore. Minha pele queimava ainda mais que da primeira vez. As câibras logo vieram. Eu estava perdendo o controle. Minha garganta já estava contraída e ardendo.

- Mãe, pai! - ouvi minha voz rouca murmurar.

Caí de joelhos, pois as dores eram insuportáveis. O celular ficou caído, ao meu lado. Eu francamente não sabia o que fazer. Aquela era uma situação para a qual eu não estava preparado. Se ao menos tio Ênio estivesse ali...

Os estalos em minhas costas começaram. Senti os dentes crescendo. Era assustador passar por aquela transformação sem ter o controle. Minha mente se nublou, mas não tanto como da outra vez. Eu ainda conseguia controlar meus pensamentos e me sentia menos “animal” que antes. Porém, estava me transformando contra minha vontade!

De repente ouvi um ruído de passos. Alguém vinha vindo! Eu tinha dores fortes em todo o corpo e senti como meu peito ficava apertado sob a camisa. Meus pés estavam apertados também. Eu estava ferrado!

Era um casal de namorados que vinha rindo de alguma bobagem, entre um beijo e outro. Eu seria visto se eles chegassem mais perto. Fazendo um esforço terrível, dei um salto para a copa da árvore. Agarrei-me com força no tronco, sentindo minhas unhas penetrarem na casca. Para minha surpresa, a árvore sentiu o meu peso e soltou um estalo.

- Você ouviu alguma coisa? - perguntou a moça de cabelos loiros ao namorado.

- Não. Deixe de fazer clininha e me dê outro beijinho! - sorriu ele.

Esvaziei os pulmões na esperança de diminuir o peso e permanecer oculto.

- Bobão! Estou falando sério!
- Eu também! - insistiu ele, à medida que se aproximavam da árvore onde eu estava.
- Você nunca me leva a sério! - irritou-se ela – não sou um objeto! Eu tenho sentimentos!
- Vai começar de novo?!
- Você é um bruto! Minha mãe tinha razão!
- A santa da sua mãe, de novo?!

Aquilo era inacreditável! Eu estava trepado na árvore, ainda sentindo dores por todo o corpo e aquele casal decidiu dar uma paradinha quase embaixo da árvore para discutir a relação!

- Você é um grosso! Eu disse que ouvi alguma coisa e você nem prestou atenção no que falei!
- Mas, Paulinha... - dizia ele tentando abraçá-la.
- Não me toque! Você acha que sou o quê, uma boneca inflável?!

Confesso que quase achei graça, apesar da situação. Minhas cãibras estavam desaparecendo e eu tratei de me acomodar sobre um galho. Para meu desgosto, o bendito estalou novamente sob o meu peso. Puxei rapidamente uma rama da árvore para me cobrir melhor.

Justo a tempo. A menina olhou para cima. Meu coração acelerou.

- Não é nada disso, Paulinha... Você é o amor da minha vida! Não fique assim!

Finalmente ela baixou a vista e ficou em silêncio. Ele entendeu o recado e continuou:

- Você sabe que a levo a sério. Só que não ouvi nada, meu bem! Você sabe que não aguento quando fica brava comigo! Mas eu tenho que confessar que essa ruguinha que aparece no seu rostinho quando você está brava é muito sexy.

Ela riu. Ele se aproximou e a abraçou.

- Bobão. - disse ela deixando-se abraçar.

- Vem, minha bonequinha inflável. Vamos passear mais um pouco sob a luz do luar! - disse ele dando-lhe um beijo.

Ela riu:

- Cafajeste!

- Mas só seu! – sorriu ele antes de beijá-la de novo.

Eu já estava rezando para que aquilo parasse por ali. Precisava descer da árvore e pegar o celular que havia ficado no chão. Tinha que falar com meus pais logo!

Por sorte não demorou e eles foram embora, melosamente colados um no outro. Desci da árvore e peguei o celular. Tinha dificuldades em manipular a tela pelos dedos compridos. Ainda não estava acostumado com aquilo.

Como eu imaginava, o celular não atendeu. Mesmo assim eu insistia. Estava mais preocupado e nervoso. O máximo que me ocorreu era falar com tio Ênio para pedir ajuda se fosse possível.

Peguei o celular e comecei a digitar, com dificuldade. Para cúmulo de males, o telefone dele estava ocupado! Olhei ao redor, imaginando uma forma de chegar até a casa do tio Ênio sem ser visto.

A melhor ideia que tive foi tentar ir pelos telhados das casas. Era um tiro no escuro, pois eu poderia ser visto, mas que outra forma eu teria de chegar lá? Seriam pelo menos quinze quadras...

Guardei o celular num bolso da jaqueta e subi na árvore novamente. Cobri a cabeça com o capuz da jaqueta por precaução. Parecia o corcunda de Notre Dame. Depois, tratei de pular no muro de tijolos. Para minha surpresa, consegui ficar sobre ele muito antes do que imaginava.

Tinha sido muito fácil saltar e alcançar a cima do muro. Fácil como eu não havia percebido na hora de escalar a árvore para me esconder. Comecei a gostar daquele lance de homem lobo. Não era de todo ruim, afinal.

Segui pelo muro até a casa ao lado. Procurei pisar o mínimo nas telhas e andei pelas bordas, saltando de casa em casa. No início não foi fácil. Acabei entrando até a cintura num telhado. A pobre velhinha ficou berrando, achando que era ladrão ou coisa parecida.

Aos poucos fui ganhando desenvoltura e os saltos se tornaram mais precisos e longos. Era incrível como eu perdia o medo e ganhava confiança. Não demorou muito e eu havia vencido a quadra toda. Mas eu precisava atravessar a rua e isso era dar um salto bem maior do que aqueles que tinha dado até então.

Achei melhor tomar bastante impulso antes de seguir. Calculei o salto e fui sem pensar mais. Assim que meus pés, ou patas, sei lá, saíram do telhado da casa onde estava e eu fiquei suspenso no ar, percebi que havia exagerado na força.

Acabei caindo de mau jeito no telhado de destino. O resultado foi desastroso. Além de bater com a coxa numa mureta, entrei de cabeça no telhado. Bati com toda força no chão e até hoje acho que quiquei pelo menos uma vez antes de parar por completo. Mas eu tive muita sorte: não havia ninguém em casa. Na verdade, não havia sequer móveis. A casa estava vazia!

Levantando do chão, decidi dar uma olhada. Todas as peças estavam realmente vazias. Logo descobri que as portas foram emparedadas e as janelas lacradas com tábuas. A pouca luz que entrava vinha das frestas das janelas já era suficiente para que eu pudesse ver com nitidez. Realmente aquele lance de homem lobo tinha algumas vantagens.

Depois de perambular pela casa toda, entrei no banheiro. O armário ainda estava lá. Decidi encarar novamente minha aparência. E fui me aproximando devagar como se fosse ver algo terrível, monstruoso.

Não posso dizer que não fiquei chocado. Até o formato da cabeça havia mudado. Meu nariz havia se alargado e meu rosto tinha um aspecto lupino^[3]. Eu havia aumentado de estatura e estava com os ombros alargados. Mas o que me chamou mais a atenção foram os meus olhos. Havia algo de muito diferente neles. Algo profundo e ao mesmo tempo selvagem, que eu não compreendia. Comecei a tomar consciência de que havia muito mais coisas sobre minha verdadeira natureza do que eu poderia imaginar. Fiquei ali, um tempo me contemplando no espelho, tomando nota mentalmente de cada detalhe.

De repente, levei um susto quando o celular tocou. Tomei o aparelho entre os dedos e vi que era minha mãe! Atendi do jeito que deu.

- Mamãe? - grunhi.
- Daniel? Tentei ligar pra você, mas dava ocupado! Liguei para o tio Ênio e liguei pra você novamente! Você está bem?
- Eu estou, dentro do possível, mas o que houve com vocês?
- Está tudo bem, querido! Tivemos um pequeno acidente! Você ficou tão nervoso que se transformou? Pobrezinho!
- Eu estou bem, mãe!

Meu pai pegou o telefone e falou comigo.

- Está transformado?
- Sim.
- Onde?
- Numa casa abandonada.
- Em que casa?
- Não tenho a menor ideia.
- Você está bem?
- Estou, pai.
- Ainda bem... - exalou aliviado.
- O que houve? - perguntei com aquela voz que parecia saída de um filme de terror.
- Como a sua mãe disse, um pequeno acidente. Um outro caminhão bateu de raspão no nosso. Mas estamos bem, não se preocupe.

De repente ouvi um ruído abafado e minha mãe resmungou alguma coisa irritada. Depois ouvi um golpe seco e o meu pai falou novamente.

- Vamos ter que ver se o caminhão poderá prosseguir viagem ou vamos ter que providenciar um guincho, mas acho que amanhã ao final do dia poderemos seguir viagem, não se preocupe.

- E o outro motorista, como está?

- Ele está bem. Não se preocupe.

- E como vai a caçada?

- Tudo sob controle, filho. - disse meu pai não muito convincente.

- Tomem cuidado!

- Pode deixar. E agora, vá para casa, descansar. Já é tarde.

- Vou, pai. Mas primeiro tenho que voltar ao normal.

- Trate de ficar calmo e usar a concentração. Deseje reverter a transformação e você conseguirá.

- Não sei se consigo.

- Então faça o seguinte, filho... Sente-se em algum lugar confortável.

Saí do banheiro e fui para a cozinha, onde me sentei numa bancada de cimento.

- Estou pronto, pai.

- Agora feche os olhos e respire profundamente, devagar. Concentre-se na sua respiração. Sinta o ar entrando e saindo, relaxando você.

Aos poucos, no fluxo do ar, senti certo alívio e relaxamento, mas ainda não o suficiente para reverter a tensão que sentia. Minha mente vagava de um lado para o outro. Mas eu não podia desistir dessa vez por uma razão simples: eu precisava que desse certo.

- Agora pense em algo que lhe faz sentir bem. Uma imagem que lhe dá alegria, paz ou felicidade...

Sem esforço, Vânia surgiu na minha mente. Ela sorria, e olhava para mim.

- Certo. – comentei.

- Agora continue respirando e vendo essa imagem, filho. Tudo vai ficar bem. Confie em mim.

Os instantes passavam, meu pai seguia reforçando a ideia da respiração compassada e eu seguia me concentrando no rosto sorridente de Vânia. Finalmente consegui algum resultado: notei um formigamento leve em minha pele.

- Como se sente, filho?

- Estou melhor, pai.

- Muito bem. Continue e logo verá que a transformação reverterá completamente. Preciso desligar agora, a polícia Rodoviária está por chegar. Tudo bem?

- Deixe comigo.

- Depois fale com tio Ênio, ele vai ajudar. Está apenas aguardando você ligar. Tenho muito orgulho de você.

- Valeu, pai.

Fiquei ali um bom tempo, respirando e pensando em Vânia. Quando abri os olhos, relaxado e me sentindo tranquilo, os pelos haviam desaparecido e meu corpo havia voltado ao normal, sem dor. Era maravilhoso: eu estava de volta!

Logo compreendi o trabalho que poderia ter para poder sair daquela casa e retornar para a rua. Eu tinha entrado pelo telhado e não por uma porta. Subir de volta era uma opção que eu gostaria de evitar.

Depois de revistar as aberturas, descobri que a janela dos fundos tinha uma tábua solta. Foi o bastante para sair por ali para em seguida pular o muro da casa, que não era tão alto. Agora era ir para casa.

Olhei atentamente para minhas roupas e constatei que, pelo menos, a jaqueta não estava rasgada. Os tênis, por outro lado, tinham um furo cada um e eu podia

ver meus dedões expostos. Seria difícil chegar em casa daquele jeito sem chamar a atenção. Fiquei pensando por alguns instantes, até que decidi ligar para o tio Ênio.

- Alô, tio. Desculpe incomodar, mas eu vou precisar de um favor seu.

Meia hora mais tarde eu chegava a casa.

Foi tudo perfeito, novamente. Tio Ênio tocou a campainha e fez tanto dona Flora quanto Júlia ajudarem a entrar para casa alguns vasos de flores. Enquanto elas se distraíam, entrei pela porta dos fundos e fui direto para o quarto, trocar de roupa. Depois saí novamente e fingi que estava chegando.

- Olá, Daniel! - sorriu tio Ênio ao me ver – Trouxe essas flores para enfeitar sua casa. Da última vez que estive aqui, achei o lugar meio tristonho.

- Obrigado, tio.

- Aceita um pratinho de sopa, seu Ênio? - perguntou dona Flora.

Foi estranho. Eu poderia jurar que percebi um tom diferente na voz dela.

- Por que não? - disse ele tocando-me o ombro.

CAPÍTULO 7

Dona Flora havia preparado uma sopa que estava com um cheirinho delicioso. Tio Ênio, que adorava sopa, aliás, estava feliz da vida e não parava de elogiar os dotes culinários de dona Flora. Ela sorria e servia mais um prato após cada onda de elogios.

Depois de se fartar de sopa, tio Ênio começou a exhibir seu arsenal de piadas, histórias de clientes da floricultura e outros assuntos que muito chamavam a atenção de dona Flora.

Liguei a televisão. Um flash informativo estava passando bem na hora. Atirados num barranco, uma família inteira decapitada horrorizava a população de uma pequena localidade distante 50 quilômetros de Doutor Camargo.

Senti um calafrio ao ouvir o repórter que dizia:

- *“Teria esse crime relação com os assassinatos de Ceifador e Doutor Camargo? O que motivou esses crimes bárbaros é um mistério, já que as vítimas não tiveram seus pertences roubados.”*

- Coisa horrível! - disse dona Flora.

- Credo! – comentou Júlia.

- *“Até o que se sabe, todas as vítimas eram membros de sua comunidade, conhecidos de todos e não há qualquer indício de algum envolvimento com atividades ilícitas que pudesse causar um eventual acerto de contas.”* - continuava o repórter tratando de não cair no barranco enquanto um policial passava ao seu lado.

- Troque de canal, Daniel! - pediu dona Flora.

Foi o que fiz. Olhei para o tio Ênio, cuja expressão me deu a entender que havia sacado de que se tratava. Continuamos conversando por mais algum tempo e então ele se levantou, fazendo menção de ir embora.

- Tão cedo! Mas hoje é final de semana! - exclamou dona Flora decepcionada.

- Para mim, todos os dias são iguais, dona Flora. - sorriu gentilmente tio Ênio.

Ele se despediu de dona Flora e de Júlia. Acompanhei-o até o portão da frente. Depois de verificar bem se o carrinho que tinha engatado na moto estava bem firme, ele se aproximou. Pensei que fosse dizer algo sobre o que vimos na televisão. Mas ele me olhava com a boca semiaberta, como se hesitasse em falar.

Depois de um instante murmurou, como se temesse ser ouvido por alguém da casa:

- A decapitação costuma ser algo muito grave, Daniel...

- Por quê, tio? - perguntei para logo me arrepender daquela frase infeliz. Como alguém poderia ser decapitado e isso não ser algo grave?!

- Pode ser uma assinatura...

- Assinatura?

- Assassinos em série usam muito isso. O problema é que para arrancar a cabeça de um homem lobo, é preciso matá-lo. E matar um homem lobo, não é tarefa simples... - disse ele com uma cara preocupada.

- O que o senhor está pensando?

- Não se pode ter certeza de quem está causando essas mortes. Seu pai me ligou mais cedo e eles continuam procurando pistas, sem muito sucesso. Pode ser um vampiro ou outra coisa...

- Outra coisa? O que poderia ser? - perguntei sentindo uma sensação incômoda.

- A lista de criaturas capazes disso não é longa. Além disso, nenhuma delas é avistada neste mundo há muito tempo. - disse tio Ênio coçando a cabeça.

- Que tipo de criatura, tio? - insisti com uma ponta de impaciência.

- Trasgos, gigantes, ou talvez...

E fez uma pausa como se pesasse a ideia antes de dizê-la.

- Ou um Traga-cabeças. – completou a frase.
- Pelo amor de Deus, tio! Que bicho é esse?! - exclamei em voz baixa.
- É uma criatura raríssima. Só come a cabeça de suas vítimas. O problema é que ela não vive entre nós.
- Mas então, se isso é certo, como essa coisa poderia estar matando gente?
- Só existe uma forma de fazer com que um Traga-cabeças caminhe entre os vivos: bruxaria.

Fiquei parado, olhando para tio Ênio. Ele parecia distante, como se vagasse num sonho.

- O senhor está brincando comigo? Bruxas?!
- Por acaso você já ouviu falar de um autor de peças teatrais famoso, chamado Shakespeare?
- Só ouvi falar. Foi aquele que escreveu “Romeu e Julieta”, não?
- Isso mesmo. Sabe o que ele fala em uma de suas peças? “Existem mais coisas entre o céu e a terra do que a tua vã filosofia imagina...” Você é a prova viva disso.
- Infelizmente tenho de concordar.
- Se por alguma razão houver bruxaria nessa história, seus pais e todo o clã vão precisar estar preparados. Agora me deixe ir para casa. É tarde e tenho coisas para fazer.
- Vai fazer algo que tenha a ver com as decapitações? Quero ajudar.
- Obrigado, meu jovem. Mas vai me ajudar se voltar para casa e descansar um pouco. Até segunda.
- Até segunda, tio Ênio. E obrigado pelo favor.

- Amigos são para essas coisas! - piscou-me ele antes de dar a partida na moto.

Enquanto tio Ênio dobrava a esquina senti um vento frio roçando meu braço. Meus pelos se eriçaram. Tive a impressão de ouvir um sussurro. Olhei para o lado, mas não havia ninguém ali.

Entrei e me dispus a ajudar dona Flora com a louça, mas ela agradeceu e me mandou descansar. Fui para o quarto.

No corredor, tive novamente aquela sensação estranha e parei para olhar pela janela. Do outro lado da rua havia uma árvore. Estava iluminada pela luz da Lua, mas a sombra que se projetava abaixo da copa era espessa. Tão densa que parecia sólida. Uma sensação de estar sendo observado me invadiu. Eu já havia sentido aquilo antes e era extremamente desagradável. Especialmente com aquelas paranoias de vampiros, traga-cabeças e bichos do gênero.

Por um momento tive a nítida sensação de que algo se moveu próximo à árvore. Fixei a vista o máximo que pude. Mas era como se um véu estivesse frente aos meus olhos.

- O que está olhando? - perguntou Júlia por trás de mim.

Tive um sobressalto. Perdido em meus pensamentos nem a ouvi chegando. Parece que minha audição apurada de nada servia se me distraísse.

- Qual é a graça?! - berrei vendo um sorriso no rosto de Júlia.

- Nada, histérico! - disparou ela dando volta sob os pés.

Só após alguns instantes consegui dominar a apatia e a má vontade e ir me desculpar com Júlia.

- É que estou com dor de cabeça. Acho que estou meio estressado.

- Com o Guido e os capangas dele?

- É... Com aqueles palhaços.

- Deveria tomar uma providência a respeito.

- É... Deveria mesmo. Só que esse é um problema complicado. Nada é simples quando o seu futuro profissional pode estar em jogo. Mesmo assim, mana, muitas vezes você diz coisas que me fazem pensar e isso me deixa muito contente.

Pelo visto surpreendi Júlia com aquela declaração, pois notei um tom de emoção em seu rosto. Logicamente ela tentou disfarçar.

- Como pedido de desculpas, que tal a gente passar a tarde de amanhã juntos?

Ela pareceu pensar um pouco no assunto e acabou por dizer:

- Está bem, mas depois das três eu tenho um compromisso.

- Tudo bem. Libero você às três!

- Então está combinado!

Despedi-me de Júlia e fui tomar uma ducha. Depois, deitei na cama. Aquela sensação desagradável havia desaparecido. Pelo visto agora seria sempre assim, ouvindo, sentindo e vendo coisas que os garotos normais nem sequer desconfiariam.

Fechei os olhos, buscando um pouco de sossego. Por sorte, não demorou muito para que eu estivesse completamente mergulhado num sono profundo.

“O fogo crepitava nas carroças e madeiras, nas torres de assalto e no próprio castelo mais ao fundo. Meus braços apertavam meu irmão como se eu fosse mantê-lo vivo por mais tempo do que a morte permitiria.

- *Nhaara... Onde está Nhaara?* - *murmurou ele, lembrando-se repentinamente.*

- *Vou encontrá-la.* - *prometi.*

- *Obrigado. Sempre foste um bom irmão... Perdão. Fui um tolo.* - *foram suas últimas palavras.*

- *Eu o perdoo. Eu o perdoo.* - *solucei abraçando-o mais forte.*

Ele se fora. Agora não me restava mais ninguém. Todos mortos. Todos os meus homens mortos! Tudo por culpa dela. Por culpa daquela maldita bruxa!

Deitei o corpo de meu irmão novamente e arranquei a espada de seu peito. Olhei com ódio para a fortaleza e levantei. Podia sentir o calor das chamas vindo de todas as direções. Apertando a empunhadura da espada, comecei a caminhar.”

Acordei angustiado. Por alguns instantes ainda vi a imagem do castelo em chamas. O que tudo aquilo significava? Pouco a pouco ela se desvaneceu com os raios do sol que se infiltravam pela cortina. Era incrível a nitidez daqueles sonhos. Inquietante. Mas o que mais me deixava com a pulga atrás da orelha era: qual a sua relação comigo?

Levantei e logo estava na cozinha tomando um cafezinho para enganar o estômago. Dona Flora e Júlia continuavam dormindo. Depois de lavar a louça e arrumar meu quarto, decidi dar uma olhadinha no diário de Maria. Tranquei a porta do quarto e abri a janela para que a luz da manhã entrasse de cheio.

Será que Maria também tinha sonhos desse tipo? Ainda era cedo para levantar. Peguei o diário que estava debaixo do travesseiro e recomecei a leitura de onde havia parado.

Diário de Maria

Morar naquele quarto nos fundos da lavanderia era muito melhor do que na rua. Estávamos aliviadas, mamãe e eu. Trabalhávamos juntas desde a manhã até a noite. Havia muita roupa para lavar. A proprietária da lavanderia, dona Rita, nos levava sempre alguma coisinha para comer de tarde. Começamos a almoçar com ela todos os dias. Eu estava feliz. Nosso futuro era promissor. Mamãe juntava todo o dinheiro que podia para nossas passagens.

Mas um dia eu acordei me sentindo estranha. Estava agitada, ansiosa. Mamãe percebeu. Ela se sentou ao lado de minha cama e pousou sua mão sobre a minha.

- *Nunca conversamos sobre o que aconteceu em casa. - disse ela com um olhar sereno.*

Fiquei calada. Eu achava que tinha sido algum tipo de alucinação, que tinha imaginado aquele monstro. Nem queria perguntar nada a ela, pois tinha medo das respostas.

- *Como você percebeu, mamãe não é igual a todo mundo. - prosseguia ela, hesitando, observando minhas reações.*

Permaneci em silêncio.

- *Quero dizer, sou uma pessoa normal, mas... Aquilo que você viu...*

- *Eu sei o que vi, mamãe. Eu estava tendo alucinações. - disse-lhe sentindo-me ainda mais ansiosa.*

- *Não, filha... Mamãe... mamãe é uma mulher lobo. Foi isso que você viu e não imaginou.*

- *Não! - reagi instintivamente, afastando a mão dela de meu braço.*

- *Filha! - disse ela com lágrimas nos olhos.*

- *Não! Não! Isso não aconteceu! Eu imaginei! Eu imaginei!*

- *Acalme-se, Maria! - dizia ela enquanto tentava inutilmente me abraçar. Eu repelia seus braços como se fossem os da própria morte.*

- *Você precisa me ouvir! - finalmente ela conseguiu se impor, segurando meus pulsos com força e sacudindo-me como jamais fizera antes.*

Fiquei calada, soluçando, com o coração aos pulos.

- *Você é minha filha e é possível que seja igual a mim! Precisa estar preparada para o que vai vir! - disse ela com um olhar penetrante.*

Por um momento fiquei atônita. Minha mente era um turbilhão de emoções e pensamentos. As imagens daquela noite quando mamãe reagiu ante as agressões de papai, quando eles brigaram, quando ela já não era ela, quando ela era

“aquilo”, quando papai voou contra a parede, todas aquelas imagens me bombardeavam a mente com uma força terrível...

- Não! Eu não quero! Eu não quero!

Mamãe já não falava nada. Apenas tentava me abraçar. Eu me sentia tonta, aflita, angustiada. Havia perdido o controle completamente.

- Eu não quero! - eu insistia aos prantos.

- Calma, minha filha! - insistiu minha mãe enxugando mais uma lágrima que lhe escorria pelo rosto.

- Eu não quero virar um monstro como você! - berrei apertando os dentes, sentindo meu rosto e meus braços arderem.

Foi quando senti um golpe forte na cara. Minha mãe havia me dado um tapa no rosto.

- Nunca mais fale assim comigo! Sou sua mãe! Não importa o que aconteça, sempre serei sua mãe! - disse ela com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ante o choque do tapa e o olhar severo de minha mãe, finalmente consegui recuperar o controle e ficar calada, quieta. Ela me abraçou e eu retribuí o gesto. Ficamos juntas por um bom tempo, soluçando.

- Desculpe-me, mamãe... Eu não quis magoá-la. - consegui dizer finalmente.

- Eu sei, minha filha. Eu sei. - disse ela acariciando meus cabelos.

Ficamos mais alguns minutos ali e então mamãe enxugou a última lágrima do meu rosto e começou a falar:

- Você é minha filha. Mas não significa que seja igual a mim. Mesmo assim, é preciso que saiba que muitos filhos de pessoas como eu acabam ficando iguais aos pais. Você está com quinze anos e a cada Lua cheia, corre o risco de se transformar como a mamãe.

- Você fica daquele jeito sempre? - perguntei soluçando.

- Não. Mamãe não fica daquele jeito nunca. Só quando quer. Mas na primeira vez é praticamente impossível controlar a transformação. Por isso hoje vamos ficar observando você. Se algo for acontecer, eu vou ajudá-la a ficar em segurança. Se na noite de hoje nada acontecer, estaremos tranquilas até a próxima Lua cheia.

Concordei com a cabeça e a abracei, confusa. Depois de um tempo, perguntei:

- Isso tem nome, mamãe? Você sabe se tem nome para isso que acontece com você?

Ela respirou fundo e disse;

- Tem, minha filha. As pessoas chamam gente como eu de lobisomens.

Fechei o diário ao ouvir Júlia batendo na porta. Dona Flora estava de saída.

Minha mãe tinha deixado instruções para que mantivéssemos a casa o mais limpa possível. Tomamos o café da manhã e após uma breve discussão, decidimos numa partida rápida de jokenpo^[4] quem lavaria os pratos.

Júlia ganhou.

Depois cada um foi para seu quarto, cuidar de sua vida. Na hora do almoço, esquentei a comida no micro-ondas e comemos em clima de paz, até o próximo jokenpo.

Júlia sempre ganhava!

A tarde chegou com uma temperatura agradável. Saímos de casa e caminhamos devagar na direção do Parque Verde, onde funcionava o zoológico municipal.

Várias crianças passeavam com os pais pelo parque. As árvores ofereciam uma sombra agradável e uma brisa gostosa corria pelo lugar. Senti inúmeros aromas e odores. Os animais do zoológico ainda nem eram visíveis quando eu já sentia cada um deles, sem saber ao certo de qual se tratava.

Caminhamos um bom tempo em silêncio, até que compramos pipoca. Júlia perguntou, enquanto metia a mão no saco de papel.

- E a Vânia?
- O que tem ela? - fiz-me de desentendido.
- Corta essa! Já contou que tá a fim dela?
- Olha só aquele macaquinho: tem uma manchinha no nariz! - aponte para a jaula mais próxima.
- Nem tenta desviar a conversa! Falou ou amarelou?

Depois de dar um longo suspiro, respondi:

- Não deu.
- É normal na sua idade. Por sorte as mulheres amadurecem mais rápido. - sentenciou com ar superior.

Eu merecia ouvir aquilo?

- Por que amarelou? O que houve? - insistia.

Aquela conversa estava me deixando sem graça. Era só o que faltava: receber aconselhamento amoroso de minha irmã de doze anos!

- Eu me dei conta que a Vânia não é para mim... Somos de mundos diferentes. Enquanto lavamos o caminhão do pai, ela faz rapel com a família! Não tem como um sujeito como eu ser interessante para uma garota como a Vânia!

Isso sem contar o fato de que em noites de Lua cheia eu podia virar um monstro raivoso! - completei mentalmente.

- Coitadinho do garoto pobrezinho!
- Às vezes você é muito besta! - disse eu sentindo-me irritado uma vez mais.
- E você precisa parar de ter medo e reagir! Ela não vai esperar para sempre! Alôuu!

Levar sermão de criança era terrível, mas com aquele tom de deboche era insuportável.

Enquanto nos aproximávamos da jaula dos tigres, ela continuou:

- Você é tão bom quanto ela, Daniel! Não tem diferença nenhuma entre vocês! Essa besteira de “mundos diferentes” é pura falação! Você está com medo de encarar a garota!

- E qual sugestão você me dá? - perguntei irritado.

- Convide ela para sair. Depois você...

E não concluiu a frase. Apenas piscou o olho e sorriu sugestiva.

- Olha ali! O tigre! - disse ela apontando para a jaula.

O animal se levantou e me encarou ameaçadoramente, emitindo um terrível urro. Júlia recuou um passo e estremeceu. O tigre me encarava e se atirou contra as barras da jaula, desferindo uma sonora patada no ferro.

- O que há com esse bicho? – perguntou uma mulher que passava ao lado.

O tigre dava voltas e voltas na jaula, olhava para mim e para Júlia e atacava as barras de ferro.

- O que será que aconteceu que o deixou tão bravo? - indagou Júlia.

- Não faço ideia. - respondi – Vamos sair de perto. Pode ser que você o tenha irritado.

Minha irmã fez uma careta de deboche sem graça e caminhamos em frente. Estivemos passeando até a hora do “compromisso” de Júlia. Era óbvio que eu a seguiria dessa vez para ver aonde iria. Mesmo sendo aquele garoto aparentemente inofensivo, não custava dar uma conferida. Além do mais, agradava-me a ideia de segui-la testando minhas habilidades de “farejador”.

Júlia me deu um beijo e se foi. Fiquei parado no parque em frente da jaula dos javalis. Ela saiu pelo portão de entrada e eu me preparava para sair caminhando atrás de seu rastro quando o celular tocou.

- E aí, mano? - disse Sérgio do outro lado da linha - Vamos jogar um videogame? Comprei um jogo que é o máximo! O nome é “O caçador de

lobisomens”! Acho até que vou fazer uma resenha do jogo para meu canal sobrenatural na Internet.

“Definitivamente, ninguém merece!” pensei.

- Acho que não vai dar, Sérgio. Eu tenho uma coisa pra fazer agora.
- Falou. Mas se tiver tempo mais tarde, apareça por aqui.
- Está bem! A gente se fala mais tarde. Até mais.
- Até! - despediu-se.

Depois, tratei de falar com meus pais antes de ir ao encalço de Júlia. Seria interessante dar-lhe certa vantagem.

- Alô? - disse minha mãe atendendo em seguida o celular.
- Tudo bem com vocês?
- Estamos bem, querido.
- Onde estão agora? - perguntei.
- Na verdade, continuamos parados num bosque próximo à estrada.
- O estrago foi muito grande, mãe? Chamaram um guincho?
- Na verdade, quebrou o vidro lateral do seu pai e parte da frente do caminhão ficou amassada. Tem alguma coisa vazando, mas conseguimos um mecânico que está trabalhando nisso agora. Mas nós estamos bem. Saímos ilesos.
- Não tiveram que chamar um guincho?
- O guincho mais próximo está quebrado, mas conseguimos alguém para remediar o problema, como lhe comentei.
- E o motorista que acertou vocês, estava bêbado? Para causar um acidente desses...

Ela pareceu hesitar um momento para depois me comentar.

- Bem, Daniel... Na verdade, fomos atacados.
- Atacados?! - quase gritei no meio do parque.

Foi quando notei ao meu lado uma garota vestindo uma roupa diferente. Um vestidinho rosado num estilo meio antigão e uma fita no cabelo. Ela deveria ter pouco mais de sete anos e me olhava com curiosidade.

- Por favor, meu filho! Não fique assim! Estamos bem, eu lhe garanto! - insistia minha mãe.

- Estou calmo, mãe! - disse eu mais baixo, afastando-me da garota curiosa – O que foi que atacou vocês? Posso saber?

Ela hesitou novamente e respondeu:

- É complicado, filho...

- Por favor, mãe! - disse eu tapando um ouvido para bloquear os sons do parque, as risadas, as crianças brincando, os adultos conversando.

A garotinha arrastava um ursinho de pelúcia e seguia meus passos, irritantemente.

- Um grupo de possuídos... - disse minha mãe.

- Um o grupo de quê?! Só faltava essa!

- Ai, filho! Eu sabia que não era boa ideia contar-lhe essas coisas, ainda mais estando tão longe daí! - reclamou.

Caminhei a passos rápidos, indo para a área mais tranquila do parque, tentando fugir da garotinha e ganhar um pouco de privacidade.

- Não, não! Não se preocupe! Eu estou ótimo. É só que ainda não sei bem que tipo de coisas vocês podem encontrar pelo caminho! Um dia eu achava que Papai Noel não existia e no outro, tenho pelos saindo por todo o corpo, além de vampiros, come-cabeças e outras pragas do tipo.

A garotinha murmurou alguma coisa que eu não entendi. Devia estar falando sozinha.

- Não era um Traga-cabeças o que nos atacou, Daniel! - era a voz de meu pai.

- E o que está arrancando as cabeças dessas pessoas? - eu caminhava cada vez mais para dentro da zona de bosque do parque.

- Ainda não sabemos. Até agora não encontramos nenhuma testemunha que possa nos dar uma pista. Pelas marcas nos locais das mortes, pode ser até mesmo um homem lobo. Mas arrancar a cabeça das vítimas parece algo bem estranho e sem sentido... A não ser que...

Ele se deteve e ficou calado.

- A não ser que o quê?

- A não ser que as mortes sejam apenas para arrancar as cabeças para usá-las em algum tipo de feitiçaria...

- Pelo amor de Deus, pai! Feitiçaria!

- De qualquer forma, não sabemos. Mas conseguimos capturar um dos possuídos antes que ele fugisse. Ele pode nos dar uma pista, mas ainda está muito resistente.

- Como assim resistente, pai? - perguntei preocupado.

- Ele não quer falar...

- Falar? Vocês estão com uma pessoa presa?

- Estamos.

- Mas e a polícia? Na hora do acidente...

- Não foi bem um acidente, filho. Eles nos atacaram. Íamos à frente do grupo de carros que nos acompanham. Os infelizes trataram de bater um caminhão contra o nosso para nos jogar para fora da estrada em uma espécie de barranco profundo que há nesse trecho de rodovia. Enquanto o caminhão batia de raspão no nosso, um deles pulou na boleia e tentou nos acertar com uma adaga de prata.

- Ai, meu Deus! - exclamei. - percebendo a menina ao meu lado novamente.

Tapei o celular com a mão e me virei para ela.

- Por favor, garota, vá com seus pais. Eles devem estar preocupados com você! – exclamei rudemente.

- O que disse? - perguntou meu pai.

- Nada, nada, continue. - disse eu dando as costas para a garotinha que não havia saído do lugar e murmurou algo novamente.

- A polícia não o viu. Ele está bem “guardado”. É que leva tempo dobrar uma entidade dessas. O motorista foi apenas um refém. Estava amarrado no baú do caminhão. O outro possuído, o que dirigia, escapou.

- Entidade?! Possuído?!

Aquilo só complicava mais e mais as coisas. Entidades, come-cabeças, possuídos... Só faltava eles me dizerem que o bicho-papão existia! Para piorar aquela menina não saía do meu pé!

- Filho, você tem que confiar em nós. Não vamos machucar um inocente. Mas a entidade que o tomou precisa ser interrogada! Se quisermos saber alguma coisa sobre o que está acontecendo, vamos ter que arrancar as informações dela...

- E os demais possuídos ou sei lá o quê?

- Fugiram barranco abaixo antes que nossos amigos pudessem chegar perto. Foi um ataque relâmpago. Estão evitando o confronto direto. Não sei o que pensar ainda.

A menina que estava ao meu lado me acompanhava enquanto eu caminhava um pouco mais para me livrar dela. Eu já estava na zona do parque que não era frequentada por ninguém, onde começava parte da mata que era praticamente virgem.

- Tomem cuidado, pai. - disse eu sentindo-me impotente.

A garota não saía de perto de mim.

- Fique tranquilo. Temos tudo sob controle. Não vamos ser pegos de surpresa novamente.

A menina, que estava atrás de mim falou de novo. Dessa vez ouvi, mas não entendi.

- Aur faor meaude.- havia murmurado ela.

Tratei de me concentrar no telefonema. Mas aquelas palavras mal-ouvidas me incomodavam.

- Por favor, pai, qualquer novidade me avisem. Quero saber de tudo. - disse eu tentando decifrar as palavras da garota enquanto falava.

- Fique tranquilo, filho que vamos mantê-lo informado. Até logo!

- Até, pai. Um beijo na mãe. - desliguei o celular.

Voltei-me para a garota, mas ela não estava mais ali. Olhei para os lados, surpreso, ainda tentando entender as palavras que ela havia dito.

Finalmente, após alguns instantes, senti um calafrio. Consegui reconstituir a frase que a menininha com o urso na mão dissera por várias vezes: “Por favor, me ajude!”.

CAPÍTULO 8

Fiquei tão abalado com a visão da menina e seu pedido de socorro que a ideia de seguir Júlia e seu namoradinho me pareceu sem importância. Fiquei lá, dando voltas, tentando achar algum rastro da garotinha, sem sucesso. Depois sai do parque e caminhei pelas ruas algum tempo ruminando tudo aquilo.

De repente, ouvi uma buzina. Parei de caminhar e vi que um portão se abria ao meu lado, na calçada onde eu estava. Olhei para a rua e vi o carrão preto do Dr. Borges. Sem perceber eu tinha ido até a casa de Vânia! Corri para o lado e deixei o caminho livre para ele entrar.

Vânia, que estava no banco de trás, acenou. Nem tudo estava perdido! O Dr. Borges me cumprimentou ao passar.

Fiquei parado no lugar como se estivesse plantado. De repente, os conselhos de Júlia me vieram à cabeça. Ela tinha razão. Eu estava com medo! Enfiei as mãos nos bolsos e comecei a caminhar.

- Espere!

Voltei-me e vi Vânia no portão de casa.

- Oi! - sorri.

- Oi! - ela também sorriu.

- Como foi o rapel? - perguntei sentindo aquele perfume maravilhoso.

- Foi bem, exceto pela mamãe que caiu e quebrou uma perna.

- Ah, que chato! Sinto muito! - apressei-me a dizer. Ignorar uma sogra não é bom para nenhum casamento.

Vânia começou a rir.

- Eu não consigo ficar séria! É brincadeira! Mamãe é a melhor de todo nosso grupo de rapel!

Ri também, para acompanhar. Se ela soubesse a que tipo de grupo minha família pertencia...

- Desculpe a brincadeira de mau gosto! - ela ficava linda com o rosto vermelho de tanto rir. Aqueles olhos pareciam duas estrelas que eu não conseguia parar de olhar.

- Você esqueceu um livro ontem...

- Ah! Eu nem tinha me dado conta!

- Vou buscar para você. Espere um momento.

Enquanto Vânia entrava em casa, fiquei sentindo aquele aroma de que tanto gostava. Orlando me acenou da garagem da casa. Sujeito simpático. Todos ali eram tão simpáticos! Não demorou muito e Vânia me trouxe o livro.

- Você sempre esquece as coisas assim? - perguntou ela, prolongando a conversa.

Eu me sentia responsável, pois havia estragado tudo no dia anterior. Teria que caprichar para recuperar o terreno perdido.

- Minha mãe diz que só não esqueço a cabeça por aí porque ela é colada no pescoço. - respondi impressionando-me com a minha capacidade de bancar o idiota falando besteiras.

Mas Vânia riu.

- Uma vez estávamos em um piquenique com meus pais. A mamãe me pediu para pegar umas coisas no porta-luvas do carro. Eu estava tão distraída que não só deixei as chaves no banco do motorista como também tranquei a porta do carro quando saí! Papai não disse uma palavra. Mas dava pra ver a fumacinha saindo da cabeça dele! - ria ela espontaneamente.

Que garota linda! Eu precisava criar coragem de uma vez por todas e tomar uma atitude. Júlia tinha razão: ela não esperaria para sempre!

- Você está a fim de sair para, quem sabe, tomar um sorvete, comer um lanche? - disparei sem pensar, sentindo um frio terrível na barriga.

Ela me olhou surpresa, como se não esperasse aquela atitude de minha parte. Depois sorriu e respondeu:

- Eu adoraria!

Eu estava no céu. O pulso acelerado, as bochechas queimando. Precisava respirar fundo para manter a calma.

- Mas infelizmente hoje não vai dar. Vamos receber visita e preciso ajudar minha mãe. Devem chegar a qualquer momento.

- Ah, tudo bem. - disse eu tratando de não parecer um cachorro abandonado.

Foi quando uma buzina chamou nossa atenção. Um carrinho de picolé se aproximava.

- E que tal se a sorveteria viesse até você? - sorri.

Ela olhou para o sorveteiro e sorriu para mim.

- Nunca comi picolé de carrocinha. Será uma experiência nova!

Comprei dois picolés e nos sentamos na calçada à sombra das árvores.

- Nada mal. - disse ela saboreando o seu picolé de creme.

Mas eu não prestava atenção no gosto de nada. Estava atento a cada gesto de Vânia.

De repente, ouvi duas respirações agitadas se aproximando.

Olhei para trás e vi os cachorros de Vânia chegando por trás das grades do portão.

- Você gosta de cães? - pergunto Vânia, dando-se conta da presença deles.

- Gosto.

- Hércules? Titã? Venham aqui! - disse ela esticando a mão para dentro da grade.

Mas eles me viram e retrocederam devagar, para logo irem embora, ganindo baixinho.

- O que será que eles têm? - indagou-se Vânia em voz baixa.

Os cachorros passaram pelo Doutor Borges, que vinha em direção ao portão.

- Aí está você! Pensei que tivesse saído. Não esqueça que temos visitas, minha filha.

- Eu já contei a você que o Daniel quer fazer medicina, papai?

- Ah! É mesmo?

- Mas eu já comentei com ele que médicos nunca têm tempo para a família.

Ele sorriu e respondeu:

- Vânia tem razão. É uma profissão que requer muito de quem a segue com seriedade. Mas é um sonho que vale a pena viver. Se você realmente quer chegar lá, não desista.

- Eu realmente acho uma profissão muito interessante. - confessei.

- O caminho é difícil. Mas se mantiver o foco, terá grandes vitórias. Às vezes terá de engolir algum sapo, mas no final, tudo dará certo.

- O senhor tem toda a razão – comentei pensando quer suportar Guido era um preço pequeno comparado à vantagem que estudar no Instituto representava para meu futuro.

- Bom. Vou para dentro. Até logo, Daniel. - despediu-se o Doutor Borges.

Terminamos os picolés e Vânia se levantou da calçada.

- Acho melhor ir ver se minha mãe está precisando de ajuda.

- Está bem, vou indo. - despedi-me com pesar.

- Obrigada pelo picolé. Foi legal. Até mais. - sorriu ela.

O caminho até casa foi cheio de pensamentos e emoções contraditórias. Se um dia eu conseguisse ficar com Vânia, como ficaria a questão da minha outra natureza? Apesar do que Júlia pensava, eram realmente dois mundos muito diferentes. Além disso, não seria possível que Vânia corresse algum perigo por se envolver comigo?

Eu não sabia. E estava com a cabeça cheia dessas dúvidas, embora estivesse feliz por ter vivido aquele momento com ela.

Àquelas alturas, eu só queria ir para casa e ficar olhando televisão até o sono chegar. Nem preocupações, nem joguinhos de matadores de lobisomens, nem namorados em miniatura.

Júlia não chegou muito tarde. Comeu pouco e foi para o seu quarto, curtir o seu “transe amoroso”. Depois de um bom banho e um jantar singelo, despedi-me de dona Flora e fui deitar. Sentia-me cansado fisicamente, mas o sono custava a chegar. As horas passavam e eu só pensava na Vânia e naquele nosso encontro, se é que se poderia chamar assim. Até que, não sei a que horas, o sono chegou. E aquele misterioso sonho continuou uma vez mais.

“Os corpos dos soldados se espalhavam por todo o campo. O fogo estava em todas as partes. Eu caminhava em direção ao castelo, ouvindo o crocitar dos corvos que chegavam famintos. Passei por uma carroça cheia de feno. Era inacreditável que tudo ao nosso redor ardesse, menos aquela carroça.

Senti uma raiva tremenda. Levantei a espada e desferi golpes furiosos contra o feno e as madeiras da carroça. As lascas das tábuas saltavam enquanto eu descarregava toda aquela frustração.

De repente, ouvi um lamento, um gemido. Olhei ao redor, para os corpos mais próximos, mas o som vinha da carroça. Talvez algum soldado moribundo. Um sobrevivente, afinal! Mas logo percebi, sentindo um aperto no peito, que não era um gemido de um homem, mas o choro de um bebê.”

Acordei com aquele choro sofrido em minha mente. Era estranho como aquele sonho me produzia angústia. Era quase como uma lembrança de algo vivido.

Olhei para o relógio. Cinco da manhã. Virei para o lado e ainda alcancei a pensar mais um pouco sobre aquele sonho. Quem seria esse cavaleiro, que guerra

era aquela, o que tudo aquilo significava? Conversaria com tio Ênio. Ele devia ter alguma explicação.

Sem perceber, adormeci novamente. Senti o aroma de um frondoso bosque de árvores altas, cujas folhas farfalhavam suavemente. Eu estava sentado numa cadeira de ferro branca e havia uma mesa. Sobre a mesa havia um vaso com uma planta de Flor-da-Lua.

Do outro lado da mesa, uma mulher estava sentada. A mesma que eu vi naquela noite, no sonho que tive na casa de tio Ênio no dia em que me transformei pela primeira vez. Ela vestia os mesmos trajes prateados e seu rosto seguia me parecendo familiar. Primeiro sorriu. Depois, seu rosto assumiu uma expressão de dúvida, como se compreendesse algo. Ouvi, então, ela falar pela primeira vez:

- Você o conhece? - murmurou com uma voz distante.

Havia lágrimas em seus olhos.

- Quem? - perguntei.

- Você o conhece? - insistiu.

Mas antes que eu pudesse continuar o diálogo, ela sumiu na escuridão. O despertador me arrancou do sonho como se eu caísse de um prédio de mil andares. Esfreguei os olhos e levantei, impressionado com o realismo daquele sonho e a sensação desagradável da queda...

Segunda-feira, tudo de novo.

Minha caneca de chá estava me esperando quando entrei no quartinho do chá. Tio Ênio estava em pé, tomando o seu.

- O senhor tem falado com o meu pai?

- Sim, tenho. - disse ele me alcançando a xícara fumegante.

- Então sabe do ataque dos possuídos?

- Sei. Só reforçou o que eu já desconfiava. Há bruxaria no meio dessa história.

- E o que o senhor esteve fazendo? O senhor disse que tinha coisas para fazer. Era algo para ajudar os meus pais?

- Termine seu chá. Ainda temos um tempo antes do caminhão das orquídeas chegar.

Obedeci e ele me levou até o porão da floricultura. A mesa grande que usávamos para fazer embalagens e trabalhar com mudas estava limpa. Havia um livro sobre ela. Tio Ênio se aproximou dele e disse:

- Dê uma boa olhada, pois não vai ver outro desses em lugar algum.
- Botânica Oculta. - li o título em letras douradas.
- O verdadeiro livro e não aquele que é conhecido por todos. - disse tio Ênio sorrindo satisfeito como um menino travesso.
- Paracelso... - li na capa.
- Aureolo Paracelso. Um médico famoso do século XVII que também era um grande alquimista.

Folhei o livro com delicadeza. Estava todo manuscrito em uma letra regular, mas não muito bonita. Na verdade, era a letra de tio Ênio.

- O senhor escreveu todo esse livro? - perguntei observando as ilustrações. Havia alambiques e plantas modestamente esboçadas, símbolos e outros desenhos.
- Cada letra. Uma transcrição de um original. Mas é uma longa história. Esse livro tem um valor inestimável. Contém uma série de conhecimentos sobre plantas que a grande maioria das pessoas desconhece.
- Agora passe-o para cá. Quero lhe mostrar uma coisa.

Entreguei-lhe o livro. Tio Ênio o folheou um pouco. Em seguida o devolveu aberto.

- Leia.
- Para afastar os maléficos efeitos de feitiços. - li em voz alta.

- Isso mesmo.

- Para obter proteção efetiva contra influências de feitiçaria, faz-se necessária a seguinte poção que será usada como filtro pelo teurgo... O que é um teurgo, tio Ênio?

- Um mago que trabalha com as forças positivas da natureza.

Curioso, continuei a leitura:

“Consiga-se o teurgo uma planta de mandrágora. Em seguida, banhe-a com uma poção feita com cinco gotas de sangue do operador e o orvalho da manhã da noite de lua nova, devidamente conjurada e ritualizada. A seguir, pronuncie-se o conjuro citado no capítulo anterior. Feito isso, a planta estará com seu potencial mágico plenamente ativo.

Tenha-se muito cuidado no momento de retirar as raízes do solo, pois quando a planta está magicamente ativada, torna-se potencialmente perigosa. Especial atenção no momento de arrancar a planta do solo. O procedimento consiste em amarrar uma fita ou cordão negro com cinco pedaços de ferro ao redor do caule da planta. A seguir, o operador deve amarrar a essa corda uma outra, que deverá ser presa à coleira de um cão. O animal deve ser guiado para arrancar a planta do solo.

Atenção: o operador não pode arrancar a planta com as próprias mãos, pois nesse caso ela gritará com tal intensidade que poderá matá-lo. Há registros de teurgos que ignoraram esse detalhe e acabaram mortos. Testemunhos relatam que os gritos da mandrágora podem ser ouvidos a léguas de distância.”

Fiz uma pausa e olhei para tio Ênio.

- Não precisa acreditar. Eu mesmo, quando era garoto, não acreditava em homens lobo nem em nada disso. - sorriu ele.

- O senhor vai fazer essa coisa?

- Poção. - corrigiu-me ele pacientemente.

- O senhor vai fazer essa poção para nos ajudar a combater os caras que arrancam as cabeças das pessoas?

- Isso mesmo. Quando os seus pais conseguirem tirar algo do possuído, poderemos saber quem está por trás dessa história toda e nos protegemos dele. – Agora deixe o livro. Vamos para cima, pois acho que o pessoal das orquídeas acabou de chegar.

Depois de recepcionar as orquídeas, ajudei tio Ênio numa limpeza geral. Ele passava um pano e limpava com dedicação e detalhe cada vaso de planta.

- Tio Ênio.

- O que foi?

- Desculpe minha incredulidade. Não me leve a mal. É muita coisa nova para mim.

- Não se preocupe. Tinha que ver a minha cara quando tive contato pela primeira vez com homens lobo. - disse ele com um meio sorriso.

- E como aconteceu?

- Hoje não, Daniel. Hoje não quero falar sobre isso, está bem?

- Claro. - concordei percebendo um ar de tristeza em seu rosto.

Ele continuou sua limpeza. Parecia distante.

- Tio Ênio... Preciso lhe comentar sobre uns sonhos que venho tendo.

Em seguida contei em detalhes aqueles sonhos que eu tinha todas as noites, inclusive o da mulher vestida de prateado. Ele prestou muita atenção e em seguida me disse:

- Como eu já tinha dito, você ainda está desenvolvendo seus poderes. Mas, pelo que vejo, você pode ter um dom raríssimo entre os homens lobo: a memória atávica.

- Memória o quê?

- Atávica. - sorriu ele entusiasmado. - É a habilidade de recuperar, em sonhos ou lúcido, lembranças de antepassados seus. Você se vê em diferentes épocas da história porque seus antepassados estiveram lá. Ou ainda, pode ser uma lembrança de uma vida passada.

- Será? - perguntei incrédulo.

- Ou está vendo filmes demais.

Não pude evitar sorrir. Ele deu uma risada curta.

- Mas a mulher vestida de prata eu não acho que seja a mesma coisa. - disse-lhe recomeçando a varrer o chão.

- Tenha paciência. Em todo caso, trate de prestar atenção aos detalhes. Pode ser algum tipo de alerta, premonição, ou sonho mesmo. Depende de como a coisa se desenrole. Mas você saberá. É um rapaz de sorte. Seus pais não possuem esse tipo de dons.

- Tem mais uma coisa, tio: tenho visto vultos. Além disso, no sábado aconteceu algo estranho. Uma garotinha muito esquisita falou comigo e me pediu ajuda. Só que a perdi de vista um só instante e quando me virei ela já não estava mais lá. Eu ainda a procurei, mas não pude encontrá-la.

- Onde?

- No parque Verde. Nem sequer senti algum cheiro característico. Foi estranho demais.

- Já pensou na possibilidade de que essa menina não esteja mais entre os vivos?

- Tipo, morta? - não pude evitar sentir um calafrio ao ouvir minhas próprias palavras.

- Maria seguidamente via espectros. Ela não se assustava mais, embora no começo tenha sido difícil.

E o pior é que fazia todo o sentido. A desapareição da menina, a forma de vestir... Tudo!

- Não sei se vou conseguir me acostumar com esse tipo de coisas, tio.

Não é preciso ter medo. É tudo parte da natureza. Quanto à garotinha, não se preocupe. Se ela quiser falar com você novamente, irá fazê-lo. - sorriu ele continuando sua tarefa.

CAPÍTULO 9

Depois do almoço, saí para comprar um par de tênis para os treinos, pois restava-me apenas um par em condições de uso.

Eu ia caminhando por uma avenida quando tive uma sensação estranha. Olhei para todos os lados, mas não vi nada. Comecei a atravessar a rua, quando o celular tocou.

O número aparecia como não identificado. Havia tempos que o Sérgio tentava me pegar no trote dessa forma. Uma vez ele imitou uma velhinha pedindo para falar sei lá com quem. Mas não tinha jeito. Eu sempre descobria seus trotes.

- Alô?

- Estou com medo... Está escuro! - sussurrou alguém do outro lado da linha.

Tive um sobressalto. Reconheci imediatamente aquela voz. Era a menininha do parque! Como aquilo era possível?! Mas não tive tempo de falar nada. Uma buzina de carro encheu meus ouvidos. Quando olhei para o lado vi que a caminhonete estava a menos de cinco metros de mim. Os pneus cantaram no asfalto com a freada, mas era tarde.

Parecia que tudo ao redor andava em câmera lenta. Por um instante consegui ouvir meu coração batendo e senti meus músculos ardendo. Ouvi o motorista gritando de dentro da caminhonete, enquanto afundava o pé no freio.

Sem pensar, dei um salto. O mais forte que pude. A caminhonete avançava arrastando as rodas travadas. Em décimos de segundo meu corpo se erguia no ar e deslizava sobre o capô. Senti um leve roçar nas costas. Ainda restava o para-brisa. Fechei os olhos enquanto levava as mãos para proteger o rosto. Foi só após um tempo que veio o impacto. Duro, firme, doloroso. Senti, pelo menos, uma costela estalar.

Rodopiando, fui projetado para cima do teto da caminhonete. Quando dei por mim, estava no chão. Tudo girava ao meu redor. Ouvi o som de um arranque veloz.

A caminhonete desaparecia na esquina, para indignação de várias pessoas que gritavam com o motorista.

Depois disso, meus olhos se fecharam e tudo ficou em silêncio.

No instante seguinte, eu estava dando entrada na emergência da Santa Casa. Sentia o corpo latejar, com um calor intenso.

Uma enfermeira estava a minha espera quando os socorristas desceram a maca da ambulância.

As pessoas na sala de espera me olhavam curiosas. Ainda pude ouvir uma senhora dizendo baixinho para o marido:

- É nisso que dá beber e dirigir!

Entramos pelo corredor e fui levado à enfermaria. Ali, a enfermeira começou a soltar as amarras junto aos socorristas.

O primeiro pensamento que me ocorreu era que talvez alguém percebesse que havia alguma coisa de errado comigo. Isso me deixou nervoso.

Tentei me mexer, mas ao mover a perna esquerda senti uma dor horrível na altura do fêmur. Não sentia os dedos do pé. A perna estava quebrada! Eu já conhecia aquela sensação. Tinha quebrado um braço uma vez. Não tinha remédio. Ficaria internado por um bom tempo no hospital. Foi quando notei algo molhado escorrer pela testa. Toquei-me e senti o sangue em meus dedos.

- Não se mova. Deixe esse ferimento quieto, garoto! - ordenou a enfermeira.

- Desculpe. - balbuciei, um tanto desorientado.

- Está tudo bem. Não se preocupe. Vamos aguardar o médico e fazer alguns exames enquanto isso.

Enquanto ela falava com os socorristas, percebi seu cabelo loiro e seus olhos azuis penetrantes. Ela deveria ter pouco mais de quarenta e cinco anos.

Depois de um instante, liberando os socorristas, voltou-se para mim.

- O médico está em outra emergência. Por enquanto, vou cuidar de você.

Enquanto ela me examinava, senti uma sensação de formigamento na perna quebrada e umas pontadas. Depois, uma sensação de repuxamento, como se meus músculos da coxa estivessem se contraindo numa câibra. Ouvei um estalo e uma dor muito forte me sacudiu. Senti um arrepio pelo corpo todo enquanto ondas de calor e frio se alternavam. Aquilo não era normal. Será que eu ia me transformar?

- Quer se machucar ainda mais? - indagou a enfermeira – Já disse para ficar quieto!

Mas a dor começou a diminuir assim como a câibra. As pontadas desapareceram e respirei aliviado.

Enquanto suturava a ferida em minha testa, a enfermeira indagou:

- Você parece estar bem, tirando a perna que obviamente deve estar quebrada. Tem algum parente para quem eu possa ligar?

- Tio Ênio. Ele está nos contatos do meu celular.

- Está bem.

Logo, ela ligou para o tio Ênio e informou com calma a situação.

Depois fizeram um raio-X da minha perna e da cabeça. A enfermeira pegou o resultado da radiografia da cabeça e comentou que estava tudo bem.

Depois, a da perna.

- Não entendo... - murmurou ela.

- Está tudo bem?

- Sim. Está. E isso é estranho. Você não tem fratura alguma.

O médico chegou naquele momento e após olhar a radiografia e examinar minha perna, disse que só devia ficar em observação por um tempo. Depois estaria liberado.

A enfermeira me levava de cadeira de rodas até a sala de observação, quando tio Ênio apareceu. Tinha o semblante tenso. Cheguei a me sentir culpado.

- Daniel! Você está bem? - perguntou se aproximando a passos largos.
- Pode ficar tranquilo, tio. Não se preocupe.
- Graças a Deus!

A enfermeira me deixou na sala de observação e estava prestes a ir embora dali, quando perguntei:

- Como é mesmo o seu nome?
- Heloísa. - respondeu com um breve sorriso.
- Muito obrigado por toda sua atenção.

Ela me encarou como se eu tivesse dito uma besteira.

- Não precisa agradecer, querido.

Naquele momento, um policial apareceu nem sei de onde e me fez perguntas sobre a caminhonete que tinha me atropelado. Parece que o veículo tinha sido roubado havia poucas horas.

Enfim, após uma hora em observação, fui liberado. Tio Ênio me tomou pelo braço, apesar de que eu dissesse que não precisava. A enfermeira nos acompanhou até a porta.

- Você é um rapaz de sorte. Mas tome mais cuidado quando for atravessar a rua. - disse Heloísa.
- Pode deixar!
- Obrigado por cuidar dele! – agradeceu tio Ênio apertando-lhe a mão.
- Foi um prazer. Boa sorte! – respondeu ela com um sorriso discreto.

Sáímos dali e fomos pegar a caminhonete do tio Ênio. Era um milagre como aquele automóvel ainda funcionava. Eu nem sabia o nome do modelo, de tão antigo! Quando ele abriu a porta da caminhonete, a garotinha voltou-me à memória.

Tio Ênio deu a partida e começou a dirigir.

- Ela ligou pra mim, tio.
- Quem?
- A garotinha do parque.
- Interessante! E o que ela disse?
- Ajude-me... Está escuro, ou algo assim... Não lembro direito.
- Talvez ela precise mesmo de sua ajuda.
- E como vou ajudá-la se ela está morta?!

Tio Ênio seguia dirigindo e pensou um pouco antes de responder.

- Seria bom se você voltasse ao lugar onde a viu, no parque. Talvez ela mesma lhe diga o que fazer.

- O senhor está falando sério?

- Fui casado com uma mulher lobo, estudo livros de botânica oculta e magia. Acha que eu brincaria com uma coisa dessas?

- Não, não. É claro que não.

- Levo você para casa?

- Não, eu estou bem. Preciso ir naquela loja onde sempre compro meus sapatos, “A Econômica”. Preciso comprar um par de tênis.

- Sei onde é. - respondeu ele dobrando para a direita.

Andamos uma quadra em silêncio Tio Ênio se virou para mim:

- Posso levar você para onde for depois da compra.

- Não precisa, tio. Obrigado.

- Como está se sentindo agora?

- Muito bem. Parece que nada aconteceu comigo. Eu acho até que minha perna estava quebrada e se curou!

- Provavelmente.

- Se não tivessem chamado a ambulância, acho que eu teria ido embora sem problemas depois de alguns minutos. Como é possível que minha perna tenha se curado em tão pouco tempo? - perguntei intrigado.

- Vou lhe contar como Maria se curava rápido. Era algo impressionante de se ver.

CAPÍTULO 10

- Aí está você! – disse o professor Juarez ao me ver entrar no ginásio – Está atrasado! Junte-se à equipe sem colete e comece a jogar! O campeonato é no domingo, caramba!

Para meu desgosto, Guido era o atacante da minha equipe. Seus lacaios, Paulinho-boca-mole e João-pé-de-feijão eram os zagueiros.

No outro time estavam o Paulão, cujo nome o descreve bem e o Barbicha, cara alto e magro, com uma barbicha muito estranha. O resto do pessoal das duas equipes eu conhecia de vista.

O professor pegou o apito e disse:

- Muito bem, pessoal! Vamos começar!

Não demorou para eu perceber a gelada em que estava metido. Guido era um desastre no ataque e muito pior defendendo. Por outro lado, Paulão e Barbicha eram ótimos jogadores. E sob os olhares bovinos dos lacaios de Guido, Barbicha abriu o placar.

Os primeiros minutos foram um festival de trapalhadas. Além disso, nas raras vezes que a bola poderia ter chegado até mim, meus próprios companheiros preferiam dá-la a outro colega!

Tomamos mais dois gols.

Não seria difícil ser mais rápido que a maioria dos jogadores e me destacar. Por outro lado, bateu um lance de dilema ético: seria justo eu, como um ser “sobre-humano”, superar meus companheiros valendo-me disso?

Foi então que senti um aroma familiar e agradável. Vi umas meninas entrando no ginásio. Traziam cartazes com letras que conformavam o nome da escola.

O apito soou e naquele momento ela entrou no ginásio. Tinha os cabelos presos e seu rosto parecia ainda mais lindo! Vânia carregava um cartaz com um Jaguar, o símbolo da escola.

Foi só após um instante perdido naquela contemplação “babativa” que ouvi o grito:

- Segura, que ele vem com tudo!

Daquela vez eu nem tive tempo de me safar. O Barbicha vinha em minha direção a toda velocidade e me deu um “chega pra lá” que me atirou para trás.

Envergonhado, levantei o mais depressa que pude, sentindo o rosto corar. Tinha que ser justo quando a Vânia estava ali?

As garotas da torcida organizada, como no ano passado, tinham vindo ensaiar suas coreografias, pois havia um prêmio para a melhor torcida do campeonato. Pelo visto, Vânia decidira participar. E eu pagando mico!

A falta foi apitada. Joaquim, o outro lateral, me deu um toquezinho e me senti obrigado a me redimir frente à Vânia. Meu dilema ético foi resolvido. Era justo me destacar por ter habilidades superiores? Sim!

Saí correndo e comecei a driblar os adversários. Um, dois, três deles ficaram no caminho. Paulão até tentou, mas não conseguiu me derrubar puxando pela camisa. Na verdade foi o contrário. Ele perdeu o equilíbrio e caiu rolando trás de mim.

Guido só mugia:

- Passa pra mim! Passa pra mim!

Mas não teve para ninguém. Chutei a bola com tanta força que o goleiro acabou entrando com bola e tudo. Houve um grito geral de assombro e comemoração em nosso time e murmúrios de desaprovação no time adversário. Olhei para a torcida e vi que Vânia comemorava o meu gol dando pulinhos, agitando os braços. Nossos olhares se cruzaram e senti um frio na barriga.

O jogo seguiu e melhoramos muito, pois eu continuava dando dribles mais rápidos e mais certos. Em alguns minutos, para assombro do professor, acabamos entre eu e Joaquim, marcando mais quatro gols. Guido fervia de raiva. Mesmo recebendo a bola, não conseguia finalizar.

Já perto do final da partida entrei na área adversária e fui desarmado. Mas bastava uma passada e eu recuperaria a bola. No instante em que toquei na bola

com a ponta da chuteira, ouvi um som deslizante vindo em minha direção, pelas costas. Guido vinha dando um carrinho em mim!

Tanta raiva tinha de não haver feito nenhum gol, que aproveitou o pretexto de recuperar a bola para me pegar. Mas não teve sorte. Dei um salto e vi como ele passou reto por baixo, levando a bola e fazendo o gol.

Mas a comemoração durou pouco. Na violência da jogada, Guido bateu com o joelho em cheio na trave de ferro e agora berrava de dor. Resultado: foi carregado para fora da quadra pelos lacaios e eu acabei posando de herói.

O treino terminou. O professor Juarez se aproximou de mim e disse:

- Não sabia que você jogava tão bem, Daniel. Tem chance de ficar como titular.
- Obrigado... - fiquei sem graça.
- Para a próxima partida, vamos pensar na possibilidade de trocar algumas posições... Até amanhã, pessoal, às cinco da tarde! E sem atrasos, Daniel.
- Pode deixar, professor.

Guido estava sentando no banco ao lado da quadra. Pude sentir seus olhos me fuzilando pelas costas.

Despedi-me do professor e fui para a torcida, onde Vânia se preparava para coordenar as falas a serem repetidas durante as partidas.

- Oi! Bom jogo, hein?
- Afinal, você veio participar. – sorri.
- Pois é. Vai ser divertido... Mas o que aconteceu? - disse Vânia apontando para minha testa.
- Um machucadinho bobo. - disse-lhe sem atinar uma resposta melhor.

Ficamos nos olhando em silêncio por um momento, até que alguns risinhos acordaram Vânia, que me disse:

- Vamos ensaiar mais um tempo... Mas você não vai querer ver isso...

Eu sorri e ela me devolveu o sorriso.

- Vocês vão ensaiar em nossos treinos sempre? - perguntei.
- Sim, vamos estar nos treinos.
- Que bom... – sorri.

Ela sorriu.

- Então... Até mais. - disse Vânia virando-se para as colegas.
- Espere...
- O que foi?
- É... Você... Gostaria de dar um passeio comigo?

Um coro de risinhos se ouvia das torcedoras.

- Tudo bem. - respondeu Vânia – Quando?
- Amanhã de tarde?
- Está bem. Às duas da tarde está bem?
- Está ótimo! - sorri – Eu passo na sua casa e a gente pode começar pela Enfermaria Militar.
- Está bem. A gente se vê na aula. - disse Vânia.

Fui saindo da quadra satisfeito. Vânia tinha aceitado meu convite. Só não sabia se por pena ou porque realmente queria estar comigo... Não dava para saber.

Voltei-me e vi a mão de Barbicha estendida para mim. Paulão estava ao seu lado, sorridente. Era inacreditável. Os caras vieram me cumprimentar! Normalmente eles só se relacionavam com os membros de seu grupinho fechado de garotos com barba na cara, maiores de dezoito anos. Mas parece que havia um lugar vago. Eu estava me sentindo a última bolachinha do pacote!

- Belo jogo. - disse Barbicha.
- Obrigado. - agradei apertando-lhes as mãos – Sou Daniel.
- Sou Barbicha... Gostei do que fez com o trouxa do Guido... E pela forma como você jogou, pode ser que neste ano a gente tenha alguma chance no campeonato. - disse ele e Paulão concordou.
- Valeu. Vou me esforçar.
- A gente se vê por aí. – sorriu Barbicha.

Voltando à escola, ainda no caminho, consegui falar com meu pai. Sem novidades, continuavam “interrogando” a entidade... Eu não tinha a menor ideia de como se interrogava um espírito ou algo assim, mas eles deviam ter seus métodos. Essa era uma boa pergunta para o tio Ênio.

Já de noite, quando eu estava para entrar na escola, Guido e sua turma pararam na minha frente. Ele mancava e tinha o joelho enfaixado. Com desprezo no olhar, rosnou:

- E aí, Mané?
- O que você quer? - perguntei, pensando se não havia chegado o momento de acertar as contas.
- Você vai mesmo jogar nessa porcaria de campeonato?
- Acho que sim. Você não vai? - respondi sem poder conter a ironia na voz.
- Você tem que tomar cuidado. A gente se machuca nesses jogos, Mané.
- Como você?

Ele fechou a cara ainda mais e deu um passo na minha direção.

- Vou precisar de dinheiro para um lanche.

Respirei fundo. A hora parecia haver chegado. O Paulinho e o João, lacaios fiéis, deram um passo para o lado, cercando-me. Eu podia sentir suas respirações e

pulsos se acelerando. Mas também sentia como meu corpo se retesava, preparando-se para a briga que iria ser feia. Se machucasse Guido, azar! Já estava mais do que cansado de ficar na minha.

Depois de minha transformação ficava difícil engolir aquelas palhaçadas de Guido, sabendo que eu podia dar-lhe a maior surra que ele jamais sonhara. Era evidente que a influência lunar era forte apesar da ajuda do amuleto de Maria. Eu precisava mais do que nunca me controlar para que as coisas não fossem longe demais. No momento em que ele deu mais um passo na minha direção, uma voz se ouviu:

- Firmeza?

Eram Barbicha e Paulão. Dois caras que os palhaços como Guido respeitavam. Além deles, havia outros colegas que estavam no jogo na equipe deles: o grupinho dos “maiores de idade”.

- Tudo certo. - respondeu Guido de má vontade.

- Como é que tá o joelho? - perguntou Paulão.

- Melhorando.

- Que bom. A gente gostaria muito de que você jogasse no campeonato de novo. No ano passado você foi de grande ajuda para o time. - disse Paulão.

Risos se ouviram do grupo recém-chegado. Guido estava visivelmente humilhado. A equipe da escola havia perdido de goleada enquanto ele ficava só reclamando.

- Guido! - chamou o diretor Fausto desde o portão da escola – Quero falar com você.

- Estou indo, pai! - respondeu ele. - Tô de olho em você, Mané! – disse-me afastando-se com sua corte de bajuladores.

Fiz um aceno para o diretor, que mal respondeu. O Diretor Fausto era um homem baixo e de olhos esquivos. Eu não estava certo de sua opinião sobre o comportamento de seu filho. As fanfarronices de Guido pareciam não chegar ao conhecimento dele, ou o diretor fazia vista grossa.

- Esse carinho é muito Mané, Daniel. - disse Barbicha – Não o deixe zoar mais você. Se precisar de ajuda, é só chamar, falou?

- Falou, Barbicha! Valeu!

- E o seu machucado? - perguntou Paulão.

- Já está curado. Era muito pequeno... - disse eu meio sem jeito.

- E aí? Tudo beleza? - perguntou Sérgio, que já conhecia os rapazes.

- Tudo certo. - respondi.

Depois de nos despedirmos do pessoal, fomos para a sala de aula. A turma estava conversando descontraidamente quando o diretor Fausto entrou. Ao seu lado, uma garota com a aparência de recém haver completado dezoito anos. Tinha os cabelos lisos e longos além de olhos penetrantes, delineados com lápis preto.

- Por favor, prestem atenção um minuto! – disse o diretor - Lamento informar que a professora Conceição encontra-se de licença médica. Quero lhes apresentar a professora substituta, a senhorita Gabriela, que vai lecionar Literatura para vocês por uns tempos.

Quando o diretor saiu e fechou a porta, a nova professora deixou seus livros sobre a mesa e se dirigiu à turma:

- Vamos fazer a chamada primeiro. Assim conheço todos vocês.

Olhei para o lado e vi Sérgio. Ele estava imóvel. Seus olhos estavam vidrados na professora. Um a um, fomos todos chamados e tivemos que nos apresentar brevemente.

Logo ela disse o meu nome:

- Daniel Medeiros Lobo?

- Presente. - disse-lhe levantando brevemente da cadeira – Seja bem vinda à nossa escola. Tenho quinze anos e gosto de Literatura.

- Que gentil! Tenho certeza de que vamos nos dar muito bem! - sorriu ela enquanto seus olhos se cravaram em mim. Era uma sensação estranha. Havia algo

no olhar dela que me perturbava.

A chamada prosseguiu. Sérgio parecia não se aguentar de impaciência. Remexia-se na cadeira. Eu podia ouvir seu coração alterado. Cheguei a achar que ele começara a transpirar. O estranho era que parecia que vários colegas estavam com a mesma angústia de Sérgio, observando-a encantados. Até que finalmente:

- Sérgio Gouveia Silva?
- Presente! - exclamou – Eu não gosto de Literatura.

Houve um murmúrio na sala. Sérgio permanecia calado. A professora o fitou de frente.

- Por que não?
- Por que eu adoooooro Literatura! É a minha matéria favorita! Favoritíssima!

A professora sorriu e continuou a chamada. Sérgio pareceu decepcionado. Acho que ele esperava algum comentário dela. Depois de acabar a chamada, ela falou sobre a Escola Realista Brasileira e sobre o Realismo Psicológico presente na obra de Machado de Assis.

Quando a professora pediu para alguém ler um trecho do livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, que ela trouxera, Sérgio quase caiu da cadeira oferecendo-se.

Ela entregou-lhe o livro e ele não perdeu tempo. Pigarreou para limpar a garganta e leu com voz grave e olhar sério, o que provocou risos no fundo da aula.

- Está bem, Sérgio, obrigada. – agradeceu a professora – Então, pessoal, que características nós podemos perceber nesse trechinho?
- Ela já aprendeu o meu nome de cabeça! - sussurrou Sérgio com um sorriso enquanto a professora aprofundava sua análise.

O bom e velho Sérgio. A garota da última “Musas” havia perdido seu posto no coração de meu amigo. Fazia tempos eu não o via tão emocionado como naquele momento.

A aula passou rápido. Eu não tinha certeza, mas de vez em quando eu via aqueles olhos negros pousados sobre mim. A professora era inteligente e desenvolvia muito bem a aula. Todos gostaram dela. Especialmente Sérgio.

Pouco antes de acabar o período, ela pediu uma tarefa para a turma:

- Quero que façam um poema curto romântico. Depois vamos encontrar essas características no texto de alguns autores do romantismo, nossa próxima escola literária.

O sinal tocou e Sérgio suspirou enquanto a professora saía pela porta. E tive a impressão de ouvir outros suspiros abafados pela sala de aula.

- Cara, e o meu pai ainda queria que eu já tivesse terminado o Ensino Médio! Eu jamais a conheceria se não estivesse aqui! - desabafou ele com indignação.

Não pude evitar o riso. Mas ele não estava brincando.

- Mano, é pra valer. Tô amando! Até tinha esquecido do teste de matemática!

“O amor é lindo” pensei concordando com a cabeça. No período seguinte, tivemos um teste de matemática. Como terminei antes do horário, o professor me dispensou. Sérgio saiu alguns instantes depois e me encontrou no corredor, próximo ao bebedouro.

- E aí, mano? Vamos dar uma volta no centro? Temos um tempo pra dar umas bandas. Vim no ovinho de Páscoa.

Era como ele chamava seu carro modelo 1.0.

- Mas o que era aquilo, mano? - murmurou ele colocando o cinto de segurança. - Aquela professora... Gabriela... Gabi. – disse Sérgio como se saboreasse o nome.

- Já estão íntimos?

- Almas gêmeas, mano...

- Quantas almas gêmeas você tem, Sérgio?

- Ah, você não entende... Tudo bem. Quando tiver a minha idade vai entender. - disse dando a partida.

Demos um passeio devagar pelo centro da cidade. Os bares e trailers de lanches funcionavam a pleno, pois o dia fora agradavelmente cálido. Sérgio colocou um CD do Legião Urbana para tocar.

- O Barbicha simpatizou com você. Isso é bom.

- Acho que sim. Pelo menos eles não gostam do Guido.

- Ninguém gosta do Guido. Mas ele tem medo deles e fica quietinho quando estão por perto. Já é um alívio.

Naquele momento passamos pela frente do Parque Verde. Não pude deixar de olhar para o portão. Tive o pressentimento de que veria a garotinha novamente. Mas ela não estava lá.

- Vamos dar uma olhada pra ver se tem algo acontecendo na estrada abandonada hoje? - perguntou Sérgio.

Naquele momento, vi, através da janela de Sérgio, a garotinha com o rosto quase colado no vidro. Não pude evitar dar um grito. Fui pego de surpresa.

- O que é que tá rolando, mano?! - assustou-se Sérgio.

- Nada, nada! Desculpe, cara... Eu só... Eu não estou me sentindo bem... Eu... Vamos ver a estrada velha?

Ele me olhou por um momento, avaliando minha expressão.

- A gente é amigo há muito tempo, Daniel. Você sabe que pode confiar em mim, não sabe?

- Claro que sim, Sérgio.

- Então, você não esconderia de mim se estivesse usando drogas, né?

- É claro que não!

- Você está meio diferente depois daquele lance com o Guido, sei lá... O que é que tá rolando?

Sérgio era meu amigo havia anos. Mas contar a ele sobre meus “poderes paranormais” era algo complicado. Mesmo assim, precisava dizer alguma coisa.

- Sérgio, naquele dia aconteceram coisas comigo que não posso contar, ainda. Quando chegar o momento, eu prometo que conto. Mas pode esquecer o lance das drogas.

- Você é quem sabe. Quando estiver preparado, conte comigo.

O que mais eu poderia dizer? Como explicaria que agora era um homem lobo? Como explicar que havia visto uma garotinha morta me olhando na janela do carro?

CAPÍTULO 11

Dona Flora havia feito uma macarronada sensacional. Era o prato favorito de Júlia, depois do sorvete, é claro. Eu comia com apetite, apesar de estar pensando no que iria fazer a respeito da menininha do parque. A ideia já não me assustava tanto como no princípio. Na verdade, estava ficando cada vez mais intrigado com tudo aquilo.

Mas abandonei minhas reflexões quando percebi que havia algo de errado com Júlia. Ela tinha o rosto apagado. Seus olhos evitavam os meus.

- Aconteceu alguma coisa, mana?
- Nada.
- Já vai levantar da mesa e nem comeu nada, minha filha? - indagou dona Flora preocupada.
- Estou sem fome, dona Flora. Vou dormir. Estou com sono.

Eu podia perceber que havia algo errado com ela. Não estava com aquele brilho de contentamento bobo no olhar. Estava preocupada. Algo a estava incomodando. Cedo ou tarde eu iria descobrir.

Depois de me despedir de dona Flora, fechei a porta de meu quarto. Estava sem sono. Peguei o diário de Maria para dar uma olhada.

Diário de Maria

A partir das revelações de mamãe sobre os lobisomens existirem e sobre a possibilidade de que eu me tornasse uma deles, as noites passaram a ter um sabor de angústia. Especialmente as de lua cheia. Um dia, mamãe já tinha quase todo o dinheiro para viajarmos até onde estava nosso tio quando comecei a me sentir mal.

Calafrios intensos e uma palidez assustadora tomaram conta de meu corpo. Mamãe temeu pelo pior. Levou-me para o quarto ainda de tarde e me fez deitar na cama. Eu não sabia o que era pior: se os sintomas que estava sentindo ou o medo de me tornar um lobisomem. Eu tratava com todas as forças de alimentar a esperança de que fosse apenas uma febre passageira e nada mais.

Mas estava escrito no livro do destino que eu tinha um legado, uma maldição. Quando o sol se foi, uma sensação de náusea e ansiedade extremas me tomaram. Senti muito medo. Mamãe estava em silêncio.

Quando ela se convenceu de que o pior iria acontecer, amarrou meus braços e pernas com lençóis torcidos no estrado da cama.

- É só por segurança, querida. - disse ela com lágrimas nos olhos.

Comecei a chorar. De repente, senti uma sensação de frustração que se converteu em raiva intensa. Mamãe percebeu e começou a rezar baixinho. As horas foram passando devagar. Eu ia sentindo aquela raiva crescendo dentro de mim, como uma bomba prestes a explodir.

Tentei acalmar minha mãe, que estava aflita ao meu lado, embora eu estivesse sentindo uma raiva tremenda até dela. Para meu espanto, minha voz foi se modificando. Havia ficado mais grave, animalesca. Foi quando minha pele começou a arder como se tivesse sido queimada com água fervente.

Gemi de dor e mamãe me acariciou a cabeça. Olhei para ela e de repente um pensamento de que nossa situação, as surras que ela levava de papai, nossa fuga e aquela maldição eram culpa dela. Era tudo culpa dela, desde o princípio! Comecei a perder o controle sobre meus pensamentos e emoções. A raiva só crescia. Minha respiração acelerou com meu coração. Tive medo de morrer.

Mamãe verificava as amarras de lençóis e comecei a sentir as piores dores que poderia imaginar. O que aconteceu depois eu não consigo me lembrar com clareza. Parecem lembranças de um pesadelo distante.

Mas eu me lembro de algo que é o suficiente para me perturbar. Meu corpo se contorceu e eu comecei a urrar com aquela voz infernal. Mamãe tentava tapar minha boca para que a dona da lavanderia, que morava não muito longe, não me ouvisse. Lembro de como mordi o travesseiro e o despedacei. Lembro dos lençóis

de meu braço esquerdo rasgando. Lembro quando agarrei o pescoço de mamãe com força e ela ficou roxa.

Eu não conseguia me controlar. Depois, lembro de que ela também se transformou e começou a tentar me segurar. As amarras foram insuficientes, para o desespero dela. Acho que eu era muito mais forte do que ela imaginava.

Depois, lembro de como mamãe me segurou por horas, enquanto eu a machucava, mordida, golpeava, sem querer. Mas são lembranças fragmentadas. Melhor assim.

Quando acordei no dia seguinte, mamãe estava ao meu lado. Suas roupas e as minhas estavam em farrapos.

Ela nunca me falou sobre os detalhes e diz que o importante é que estamos bem agora e que é preciso viver a vida daqui para frente.

Por sorte, a dona da lavanderia não havia intervindo à noite, embora certamente mamãe não tivesse conseguido me fazer ficar em silêncio. Dona Rita não nos disse nada, mas desde aquela manhã passou a nos olhar de uma forma diferente.

Desde a primeira transformação comecei a perceber muito sobre os sentimentos das pessoas. Logo descobri que eu podia pressentir o que elas estavam sentindo. Eu via medo por trás do olhar de dona Rita. Parecia que nossos tempos por ali haviam terminado.

Não pude deixar de pensar na sorte que tive ao ser detido por tio Ênio. Teria sido um desastre se eu tivesse saído por aí, feito um doido. Na melhor das hipóteses, acabaria machucando alguém...

Não sei bem em que altura daquelas reflexões eu adormeci. Mas aquele sonho que mais parecia uma lembrança emergiu de meu subconsciente uma vez mais.

“Naquele mundo esquecido, com sabor de lembranças antigas, o cheiro de queimado impregnava tudo. Era um milagre. Aquela criança sobrevivera a toda a matança, escondida na carroça com palha.

Desgraçadamente seus pais deviam estar mortos, como os demais. Olhei ao redor na esperança de encontrar alguém que pudesse socorrer aquela criaturinha inocente, mas não havia ninguém. Só o fogo, a fumaça, os corpos e os corvos.

Era triste. Não havia o que fazer. Recuar agora para me certificar de que a criança ficaria bem poderia custar nossa última esperança de livrar nossa terra da terrível praga. Tomei o bebê em meus braços. Fitei o castelo, agora menos distante. Observei a criança, que se acalmava rapidamente. Olhei para os corvos bicando os olhos dos mortos. Respirei fundo e tomei uma decisão amarga.”

Acordei sentindo toda aquela dor e desespero. Depois de um tempo, espaiecendo na cama, veio-me à cabeça o encontro com Vânia. Logo as sensações angustiantes do sonho se dissiparam e comecei a ficar animado com a perspectiva do bendito passeio. Sentia-me cheio de energia e disposição. Seria um dia ótimo!

No café da manhã, novamente notei certa tensão no rosto de Júlia.

- Está tudo bem com você, mana?

- Tudo. - respondeu ela sem vontade, levantando da mesa com o café pela metade.

- Você tem que se alimentar, Júlia...

- Até mais tarde.

Meu bom humor inicial acabou escorrendo pelo ralo, enquanto eu tentava imaginar o que estava acontecendo com Júlia. Eu tinha que pensar numa forma de descobrir, pois ela não iria me contar nada, estava óbvio. Depois do café, despedi-me de dona Flora e fui para a floricultura.

Tio Ênio não estava no quartinho do chá. Procurei em todos os lugares. Até que decidi dar uma olhada no porão. Lá estava ele, com dois vasos de plantas sobre a mesa.

- Olá, Daniel! - acenou animado.

- Bom dia, tio Ênio. O que está fazendo aqui?

- Estou começando a preparar aquela poção que você viu no livro.
- E essas plantas o quê são?
- Mandrágoras. Consegui com um amigo.
- Aproximei-me e examinei as plantas. Pareciam um tipo de palma, bem comuns.
- Estou trabalhando na ativação mágica da planta. Por sorte encontrei um frasco de orvalho de lua nova...
- O senhor tem orvalho guardado em um frasco? - perguntei assombrado.
- Você acredita em fantasmas? - retorquiu ele com um sorriso.
- Ok, o senhor venceu, tio. Não está mais aqui quem achou esse lance de orvalho estranho.
- Agora estou trabalhando na preparação do orvalho. Leva alguns dias até ele ficar no ponto. Tenho que realizar três vezes o ritual. Amanhã à noite será o último dia. Assim poderei deixar pronta a fórmula de ativação. Depois disso, tocar essas plantas pode ser perigoso. Arrancá-las do lugar, então, pode ser fatal.

Tratei de disfarçar ao máximo minha descrença em tudo aquilo... Não queria ofender tio Ênio.

- E o cachorro para arrancá-las dos vasos? Como vai conseguir um?
- Não vou precisar: tenho meus truques.
- Olá? - ouviu-se uma voz de mulher na floricultura.

Saí do porão para atender à cliente, que logo reconheci. A enfermeira que me atendera no hospital.

- Dona Heloísa?
- Oh! Olá, Daniel! Como está? - exclamou ela sorrindo.
- Estou ótimo!

- Mas que coincidência agradável! Você trabalha aqui?
- Trabalho!
- Vejo que realmente você está muito bem!
- Em que posso ajudá-la?
- Bem, eu estava procurando um arranjo para um aniversário.
- A senhora veio ao lugar certo. - disse tio Ênio. - Mas primeiro vai experimentar uma xícara de chá.
- Por favor, chamem-me de Heloísa. Não sou tão velha assim, sou?
- Claro que não! - concordei.
- Aqui está! - retornou tio Ênio do quartinho do chá com uma xícara fumegante - Ainda está quente. Tome cuidado.

Ela provou e fez um aceno com a cabeça:

- Nossa! Que sabor delicioso! O senhor é um especialista nisso!

Ele sorriu satisfeito. Ela tomou outro gole do chá e em seguida começou a caminhar pela floricultura:

- O senhor tem uma floricultura linda. Eu já passei várias vezes pela frente, mas não tinha entrado ainda. Meus parabéns! A sua esposa deve ter um talento e tanto para armar esses arranjos aqui!

- Na verdade, ela tinha sim talento de sobra para o ramo de flores e jardinagem. - disse tio Ênio, com tristeza – Mas já faz dez anos que ela faleceu...

- Ah, meu Deus! Me perdoe! Eu sinto muito! - disse ela, que se moveu desajeitadamente, deixando um pouco de chá virar na blusa.

- A senhora se molhou! – alertei.

- Vou buscar um paninho para a senhora se secar, só um instante! – correu tio Ênio.

- Por favor, me perdoe, seu Ênio! Eu sinto muito pela minha boca grande! –
Heloísa seguia se desculpando.

- Não se preocupe. Está tudo bem. – respondeu tio Ênio.

Depois de se secar ela disse, apontando para um arranjo:

- Eu gostei daquele ali. Está muito bonito.

Ela tirou a carteira do bolso e tio Ênio disse:

- Por favor, é cortesia da casa. A senhora foi muito prestativa ajudando Daniel.

- Estou em dívida com o senhor, agora. - disse ela.

- De forma alguma. - tornou ele.

Ela sorriu e pegou o arranjo. Depois foi indo embora, mas se virou na saída.

- Quem disse que não existem mais cavalheiros? Até logo!

Depois que ela foi embora, tio Ênio comentou:

- Senhora simpática.

- É, também acho.

Depois de reciclar os arranjos que já não estavam bem, trocando as flores, varri o chão e dei uma olhada em umas mudas na estufa que ficava numa peça ao lado da floricultura. Novamente minha cabeça girava em torno de Vânia e nosso passeio da tarde. Era pena que tivesse treino às cinco, mas o lado bom é que ela também iria para lá, treinar com a torcida.

Quando cheguei em casa, havia um bilhete de Júlia sobre a mesa:

“Vou almoçar na casa da Martinha. Júlia.”

Como era habitual ela fazer isso, não dei importância. Engoli a comida com ansiedade. Os minutos agora custavam a passar! Subitamente, lembrei do poema

que a professora de literatura havia pedido. Como tínhamos aula naquela noite, fiquei um bom tempo elaborando um poema, pensando em Vânia e tratando de me expressar da melhor forma possível. No fundo, gostaria que ela entendesse a profundidade de meus sentimentos ao ouvir o tal poema.

Quando achei que minha obra prima estava de bom tamanho, guardei o caderno na pasta e fui para o banheiro. Tomei um banho mais do que caprichado e passei o barbeador no rosto. Peguei emprestado do meu pai o melhor de seus perfumes e observei cuidadosamente se havia alguma espinha ou cravo que eu precisasse eliminar antes de sair de casa.

O celular tocou.

- E aí, mano? Tudo beleza?
- Olá, Sérgio! Tudo ótimo!
- Nossa! Que bom humor, cara? O que é que tá rolando?
- Você me conhece, hein, Sérgio?
- Fala logo que estou curioso!
- Vou sair para passear com a Vânia hoje.
- E quando marcaram? Quando esse milagre aconteceu?
- Ontem.
- O quê?! E não me contou nada sobre isso?! Você deve estar mesmo passando por uma fase sinistra!

“Bota sinistra nisso”, pensei.

- Não importa. Estou contando agora. Algum conselho para seu amigo novato com as garotas? - perguntei.
- Claro! Seja gentil, muito gentil. Mas na primeira oportunidade, trate logo de beijar!

Rimos junto. Sérgio tinha um tato magnífico com as garotas. A namorada que mais durou com ele desistiu no segundo encontro.

- Muito obrigado, senhor Casanova^[5]! Vou seguir seu conselho. Meu encontro é daqui a pouco.

- Falou! Boa sorte!

- Até mais. - despedi-me desligando o celular.

Olhei mais uma vez para o espelho e dei uma ajeitada no cabelo. Depois de observar meu rosto de perfil de um e o outro lado, até me convenci de que feio eu não era.

Ao chegar à casa de Vânia, o Dr. Borges estava saindo de carro bem na hora. Cumprimentei-o e ele fez um breve aceno de cabeça. Parecia preocupado, sei lá. Orlando me abanou desde o jardim. Era incrível como todo mundo naquela casa era adorável!

Antes que eu tocasse o interfone, Vânia já estava vindo até o portão.

- Olá. - cumprimentei.

- Oi. – disse ela destrancando o portão.

Foi aí que percebi que seus olhos estavam vermelhos.

- O que houve?

- Nada. Só uma alergia. - Disse ela com uma voz um tanto rouca.

- Se você não estiver se sentindo bem, a gente pode cancelar. – disse eu torcendo para que ela não considerasse a opção.

- Está tudo bem. – disse ela, fechando o portão – Vamos?

Começamos nosso tour pelas ruínas da Enfermaria Militar. Desde o alto do cerro onde elas se encontravam, podíamos ver quase toda a cidade. Havia alguns turistas e até um grupo de escoteiros visitando o cerro.

Para minha surpresa, ela levava uma câmera digital e começou a tirar fotos de vários ângulos.

- É incrível o que um pouco de perspectiva não faz com as coisas... – murmurou Vânia.

- O que você disse?

- Olhe como a igreja do Divino Espírito Santo é pequena desde aqui. – comentou tirando uma foto.

- E a ponte para o Uruguai também. – acrescentei.

- A zona comercial de Rio Branco é minúscula vista desde aqui.

Novas fotos.

- Vamos até o Zoológico do parque Verde?

- Claro. - concordei.

Dei alguns passos na direção da rua e percebi que ela ficou no lugar. Dei volta para perguntar se estava tudo bem, quando ela tirou uma foto minha.

Sorri, comentando surpreso:

- Quer dizer que fui elevado à categoria de ponto turístico?

Ela retribuiu o sorriso, mas não disse nada.

Caminhamos até o Parque Verde. Eu estava nas nuvens. O pipoqueiro estava lá, como de costume. Vânia comprou pipoca. Eu bem que tentei pagar, mas dessa vez ela não permitiu.

De repente, lembrei da menininha fantasmagórica. Enquanto procurávamos um banco para sentarmos, eu olhava para os lados, esperando o momento em que a garotinha do urso de pelúcia fosse aparecer. Estivemos quase quarenta minutos e nada. Conversamos amenidades, coisas do colégio e mesmo sobre o trabalho que apresentaríamos à noite. Nada da garotinha.

Mais tarde, quando estávamos quase indo embora, caminhávamos por entre as árvores, onde havia menos pessoas. De repente, um ruído horrível rasgou o ar. Era como se alguém estivesse sendo brutalmente golpeado. Gritos de criança se ouviam claramente.

Dei um pulo. E eu me apressei a olhar por trás das árvores. Mas não havia nada ali. Olhei para os lados. Ninguém parecera notar e as poucas pessoas que estavam por ali continuavam caminhando normalmente, comendo algodão doce ou embalando os filhos pequenos no colo.

Quando me volvei para Vânia, ela me observava séria.

- O que foi isso? O que o assustou desse jeito? - perguntou.
- Isso o quê? - disfarcei.

Ela me encarou fixamente os olhos e disse:

- Você está bem?
- Estou, sim. É que acho que um bicho me picou. – disse eu na esperança de que ela deixasse as coisas como estavam.

Não dava para falar de gritos que eu ouço de gente morta o tempo todo e ficar tudo bem.

Mas Vânia apenas deu um suspiro e fez um gesto com a cabeça que não entendi o que significava e disse:

- Logo mais você tem o treino. Eu não vou hoje, pois tenho que fazer umas coisas.

Acompanhei-a até a casa. Ela ficou em silêncio. Acho que não se convencera do que eu dissera no parque. Mas fazer o que?

Pouco antes de chegar ao ginásio, liguei para meus pais.

- Oi, mãe! Novidades?

- Estamos bem. - pude notar certa inquietação na voz dela.
- Aconteceu alguma coisa?
- O possuído... ele... mencionou uma cidadezinha perto de São Paulo e assim que o caminhão estiver em condições, seu pai e eu vamos para lá.
- O quê? Vocês vão para São Paulo? - indaguei.
- Não temos escolha. Foi tudo o que conseguimos arrancar dele antes que fosse embora.
- Fosse embora? - senti um calafrio na espinha.
- A possessão por entidades tem um tempo limitado de duração. O hospedeiro não resiste nessa situação além de um certo período de dias.
- O que aconteceu com o homem, mãe? - perguntei com medo da resposta.
- Ele foi hospitalizado, mas tem boas chances de sobreviver.
- Meu Deus do céu, mãe! Hospitalizado! Ele estava ferido?!
- Nem um arranhão. Nós não o machucamos. Apenas utilizamos métodos que não prejudicariam o hospedeiro.
- Mas mãe, ele está no hospital agora!
- Os médicos não poderiam ter feito nada por ele enquanto a entidade estivesse em seu corpo. – argumentou.
- Desculpe... Eu não queria ser agressivo... - arrependi-me de tantas repreensões.
- Não se preocupe, querido. A mãe entende você.
- Vocês me disseram que estavam acompanhados. Quantas pessoas estão com vocês nessa... caçada?
- Dez. Todos de nosso... - ela hesitou um momento.
- Clã. O clã da Lua de Prata. - completei.

- Isso mesmo. - concordou ela - Estamos nos protegendo mutuamente, fazendo turnos de vigilância para evitar novos ataques.

- E por que vão a São Paulo?

- Porque foi lá onde aquele homem foi possuído. A entidade que se apossou daquele homem necessita de um ritual muito elaborado, que leva dias para ser feito, além de um local especialmente magnetizado para esse fim. Achamos que podemos encontrar o local e pegar o necromante.

- Necromante?

- Isso mesmo. Achamos que se trata de um bruxo.

- O tio Ênio está preparando alguma coisa com mandrágoras, para vocês... Ele falou sobre proteção contra bruxaria...

- Ele nos contou. Quando a poção estiver pronta, vai nos enviar por Sedex.

Enviar por Sedex uma poção mágica! Eu devia estar ficando louco mesmo! Mas agora que eu estava no baile, dançaria conforme a música...

- Não querem que vá ajudá-los, mãe? Talvez eu...

- Nem pensar! Você precisa de mais tempo antes de se meter em confusões desse tipo. - disse ela enfaticamente.

- Mãe, eu já tenho quinze anos! - exclamei.

- Pra mim, você sempre será meu bebezinho! – disse ela para meu desconcerto.

- Escute sua mãe! Não vai querer vê-la brava de verdade! - disse meu pai, que acompanhava nossa conversa pelo viva voz.

- Pai, não acha que posso ajudar?

- Você pode, ficando a salvo e cuidando da sua irmã. Vamos resolver esse problema, filho e logo estaremos em casa.

- Está bem. - dei-me por vencido.

Sérgio vinha na minha direção, do outro lado da calçada.

- Tomem cuidado, mãe, pai, está bem?
- Fique tranquilo. - disse meu pai.
- Até logo, querido! - despediu-se minha mãe.
- Até logo.
- E aí, grande conquistador? - sorria Sérgio enquanto eu guardava o celular.
- Conte como foi o passeio romântico! – completou.
- O que você está fazendo aqui?
- Hoje vim ver você jogar.

Em poucas palavras contei o que havia acontecido, omitindo, obviamente, os eventos sobrenaturais no Parque Verde.

- Agora gostei de ver! Vida longa ao novo casal! – sorriu Sérgio fazendo uma reverência.
- Ainda é cedo para cantar vitória, mas quem sabe... – comentei.

O treino foi tranquilo. Sem Guido para liderar seus lacaios, ambos nem me dirigiam o olhar. Adorei a sensação de calma. Corremos muito e o treinador experimentou diferentes escalões em jogos de dez minutos. Só não foi melhor porque Vânia não apareceu. Mesmo assim, as meninas treinaram suas coreografias e músicas em coro.

- E aí, Daniel, temos um convite pra lhe fazer. - disse Paulão logo após o término do treino.

Quer sair com a gente nessa noite, depois da aula? - perguntou Barbicha – Vamos reunir uma galera e queimar um pouco de gasolina.

Aquelas palavras eram claras: vamos reunir um bando de garotos suicidas e fazer rachas na estrada abandonada. Eu já havia ido com Sérgio lá uma ou duas vezes... Mas agora era com a “galera”. Eu particularmente não gostava de corridas

de carro, mas por outro lado, era uma ótima oportunidade para me enturmar naquele grupo de caras mais velhos. Entretanto, eu tinha minhas responsabilidades em casa...

- Não sei, não, Barbicha eu gostaria de ir, mas meus pais estão viajando e não quero chegar tarde em casa. Minha irmã... - dizia eu, quando Sérgio me interrompeu com um tapinha nas costas.

- Ah, cara! Deixa disso! - falou ele se escalando como se o convite fosse extensivo a ele também – Sua irmã está com a dona Flora! Qualquer coisa ela liga pra você! Não é, rapazes?

- Se sua irmã não vai ficar só, qual é o problema? - indagou Paulão.

- Nenhum! Vamos nessa! - acabei cedendo.

- Fechado! Depois da aula vocês nos encontram na saída da escola. - disse Barbicha apertando-me a mão.

- Falou! - disse Sérgio.

- A cerveja é por nossa conta! - disse Paulão.

- Beleza! - sorriu Sérgio.

Subitamente, senti uma sensação incômoda, como se algo importante me perturbasse muito, embora eu não conseguisse identificar exatamente o que era. Olhei para Sérgio, que me deu um tapinha nas costas:

- Bem vindo ao “clube dos grandões”! Eles gostaram mesmo de você!

Assim que saí do ginásio, iria ligar novamente para meus pais. Não me sentia autorizado a sair sem o consentimento deles. Por outro lado, já havia dito que iria. Peguei o celular e comecei a digitar o número de minha mãe.

Mas no meio da discagem, pareceu-me algo estúpido incomodá-los com uma bobagem como um simples passeio de noite enquanto eles arriscavam a vida atrás de sabe-se lá o quê. Além do mais, eles sempre me deixavam sair com Sérgio. Nunca tive problemas, pois sempre soubemos nos comportar e evitar riscos desnecessários. E eu esperava que desta vez não fosse diferente.

Chegando a casa fui logo conversar com dona Flora, que não opôs a menor resistência à minha saída. Ficamos combinados que eu retornaria no máximo à meia-noite. Não vi Júlia. Ela estava na casa de Martinha, sua melhor amiga, e logo viria para casa. Recém havia ligado para avisar dona Flora.

Comi sem fome, pois estava sentindo certa ansiedade. Talvez fosse efeito da Lua cheia. Eu não sabia. E ainda havia a apresentação do trabalho de Biologia. Pelo menos estaria com Vânia.

- Vânia... - murmurei na mesa.
- O que disse, meu filho? - perguntou dona Flora.
- Nada, nada. Pensava em voz alta. - respondi envergonhado

Eu parecia um velhinho caduco, falando sozinho agora! Provavelmente era culpa da Lua cheia também!

Terminei de comer e me arrumei às pressas. Despedi-me de dona Flora e fui logo saindo. Quando abri a porta da frente, Sérgio estava com seu carro estacionado na rua.

- Quer carona?
- Valeu!

Normalmente eu não me ligo em detalhes como o figurino que as pessoas usam. Mas aquela camisa com motivos florais era, de longe, a coisa mais chamativa que eu jamais tinha visto Sérgio usar.

- Gostou da camisa? - perguntou ele quando sentei no banco.
- É bem bonita.
- Quero que ela perceba uma energia positiva em mim!
- Ela quem?
- Mano, você está muito desligado! Hoje temos aula de Literatura!

- Ah! É verdade! Havia esquecido completamente! Preparou o seu poema para a aula de hoje?

- Ah! Se preparei, mano... - disse ele com uma expressão distante, como se visse algo em sua imaginação. Depois de umas duas quadras assim ele se virou para mim e perguntou:

- Você acha que beijo rima bem com peito?

- É... rima...

- Você não gostou? - indagou ele preocupado.

- Não! Não é isso... É só que talvez você deva tentar ser... mais... mais sutil... entende?

- Ah... Sutil... Legal! Vou trabalhar nisso. Sutil... Ela vai se impressionar com o que o Serjão aqui é capaz de fazer! Você vai ver, velho!

- Tenho certeza que sim! - concordei imaginando o que Sérgio iria aprontar para impressionar a professora.

- Sente só o som que acabo de instalar no carro, mano! - sorriu ele levantando o volume.

Num primeiro momento eu tive a nítida impressão de que o carro fosse se desmontar. A vibração que o som produzia no veículo e na minha cabeça era tanta que cheguei a pensar que sofreria uma concussão cerebral^[6].

Uma das desvantagens de se ter uma audição muito sensível é justamente ouvir muito mais do que os outros. Enquanto Sérgio curtia o som de “Que País é Este?” de Legião Urbana, eu me perguntava se ainda teria tímpanos quando chegássemos à escola. Por sorte, ele pareceu perceber meu desconforto e baixou o volume.

- Você não gosta dessa?

- Eu gosto muito, Sérgio. Mas estou com um pouco de dor de cabeça.

- E eu é que sou mais velho... - disse ele ironicamente, baixando um pouco mais o volume.

- Valeu. - agradei aliviado.
- De nada, vovô!

CAPÍTULO 12

Na escola, Vânia mal me cumprimentou quando acenei. Parecia distante. Sérgio, que não tinha visto isso, me deu um tapinha nas costas. Estava muito empolgado com a aula de Literatura.

- É hoje que conquisto o coraçãozinho da professora! - sorriu.
- Boa sorte! – respondi perguntando-me por que Vânia estava tão estranha.

A professora Gabriela entrou enquanto o burburinho das conversas continuava. Ela deixou seus livros sobre a mesa e se dirigiu a todos:

- Boa noite, pessoal! Hoje nossa agenda está lotada! Vamos logo começando as atividades! Você, aí... Flávio. Leia para a turma o poeminha que preparou para esta noite.

O Flávio era um cara meio devagar, de óculos de armação preta e um olhar sempre perdido. Atrapalhado, começou a folhear seu caderno até encontrar a página que queria.

- Pensei que era só para entregar, professora. – murmurou timidamente.
- Não seria a mesma coisa, querido. - disse Gabriela, aproximando-se da mesa dele.
- Se a senhora não se importa, eu gostaria de não ler o meu poema...

Ela olhou para ele fixamente, percebi algo estranho, como se aqueles olhos emitissem uma tênue luminescência. Esfreguei a vista, imaginando que classe de alucinação seria aquela.

- Eu adoraria ouvir o seu poema, querido. - disse ela sem desviar o olhar.
- Pode deixar, professora. Será um prazer. - respondeu ele subitamente confiante.

Enquanto Flávio lia seu poema, que falava em flores e amores, olhei para Sérgio na esperança de que algo em sua expressão mostrasse que ele também havia notado alguma coisa.

Nem pensar. Pela cara de anta que ele tinha, olhando fixamente para a professora, dava para ver que não havia visto absolutamente nada de anormal. Devia ser paranoia minha.

Um a um, todos fomos lendo nossos poemas. Finalmente chegou a vez de Sérgio. Ele parecia ansioso por isso. Depois de limpar a garganta, levantou e disse com uma voz afetadamente grave:

- Andei reformulando meu poema várias vezes, professora. Foi uma tarefa difícil, mas tive uma boa fonte de inspiração e uma boa orientação de um amigo. Acho que a senhora vai gostar, ficou maneiro.

- Pode ler, Sérgio. - concordou a professora interessada.

Sérgio era famoso por seu jeitão meio moleque. Enquanto vários de nós se preparavam para rir daquele que prometia ser o poema mais engraçado da turma, ele limpou novamente a garganta e recitou seu poema em alto e bom tom:

Sereia

Criatura Maravilhosa

Olhos profundos de céu

Visão deliciosa

Deusa dos lábios de mel

Tua voz é o encanto

Pérola dos mares

Que me afastas do pranto

E de todos os pesares

Por teu canto eu anseio

Rainha das profundezas

Aninhado em teu seio

Eu só vejo beleza

A ti pertence meu coração

Majestosa rainha do mar

Por isso mergulho profundo

No desejo feroz de te amar

Após o término da leitura, um silêncio pairou na sala de aula. Nem uma mosca voava. Olhares atônitos para o Sérgio, que fingia não perceber nada. Nem eu podia crer no que acabara de ouvir, ainda mais vindo dele. Não se parecia nada ao Sérgio que eu conhecia havia anos! Ele me olhou e deu uma piscadinha, sussurrando:

- Não esperavam por isso. Né, mano?
- Muito bem! - disse a professora – Parabéns, Sérgio! Uma salva de palmas!

Enquanto todos aplaudiam, ele me comentou:

- Quase fundi a cabeça, mas finalmente descobri minha veia poética.
- Deu para perceber. - murmurei impressionado.

Logo a professora continuou passando o turno do próximo poeta improvisado. Cada um lia seus versos. Uns com prazer, outros timidamente.

Senti certo nervosismo à medida que minha vez se aproximava. Quisera não ter que ler aqueles versos que escrevera pensando em Vânia. Mas eu não tinha escolha, pois a professora ia anotando numa folha cada aluno que apresentava seu poema. Aqueles que não tinham o poema pronto iriam ter que levá-lo e apresentá-lo numa próxima aula. Era inevitável. Melhor não prolongar o sofrimento. Olhei para a Vânia, que desviou o olhar.

- Sua vez, Daniel. - ouvi a voz da professora.

Respirei fundo e tratei de recitar da melhor forma possível o meu poema. Com os olhos quase grudados no papel, para não errar, nem levantei a vista, mas podia sentir os olhos da professora pousados em mim.

Nos meus sonhos

De dia você me ignora

De noite você me namora

Você ainda não sabe

Dessa grande verdade

Há tempos somos amantes

Naquela terra distante

Que surge ao anoitecer

E desaparece ao amanhecer

Como orvalho que se evapora

Quando o sol o manda embora

Outro dia e você me ignora

Mas guardo um segredo risonho

De noite, você me namora

Na distante terra dos sonhos

As palmas vieram sozinhas. Sérgio chegou até a assobiar:

- Mandou muito bem, maninho! Agora tenho um rival à minha altura!
- Quem será a felizarda, Daniel? - perguntou a professora sorrindo para mim.

Senti meu rosto corando. Entre as garotas, cochichos e risinhos se ouviam. Se Vânia não entendia meus sentimentos por ela depois daquilo, era melhor eu desistir!

- Acho que já sei de quem se trata! - sorriu a professora.

Meu rosto pegou fogo.

- Muito bem, pessoal! Estão todos de parabéns! Gostaria de aproveitar, antes que me esqueça, de lhes comunicar que o diretor Fausto concordou que fossemos num passeio na feira do livro, sexta-feira na hora da aula, ou seja, às dezenove horas.

Houve um murmúrio de aprovação enquanto eu me perguntava: e as demais aulas ficaram suspensas? Como se ela lesse meus pensamentos, completou:

- Os professores que dão aula na sexta-feira vão liberá-los e considerar a presença que eu marcar em minha lista de chamada por ser um evento cultural. Não falem.

E disse isso me encarando.

Um murmúrio de aprovação ecoou pela sala.

- Que professora, mano... - babava Sérgio.

Uma vez acertados os detalhes para o encontro da sexta-feira, as leituras dos poemas prosseguiram. Depois, a professora fez todo um apanhado das características do romantismo em nossos poemas. O pessoal gostou muito. Foi uma experiência bem legal. Como complemento, ela nos entregou uns poemas de Gonçalves Dias, Castro Alves e Álvares de Azevedo para que déssemos uma olhada e debatêssemos as características do Romantismo que também apareciam em nossos poemas.

O sinal tocou muito antes do esperado. O tempo havia passado depressa demais. Antes de sair pela porta, a professora olhou para Sérgio e comentou:

- As sereias são seres muito especiais, Sérgio. São desejadas, mas temidas. Se quiser, posso lhe emprestar um livro sobre elas.

- Ah! Eu adoraria! - quase berrou ele levantando da cadeira, como se fosse impulsionado por uma força invisível.

- Então, até amanhã.

Sérgio se virou para mim. A expressão de seu rosto dava testemunho de seu estado de paixonite aguda.

- Essa mulher é uma verdadeira sereia! Estou perdido!

Tive que rir.

Logo entrou o professor de Biologia. O professor Toledo era uma figura! Infelizmente, para ele, o penteado “lambida de vaca” não conseguia disfarçar direito a queda de cabelo. De repente, pensei que nunca teria queda de cabelo, considerando minha herança genética.

- Vamos, turma, façam silêncio. Atenção para a chamada!

Após a chamada, passamos imediatamente para a apresentação dos trabalhos. Meu grupo foi o primeiro. Cláudio havia levado o cartaz que iríamos utilizar na apresentação e Miriam fez uma introdução ao assunto, comentando sobre as experiências com ervilhas. A seguir, conforme o combinado, cada um fez comentários de uma parte da apresentação.

Vânia parecia estar muito distante, mas não pude deixar de perceber que vez ou outra, olhava para mim, discretamente. Pelo menos era um trabalho interessante,

especialmente agora que eu descobrira que o meu DNA não era nada convencional.

Entretanto, uma sombra cruzou minha mente: se um dia eu e Vânia ficássemos juntos de verdade, nossos filhos poderiam ser como eu. Isso me perturbou demais. Será que ela aceitaria se relacionar com alguém assim? E correr o risco de ter filhos que se convertem em lobisomens?

Após a apresentação do trabalho, o professor fez uma pergunta:

- E com respeito às mutações genéticas, é possível que novas espécies completamente diferentes da original surjam de cruzamentos entre espécies diferentes, como tigres e cachorros?

Ou humanos e lobisomens, pensei.

- É claro que existe! - respondeu Sérgio – Eu vi há uns dias na televisão um casal que tem um bichinho que é um cruzamento entre a gatinha da casa e o coelhinho garanhão.

- Risada geral.

- Vou considerar seu comentário, Sérgio. Para os demais, isso não existe! - disse o professor.

Novas risadas.

- Então, por que esses cruzamentos não são possíveis? - insistiu o professor.

- Pela grande diferença genética entre as espécies. Mesmo que haja a possibilidade de tal cruzamento, como no caso de raças parecidas como asnos e cavalos. O animal que nasce dessa cruz é estéril, incapaz de dar continuidade à nova espécie, como os burros e as mulas. - respondeu Vânia.

- Exatamente! Vejo que a senhorita estudou mesmo! - sorriu o professor.

Olhei para Vânia, mas ela não pareceu se importar muito com o elogio do professor. Apenas fez uma expressão chocha de agradecimento. Terminamos a apresentação de nosso trabalho e retornamos aos nossos lugares. Aquele comportamento dela me deixava confuso. Uma hora estávamos bem, na outra, ela ficava com aquele jeito distante. Quem entende as mulheres?

As aulas terminaram e tentei me aproximar.

- Tudo bem com você?
- Sim, claro. - disse ela desviando o olhar.
- Então, a gente poderia combinar para sair de novo um dia desses...
- Desculpe! Não tenho tempo para falar agora. Preciso ir embora. Até logo! - despediu-se preparando-se para sair.

Mas eu a detive, segurando-a pelo braço.

- Você pode confiar em mim. Diga o que há de errado.

Ela pareceu querer dizer algo, mas abaixou a vista e respondeu:

- Eu sei que posso confiar em você, Daniel. Mas preciso ir para casa. Obrigada. Até amanhã.

Talvez ela estivesse confusa com seus sentimentos. Provavelmente insegura por perceber o quanto gostava de mim. Às vezes não é fácil se entregar em um relacionamento. Lógico que eu não forçaria a barra, mas não desistiria. No dia seguinte, quem sabe, as coisas fossem melhores.

- E aí, maninho? Pronto pra aventura? - perguntou Sérgio pondo a mão em meu ombro.

A Estrada Abandonada era pouco frequentada, como o nome já dizia. Havia tempos que ninguém passava por ali. Até que alguns garotos tiveram a ideia de organizar corridas de vez em quando.

Nunca se sabia quando haveria atividade. Mas Sérgio me comentou que Barbicha e seus amigos sempre sabiam quando tinha ação por lá. Meu amigo dirigia ao som de “Pais e Filhos” e balançava a cabeça cantando:

- “É preciso amaaaar as pessoas como se não houvesse amanhã...”

Saímos da cidade e rodamos uns dez quilômetros, até a estrada abandonada. O cheiro de cerveja invadiu minhas narinas ainda antes de avistar qualquer carro ou pessoa. Logo chegamos. Um grupo grande de garotos e garotas já estava por lá.

Diversos carros de todas as cores e modelos faziam ouvir o ronco do motor. Havia um esportivo antigo azul que me chamou muito a atenção. Eu não lembrava de haver visto aquele carro na cidade antes. A música alta também era notória. Vários carros tinham o som a todo volume, misturando vários gêneros musicais.

- E aí, galera? - berrou Sérgio baixando o vidro.

- É o Serginho! Fala parceiro! - cumprimentou um cara que mais parecia um hippie, numa caminhonete cor de rosa com flores pintadas na carroceria.

- O Lorenzo é bacana! Gente do bem. - comentou Sérgio.

Finalmente avistamos o Barbicha e o pessoal. Eles estavam em dois carros. O esportivo vermelho do Barbicha e um automóvel hatch branco, rebaixado, do Paulão.

- Firmeza? - cumprimentou Paulão quando descemos do carro.

Feitos todos os cumprimentos, Barbicha ofereceu cerveja.

- E aí... Vai um gole?

Sérgio pegou a latinha e tomou um trago, passando logo para mim. Nunca gostei de cerveja, mas não podia dar uma de menininho. Tranquei a respiração e bebi um gole. Depois de alguns instantes de conversa sobre o campeonato e outras amenidades, avistamos uma caminhonete conhecida chegando. Aquela das chamas pintadas na carroceria. Guido e seus lacaios estavam na área!

- As corridas vão começar! - avisou um garoto de passagem.

- Vamos nessa, pessoal! - disse Barbicha para logo entrar em seu carro.

Logo os primeiros dois carros se posicionaram na cabeceira da pista improvisada. Era um Opala Comodoro e um Fusquinha. Não deu para acreditar quando eles dispararam a rodar envoltos em uma nuvem de poeira. O fusquinha parecia uma flecha.

Depois de uns cinco minutos apareceram os dois carros voltando pela pista. Haviam feito o retorno a alguns quilômetros à frente e voltavam a toda velocidade. Os dois vinham mano a mano. O Fusquinha não devia nada ao Opala. Por pouca diferença o Opala ganhou. O pessoal vibrou muito.

Mais cerveja rolou entre todos. Eu agradei dizendo que estava meio mal do estômago, o que realmente não era mentira. Uma sensação desagradável me incomodava desde que chegara ali. Um pressentimento nada bom.

Várias outras corridas se seguiram. Uma e outra vez a galera vibrava e alguns chegavam a apostar nos competidores. A música alta era constante.

- Olha lá! - cutucou-me Sérgio de repente.

A caminhonete dos amigos de Guido se preparava para disputar um racha. No volante, o próprio Guido.

- Acho que a gente deveria dar uma lição nesse babaca! - disse Sérgio.

- É! - concordaram vários garotos.

De repente, uma garota apareceu com um recado.

- O Guido quer saber se o Daniel tem coragem pra desafiar ele numa corrida.

- O quê?! - indignou-se Paulão.

- Eu te empresto o meu carro! - disse Barbicha

- Mas eu não sei dirigir! - exclamei.

- Não importa. Eu dirijo por você! - retrucou Barbicha – Vamos calar a boca desse idiota!

- Eu também quero ir! – disse Sérgio.

- Não, Sérgio! Nós temos de descer, senão o carro fica mais pesado e o Barbicha fica em desvantagem. – exclamei.

- Não esquenta, Daniel. Ele também está com gente no carro! Essa corrida vai ser bem diferente! – disse Barbicha.

Pronto! Melhor impossível! De mero espectador, eu passava à situação de copiloto de um motorista semi-bêbado num racha contra o Guido e os seus lacaios! Paulão e Sérgio também vieram conosco. Paulão disse que queria estar lá para ver a cara de trouxa do Guido comendo poeira.

Pelo menos, com os carros cheios de gente não deveríamos correr tanto, foi o que supus.

- O Mané não vai dirigir? - perguntou Guido da caminhonete enquanto encostávamos ao seu lado.

- Ele vai assistir de camarote a corrida! - exclamou Barbicha – Você não vai querer desistir, não é parceiro?

- Desistir?! Eu não tenho medo de ninguém! - exclamou Guido.

- Ótimo! Boa sorte pra você! - disse Barbicha.

Guido não respondeu. Apenas subiu o vidro do carro.

- Otário! - resmungou Paulão.

- Deixa rolar. - disse Barbicha.

Uma menina, usando um moletom como bandeira improvisada deu a partida. Os pneus cantaram na terra, levantando nuvens de poeira atrás de si. Arrancamos ligeiramente na frente. Mas Guido não se daria por vencido tão facilmente. A pista logo se mostrou sinuosa, várias curvas para a direita e para a esquerda. Barbicha dirigia muito bem, apesar da pouca aderência das rodas no chão de terra.

- O panaca está perto! - bufou Paulão.

- Fica frio. - respondeu Barbicha.

De repente, numa das curvas, a traseira do carro deslizou perigosamente para o lado. Sérgio soltou um xingamento. Eu me perguntava o que diabos estava fazendo ali. Barbicha torceu o volante enquanto Guido encostava com a caminhonete.

Algumas poças na estrada tornavam a coisa um pouco mais perigosa. A suspensão do veículo sofria sem se queixar. Eu podia ouvir Paulão ranger os

dentes. De repente, Guido conseguiu nos ultrapassar, no mesmo momento em que Barbicha teve de desviar uma poça da estrada.

- Desgraçado! - berrou Paulão.
- Calma, mano! - disse Sérgio, meio pálido.

Como previ, Barbicha, que nada dissera ao ser ultrapassado, acelerou muito mais. Derrapávamos para um lado e para outro à medida que o carro tentava se aproximar da caminhonete.

Súbito, uma lata de cerveja golpeou o para-brisa. Desta vez Barbicha perdeu a compostura.

- Porco de uma figa! Vou acabar com a tua raça! - berrou ele furioso.

Os pneus levantavam uma nuvem de poeira que logo começou a tomar o carro inteiro. Eu sentia o gosto da poeira na boca.

Sérgio estava mudo. Paulão também. Eu não tinha coragem de falar nada. Mas arregalava cada vez mais os olhos, acompanhando as sinuosidades e irregularidades da estrada, das quais o Barbicha ia desviando uma a uma.

Não demorou e já podíamos ver o ponto onde os carros davam a volta. Guido estava quase lá. Mas ele derrapou um pouco e perdeu velocidade no momento de fazer o retorno. Barbicha aproveitou e em segundos estávamos quase colados na caminhonete de Guido.

Eu podia ouvir a respiração ofegante de Barbicha. Ele estava muito irritado. A mancha de cerveja havia se enchido de poeira e não dava para ver em boa parte do para-brisa.

- Moleque idiota! - murmurou.

Acelerando ao máximo, passamos pelo lado esquerdo da caminhonete de Guido. Pude ver sua cara de tacho através da janela da caminhonete.

De repente, o celular de Paulão tocou.

- Mas que hora para alguém ligar! - disse ele, ignorando a chamada.

Mas o celular voltou a tocar.

- É o Juca! - disse Paulão olhando o celular antes de atender.

Ele ficou em silêncio, ouvindo atentamente o que seu amigo falava, enquanto Guido tratava por todos os meios de nos ultrapassar novamente.

- Pode esquecer, panaca! – murmurava Barbicha para si mesmo, certamente pensando em Guido.

- Para o carro, Barbicha! - disse Paulão com voz alta.

- O quê? - indagou Sérgio.

- Mas o que está acontecendo? - perguntou Barbicha ainda acelerando.

- Para logo o carro, cara! Para agora! - berrou Paulão.

Barbicha obedeceu sem perguntar mais nada. Vi como a caminhonete de Guido seguia em frente a toda velocidade, certamente comemorando a vitória ainda antes de chegar lá.

- Dá pra me dizer o que está acontecendo? – berrou Barbicha, irritado.

- A polícia tá vindo.

- Putz! - disse Sérgio.

- Eles ainda não estão muito perto. Mesmo assim a galera debandou.

- O meu carro! - exasperou-se Sérgio.

- Fica frio, Serginho! O Felipe o levou junto com a galera.

- Ah! Ainda bem!

- Está tudo sob controle. Mas é melhor a gente não voltar pra lá. O Guido e os idiotas dele que se virem sozinhos!

As coisas não pareciam nada boas. Agora mesmo é que eu não conseguia dizer nada.

- Vamos embora daqui! – disse Paulão. - Um tio meu tem campo não muito longe daqui. Volta e segue em frente. Podemos ficar por lá até a poeira baixar.

- Falou. - disse Barbicha retornando o carro rapidamente.

Acelerando como se ainda estivéssemos na corrida, Barbicha retornou pelo caminho de onde tínhamos vindo. Logo passamos pelo ponto de retorno. Sérgio ficava olhando para trás, de olho se via alguma luz na estrada.

- Tudo limpo... - dizia ele constantemente.

- Pega aquele desvio ali. - orientou Paulão.

- Você conhece bem o caminho, Paulão? - perguntou Barbicha.

- Faz tempo que não venho, mas acho que é por aqui.

Ele não tinha certeza! Achava! Agora mesmo é que eu me perguntava insistentemente “O que diabos eu estava fazendo ali?” Continuávamos nossa corrida pela estrada, que agora ficara muito pior, repleta de poços. Mas nem por isso Barbicha afrouxava no acelerador.

- Maneire aí, irmão! - disse Sérgio ainda olhando para a estrada da qual acabáramos de sair.

- Não esquentar, mano. Tudo tranquilo. - respondeu Barbicha.

- Tem alguma coisa por aqui... Era um bueiro... era um... - murmurava Paulão.

De repente, uma elevação na estrada. Barbicha não reduziu a velocidade.

- Uma ponte! - berrou Paulão – Era uma ponte velha! Diminui, Barbicha!! Diminui!!

Não deu tempo. O carro decolou do chão. A ponte surgiu de repente. Era estreita e sem balizas dos lados, feita de tabuões, ligeiramente deslocada para a esquerda da estrada. Foi impossível não gritar quando percebemos que o carro não conseguiria entrar direito na ponte.

Enquanto berrávamos feito uns loucos, as rodas da frente do carro tocaram a ponte, ou melhor, a roda dianteira esquerda tocou a ponte. A roda direita resvalou para fora. O resto foi rápido demais para que pudéssemos reagir. O carro deslizou para o lado direito da ponte e acabamos batendo de frente num barranco. No golpe, Barbicha acertou o volante com a cara.

Em seguida, o carro foi deslizando mais ou menos devagar para dentro do rio. Sentindo a cabeça rodar, o rosto ardendo e o pulso praticamente estourando minhas veias, tive de fazer um esforço enorme para não me transformar.

Depois de alguns segundos respirando fundo, percebi nossa situação. O carro estava acavalado no barranco e ia descendo lentamente. Se o barranco cedesse, o carro acabaria dentro do rio. Eu não sabia o quão profundo era aquele trecho, mas se fosse fundo, Sérgio e os rapazes se afogariam!

Olhei para trás. A escuridão só não era total por conta da Lua que teimava em surgir por trás de nuvens espessas. Sérgio não estava totalmente inconsciente. Já Paulão, estava atirado para um lado. Era assustador. Barbicha quase não respirava.

Finalmente saí daquela bobeira e me dediquei a fazer algo útil. Abri a minha porta e fui até o lado de Barbicha. Mas a porta do motorista não abria. Fiz força e ela cedeu um pouco. Meus músculos estavam consideravelmente mais fortes, mas não o suficiente para aquilo. Se não me transformasse, não teria toda a força necessária para abrir aquela porta. Retornei para o meu lado e consegui tirar Barbicha do carro. Deixei-o no barranco e voltei para o automóvel.

Acessar o banco de trás era mais difícil porque o carro só tinha duas portas e era preciso deitar os bancos da frente para conseguir chegar até Sérgio e Paulão. O carro continuava indo para baixo lentamente. O barranco ameaçava desmoronar a qualquer momento. Não havia tempo a perder.

Peguei Paulão, que estava atirado no banco e o tirei do carro. Sérgio lentamente voltava a si. Tinha o cinto posto e por isso o choque para ele fora menor que para os demais. Deitei Paulão ao lado de Barbicha. Mas no exato momento em que o soltei, ouvi o carro deslizar para dentro do rio. Voltei-me e vi que metade do veículo estava sob a água. Foi desesperador.

Afundei-me até o peito na água e consegui entrar no carro. Sérgio lutava com o cinto, que havia ficado preso. A correnteza começara a arrastar o carro para o lado, fazendo-o afundar mais e mais. Não conseguíamos tirar o cinto!

- Fica calmo, Sérgio! - disse eu nervoso.
- Vai embora, mano! Sai do carro! Não adianta! - disse ele dando-me um empurrão.
- Não! - berrei de volta entendendo que era uma tarefa impossível.

Não tinha jeito. Eu não tinha força para salvá-lo. A menos que...

- Eu tenho que te contar uma coisa... - dizia eu enquanto a água subia até o peito de Sérgio – Aconteceu uma coisa comigo... Não tenha medo! Eu não vou te deixar!

- O quê?

Eu não respondi. Apenas deixei acontecer naturalmente o que já estava impossível de impedir. A transformação ocorreu em segundos, foi mais rápido do que das vezes anteriores. Podia ouvir a respiração de Sérgio se acelerando ainda mais, assim como seu coração. Quando o processo já estava praticamente terminado, enfiei a mão no cinto e dei um puxão com toda a força. Nem era necessário tanto. Acabei afundando o cotovelo no banco da frente. O cinto cedeu como se fosse feito de papel.

Sérgio estava com água até o pescoço e não conseguia ver direito o que estava acontecendo. Mas ele ouviu minha respiração se modificar e percebeu a facilidade que tive em arrancar aquele cinto. No exato instante em que o abracei para sair dali, o carro tombou, afundando de vez na água. A porta que estava aberta ficou para baixo. Estávamos presos ali, com água por todos os lados. O carro se submergiu completamente na água. Afundávamos no rio.

Mas eu não tinha ido tão longe para nada. Do jeito que deu, desferi um soco rebentando o vidro lateral, que não sei por que não havia quebrado com o acidente, e saí do carro. Em seguida enfiei o braço e puxei Sérgio com toda a força... Em segundos, surgimos na superfície.

A correnteza nos arrastava com rapidez. Por sorte Sérgio era um excelente nadador e parecia estar inteiro. Nadamos até uma das margens. Demorou alguns minutos, mas chegamos lá. A Lua iluminava com timidez o rio e eu não tinha certeza de quanto Sérgio havia visto. Mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, senti um abraço.

- Você não me deixou, mano!

- É claro que não! - respondi sem dar-me conta do vozeirão cavernoso que saiu de minha garganta.

Sérgio deu um pulo para trás, arregalando os olhos.

- O que é que houve com você?! Você tá parecendo um cachorro molhado! E essa voz?!

Eu nem sabia o que dizer. Ele ficou calado, atônito. Ficamos em silêncio por alguns instantes. Só o som do rio correndo e a luz fraca da Lua encoberta.

- Você me disse que havia acontecido algo com você, mano. Não quer me contar o que é agora? Parece uma boa hora.

Depois de dar um suspiro profundo, consegui reverter a transformação. Para minha surpresa, foi muito mais fácil que da última vez. Sérgio ficou calado. Eu tinha que contar. Por que negar o que não dava para disfarçar? Apesar da penumbra, meu porte avantajado tinha sido evidente.

- Prometo que vou te explicar absolutamente tudo hoje, Sérgio. Mas temos que conseguir ajuda. Não sei como estão Barbicha e Paulão.

- Onde eles estão?! - exclamou Sérgio levantando-se do chão.

- No barranco. Consegui tirá-los do carro logo antes que ele fosse arrastado pelo rio.

- Então, você salvou todos nós.

- Acho que sim. - concordei, tomando ciência do ato que acabara de cometer.

- Valeu, mano.

- Você faria o mesmo por mim.

- É. faria mesmo.

Caminhamos em direção à ponte, margeando o rio. Quando chegamos perto, vimos uma luz na estrada. Em seguida, uma voz familiar:

- Eles estão ali! - berrou Paulão.

Ouvi um assobio. A galera do Barbicha já o estava socorrendo. Os garotos responderam ao telefonema de Paulão, que recuperara a consciência e ligara enquanto eu tratava de resgatar Sérgio.

- Pensei que vocês tivessem ido junto com o carro! – disse Paulão aliviado.
- E fomos mesmo. - concluiu Sérgio.
- Mas estamos bem. E o Barbicha, como está? - atalhei.
- Estou bem. - ouvi uma voz abafada.

Barbicha estava sentado no carro de Paulão, na estrada, perto da ponte.

- Vocês estão bem? - perguntei preocupado.
- Fica tranquilo, que pra acabar com a gente é preciso mais que um acidente idiota. - disse Paulão dando-me um tapinha nas costas.
- O seu carro afundou na água. Eu sinto muito. - eu disse a Barbicha enquanto subíamos o barranco.
- Quem nos tirou do carro? - perguntou Barbicha.
- O Daniel nos salvou a todos. Eu fiquei preso no cinto de segurança e ele ficou comigo embaixo d'água pra me salvar, depois de tirar vocês dois do carro. - disse Sérgio imediatamente.
- Estamos em dívida com o garoto. - disse Paulão.
- O que é isso... - falei sem jeito.
- Estamos sim! - concordou Barbicha – Conte com a gente pra qualquer coisa, mano. Qualquer coisa!
- Valeu, pessoal! - disse sentindo-me quase um super-homem.

Os rapazes se distribuíram nos dois carros. Tanto Barbicha quanto Paulão se negaram terminantemente em ir a um hospital e voltamos para a cidade.

- Frescura. - dizia Paulão – Colete cervical para quê?
- Amanhã, estaremos como novos. - concordou Barbicha.

Eu não tinha certeza disso, mas não quis contrariá-los. Depois de nos despedirmos do pessoal Sérgio me levou para casa. Durante um bom trecho rodamos em silêncio. Ele parecia refletir enquanto a voz de Renato Russo preenchia o espaço dentro do carro.

Ao estacionar o carro em frente à minha casa ele apagou o rádio e se virou para mim:

- A gente é que nem irmão, Daniel. Conta pra mim o que é esse negócio que tá acontecendo com você. Eu não consigo nem imaginar o que seja, mesmo tendo visto. Pareceu filme de ficção.

CAPÍTULO 13

Eu devia aquela explicação a Sérgio, não podia negar. Mas era difícil. Eram coisas que eu mal começava a experimentar e ainda tentava compreender. Ele percebeu minha hesitação. Senti a boca seca, passei a mão pelo cabelo. Então Sérgio colocou sua mão no meu ombro e disse:

- Não importa o que seja, nada vai mudar nossa amizade. Relaxe, cara!

Senti uma emoção muito grande e até vontade de chorar. Disfarcei como pude uma lágrima teimosa e comecei a falar.

- Obrigado por não ter medo de mim.

- Medo de você?! - retorquiu ele sorrindo – Nem a sua irmã tem medo de você!

Sérgio me fez rir e o clima se descontraíu um pouco. Estava me ajudando a falar. Procurei ser claro em meu relato, embora não quisesse me estender muito. Ele ouviu tudo calado, com muita atenção. Conteí sobre a transformação na semana anterior, sobre a ajuda que tio Ênio estava me dando e sobre minha família, envolvida em uma caçada perigosa. Quando terminei, ele ficou calado. Olhava para o rádio e acariciava os botões do painel devagar, como se o seu pensamento estivesse muito distante dali.

Pensei que ele devia estar me achando um maluco, um doido de pedra. Sérgio balançou a cabeça como se decidisse algo importante. Havia certa tensão na sua expressão. Já estava me arrependendo de haver contado tudo, quando ele me olhou nos olhos e disse:

- Se você tivesse me dito que andou tomando alguma bomba^[7] para ficar forte e agora seus hormônios estão completamente desequilibrados, eu acreditaria na boa... Mas tudo o que você acabou de me contar foi... - e fazia um gesto com a mão, como tentando procurar as palavras.

Suspirei profundo. Provavelmente ele iria querer me internar.

- Foi a coisa mais sensacional que poderia ter acontecido com um amigo meu! - completou sorrindo.

- Que bom que pensa assim. - disse-lhe aliviado.

- Então, você é um lobisomem... - murmurou ele como se escutasse as próprias palavras pela primeira vez na vida.

- É, parece que sou.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes, para depois perguntar muito interessado:

- É verdade que os lobisomens gostam de lamber cocô de galinha?

Explodi numa gargalhada, ao que Sérgio riu perguntando:

- Foi alguma coisa que eu disse?

- Você é demais! - concluí.

- Posso entrevistar você para o meu canal sobrenatural?

- Claro que não, Sérgio! É segredo!

- Brincadeira! Na verdade, mano, ainda estou digerindo o que você me contou. Mas depois de ver você salvar minha vida arriscando a sua, tenho certeza absoluta da única coisa que importa: você é mesmo o meu melhor amigo.

- Valeu. - respondi apertando-lhe a mão.

- Aí, se precisar de alguma dica sobre coisas sobrenaturais, pode contar comigo. Você sabe que manjo dessas coisas. Não é à toa que o meu canal na Internet bomba sempre que posto um vídeo sobre esses assuntos!

- Está bem. Até amanhã. – respondi sorrindo, descendo do carro.

Quando Sérgio foi embora, tomei consciência de que minhas roupas ainda estavam um tanto molhadas, embora não encharcadas. Eram duas e pouco da manhã e rezei para que ninguém estivesse acordado me esperando. De qualquer

forma, achei mais prudente entrar pelos fundos, caso alguém estivesse na sala me esperando.

Por sorte, ouvi os roncos de dona Flora assim que me aproximei da porta dos fundos. Modéstia à parte, consegui deslizar para o meu quarto como se fosse um gato: sem o menor ruído. Depois de trocar de roupa fui até a sala, onde dona Flora ressoava sentada num sofá, ao lado de uma lâmpada de leitura acesa.

- Acorde, dona Flora. - sussurrei tocando-lhe o ombro.

- Onde você estava, menino? Eu estava tão preocupada! Liguei várias vezes para o seu telefone, mas você o esqueceu em casa! - sussurrou ela apreensiva, com olhos cansados.

Eu nem tinha me dado conta disso.

- Tivemos um problema com o carro de um amigo e tive de ficar para ajudá-lo a resolver as coisas. Desculpe não tê-la avisado, dona Flora. Confesso que perdi totalmente a noção do tempo. Só percebi a hora que era agora, ao chegar a casa.

Ela pareceu satisfeita com as explicações.

- Tudo bem, querido. Sei que não foi culpa sua.

Dona Flora era uma mulher meiga. Eu sempre admirei sua paciência e compreensão. Pena que nunca tivera filhos. Tenho certeza de que seria uma excelente mãe.

- Quer comer alguma coisa, meu filho?

- Não, dona Flora. Vou dormir. Desculpe pelo incidente.

- Está bem, querido. - disse ela levantando e me dando um beijo na testa – Agora vá dormir.

Aquele havia sido realmente um dia cheio. Exausto, fui para o quarto e me atirei sobre a cama. Em segundos estava dormindo profundamente. Um sono reparador, sem sonhos, tranquilo, até que alguém entrou em meu quarto.

Abri os olhos e vi a mesma mulher que tinha visto na casa de tio Ênio, na noite em que me transformei pela primeira vez. Era uma mulher jovem, de cabelos

longos. Os trajes prateados esvoaçavam pelo quarto. Irradiava uma aura agradável. Era como se eu a conhecesse. Notei que seus pés flutuavam sobre o piso. Ela se aproximou de mim, ao lado da cama e esticou devagar o braço, até o amuleto em meu peito. Encarou-me com uma expressão enigmática e ouvi sua voz suave:

- Cuidado...

Seu olhar era triste. Eu não sabia o que fazer. Aquela sensação de conhecê-la era inquietante.

- Quem é você? - atinei perguntar.

Ela fez menção de falar, mas se desvaneceu na escuridão antes que qualquer som pudesse sair de seus lábios. Nesse momento acordei sobressaltado, para logo perceber tratar-se de um sonho. Sentei na cama e esfreguei os olhos. Já estava convencido de que iria ter aqueles sonhos estranhos para o resto da vida.

Na manhã seguinte, enquanto me aproximava da floricultura, fiquei pensando se deveria contar a tio Ênio os eventos da noite anterior. Eu tinha receio de sua reação se soubesse que usara meus poderes na frente de Sérgio.

Ele pareceu notar minha preocupação e logo de cara me disse:

- Noite difícil?

- Foi meio complicada... - disse eu tomando coragem.

- Tome a sua caneca de chá. Vamos para o porão. Quero dar uma olhada nas mandrágoras.

Descemos a escada e logo contei tudo a tio Ênio. Ele escutou em silêncio até o fim.

- Acha que fiz mal, tio?

- Você tinha outra alternativa para salvar o seu amigo?

- Não.

- Então, por que me pergunta?
- Pensei que diria que fui precipitado, expondo-me daquele jeito.
- Daniel... Você reflete sobre suas decisões e não é mais uma criança. Você sabia dos riscos e tomou uma decisão. Agora resta saber se o seu segredo ficará seguro com o Sérgio.
- Tenho certeza que sim! - respondi, aliviado pela atitude de tio Ênio.
- Então não há problema algum. - arrematou ele observando as folhas de uma das mandrágoras sobre a mesa onde antes estivera o “Botânica Oculta de Paracelso”.
- Nesta noite o senhor disse que estará tudo pronto com as plantas, não é? - perguntei para mudar um pouco o rumo da conversa.
- Isso mesmo. Hoje à noite fica pronta a fórmula de ativação. Amanhã eu já posso preparar uma poção para seus pais se protegerem.
- É sempre assim, tio?
- Sempre o quê?
- Sempre sendo atacados por criaturas estranhas, vendo coisas, caçando monstros, possuídos, etc.?
- Nem sempre, meu jovem. Nem sempre. - disse ele pegando uma pazinha de jardinagem numa prateleira cheia de sacos de adubo.

Na hora do almoço, eu estava faminto. A marmita foi entregue antes que Júlia chegasse em casa. Havia massa com um molho bem suculento e almôndegas! Ah! Almôndegas! Entretanto, eu sentia um pressentimento ruim, como na noite anterior. Liguei para Sérgio, para saber se tinha notícias dos rapazes envolvidos no acidente. Ele me disse que havia estado com ambos naquela manhã e os dois estavam muito bem.

- Esses caras tiveram muita sorte, Sérgio. - murmurei ao celular.

- Tem razão, mano. Podiam ter virado paçoca na hora do acidente. O cabeçadura do Barbicha tá com uma cara de quem levou pau do “Mike Tyson”, mas é só um olho roxo. O Paulão só ficou com um machucadinho pequeno na testa, de quando beijou o banco do motorista por trás.

- Então está bem, Sérgio. A gente conversa mais tarde.

- Falou!

Sem nenhum dó, afundei o garfo na massa e comecei a me deliciar com o almoço. Nem bem havia começado, ouvi a porta sendo aberta devagar. Era Júlia. Ela passou reto e se trancou no quarto.

Aquela atitude me deixou preocupado. Como vi que demorava em vir comer, fui até a porta do quarto. Pude ouvir um soluço abafado sobre a cama.

- Hoje temos almôndega, mana.

Ela não respondeu. Ouvi como tentava se recompor para, logo depois de limpar a garganta, dizer:

- Não estou com fome, obrigada.

- Mas está uma delícia. - insisti.

- Já disse que não tô com fome! - berrou ela alterada.

- Você quer conversar?

- Nããããããããooooo!!

Fiquei ali parado, enquanto afinava ao máximo os ouvidos. Talvez pudesse ouvir algo, sei lá. Sentia-me desorientado, com muita pena dela. Era evidente que tivera um problema no colégio. Algo tinha acontecido. Minha intuição me dizia que provavelmente algo relacionado com o namoradinho que arranjava.

Eu pude ouvir como ela afogava o choro sobre o travesseiro. Depois de um tempo, abriu a gaveta do criado mudo. “É isso!”, pensei. “Vai escrever no diário!”.

Voltei à cozinha e terminei o almoço. Depois de lavar a louça e guardar o que sobrou na geladeira, fui até a porta do quarto de Júlia novamente.

- Vou ficar em casa hoje à tarde.
- Não precisa.
- Você não precisa ficar só... - dizia quando ela me cortou:
- Vou sair com a Martinha. Daqui a pouquinho ela deve estar chegando...

A campainha tocou. Era Martinha, uma garota com sardas no rosto e cabelos pretos, alta e magricela, a melhor amiga de Júlia. Os óculos de armação preta combinavam com os cabelos lisos. Mas não se enganem: apesar dos doze anos, tinha mais cérebro do que muito marmanjo.

- Sua irmã está?
- Entre, Martinha.
- Tudo bem. Espero aqui mesmo. – sorriu timidamente a menina.
- Já estou indo! - respondeu Júlia que saía do quarto e rapidamente chegava até Martinha, na calçada.
- Aonde vocês vão? - perguntei.
- Vamos dar uma caminhada, depois vamos para minha casa. De tardezinha eu trago a Júlia para a dona Flora.
- Você não tem que dar tanta explicação! Ele é só o meu irmão!
- Calma, garota!
- Desculpe, Martinha.

Assim que elas se foram, fui direto até o quarto de Júlia. Abri a gaveta do criado-mudo. Ali estava o seu diário. Um pouco envergonhado de xeretar na vida alheia daquele jeito, fui direto para a última página. Era tudo o que me interessava. Além do mais, se não tivesse um bom motivo, jamais faria aquilo.

A tinta da caneta estava meio borrada por três lágrimas que haviam caído sobre o papel no momento da escritura. Só isso já me causou uma péssima impressão.

“Nunca mais vou amar ninguém. O Carlinhos nunca gostou de mim. Tudo o que ele queria era ganhar uma aposta idiota com seus amigos. Como não conseguiu o que queria comigo até a data combinada, perdeu a aposta. Mas o que mais doeu foi ele ter dito que eu era 'uma menininha ridícula e sem graça e que ele tinha pena de mim!' Eu não esperava por essa. Ainda ouço os garotos rindo de mim quando ele me mandou embora...”

Não consegui ler o resto. Sentia um aperto no peito. O coração disparou.

- Aquele fedelho! - rosnei. - Na certa pensou que eu não faria nada, como não fiz nada contra o Guido até hoje.

Ela devia pensar que o irmão era um medroso e que seria inútil contar para ele. Senti uma vergonha terrível. E muita raiva também. Meu primeiro impulso foi correr atrás dela e dizer que devia ter me contado. O segundo impulso foi correr atrás do Carlinhos, a imitação de Casanova e mostrar para ele o quanto eu me sentia irritado com tudo aquilo. A respiração acelerada e o coração batendo forte me atormentavam.

Passei a mão pela cabeça. A boca estava seca. A pele ardendo. Fui até o banheiro e comecei a jogar água na cara. Eu precisava fazer algo! Precisava! De repente, uma ideia surgiu em minha mente e um sorriso se desenhcou em meus lábios refletidos no espelho:

- Já sei! - murmurei triunfante.

Peguei o celular e liguei para Sérgio.

- Fala, Daniel!

- Acabei de saber que o namoradinho da Júlia não se comportou bem com ela.

- E o que é que você vai fazer? - interessou-se.

- Eu nem tanto, mas você pode me ajudar muito nessa tarefa.

- Beleza!

- Agora ouça com atenção o que nós vamos fazer...

Depois de explicar a Sérgio o que iríamos fazer, fui para o treino, onde nos encontraríamos. Ao chegar não vi Barbicha. Paulão batia bola com o pessoal como se nada tivesse acontecido. Sérgio veio até mim:

- E aí, trouxe o bagulho? - perguntou ele em tom de voz baixa.
- Está aqui.

Entreguei-lhe o pequeno envelope.

- Vai ser maneiro, mano, pode crer.
- Consegue fazer chegar até ele ainda hoje?
- Tá na mão, meu irmão! Só preciso de alguns minutos! Tenho meus contatos, você sabe! - respondeu Sérgio guardando o envelope num bolso interno da jaqueta.
- Então, até mais tarde.
- Falou!

Apesar da pose, era evidente que Paulão não estava na melhor forma física. Lento e evitando dribles corpo a corpo, ele fazia o que podia. Para meu desgosto, Guido apareceu. Já não tinha o joelho enfaixado e garantiu ao professor já estar bem o suficiente para jogar.

- Está bem, Guido. - disse o professor Juarez – Mas estive testando novas posições e o Daniel será o atacante da equipe “A”. Hoje você fica na lateral direita.

Equipe “A” era como o professor Juarez começou a chamar o time que seria o titular.

- Mas eu era o atacante da equipe “A”. - murmurou Guido irritado.
- Não faça essa cara, Guido. Você se machucou feio e deve recomeçar devagar. - justificou o professor.

Paulão não escondeu um sorrisinho debochado.

- O que houve com o Barbicha? Ficou intoxicado com a poeira que comeu ontem? - perguntou Guido ao passar por ele.

- Mandou lembranças. - respondeu Paulão entredentes.

Nossa equipe havia sido modificada, com o acréscimo de Paulão, no lugar de Joaquim, no meio campo. Na lateral esquerda seguia Márcio. Os zagueiros ainda eram os puxa-sacos de João e Paulinho! O Rogério risadinha continuava no gol. Não era um gênio, mas, pelo menos, era bem-humorado.

Durante todo o treino fiquei na expectativa da presença de Vânia. Porém, naquela tarde ela não apareceu. Guido não deu trabalho, pois não estava totalmente recuperado da sua contusão.

Logo percebi que Paulão sentia dores pelo corpo, por isso não corria muito. Mesmo assim, não jogou mal.

No final do treino me despedi do pessoal e peguei minha mochila no vestiário para ir embora. Guido estava parado na porta. Ele me olhava com raiva reprimida.

- Ainda dá para desistir. - disse ele.

- Você vai desistir? - perguntei passando ao seu lado.

- Quantas vezes eu vou ter que te dizer que lugar de Mané não é na minha escola? - disse ele me segurando pelo braço.

Ele tratava de apertar com força, mas falava baixo, pois alguém podia aparecer a qualquer momento. Nem todos os garotos que usavam o vestiário tinham se trocado ainda.

Eu não aguentava mais tanta provocação. Peguei seu pulso e comecei a apertar. Sentia muita raiva. Minha paciência havia terminado. Por causa dele, minha irmã não acreditava que eu pudesse ajudá-la de alguma forma. Por causa dele, eu não podia viver em paz na escola.

Guido arregalou os olhos. Eu estava apertando muito mais forte do que ele podia suportar. Sua mão largou meu braço. Cravei meus olhos nos seus e disse algo que havia tempos estava entalado em minha garganta:

- Ou você me deixa em paz, ou os dois vamos sair perdendo feio! Seus joguinhos idiotas já me cansaram e não estou mais disposto a ficar na minha. Você entendeu?

Soltei-o bruscamente. Ele ficou mudo, esfregando o pulso. Não estava acostumado a lidar com gente que reagisse. Saí dali com o rosto queimando, muito irritado.

- O que é seu tá guardado, Mané... - sussurrou quando pensou que eu já estava longe o suficiente para não ouvir.

Depois de passar por casa e ver que Júlia estava no quarto com Martinha, comi alguma coisa e fui encontrar Sérgio. Não iria à aula naquela noite. Tinha um assunto importante para resolver.

- Então, conseguiu mandar a mensagem? - perguntei ansioso quando Sérgio fechou a porta do carro.

- Tá na mão, Daniel! Mandeí uma amiga entregar para ele a cartinha de amor na aula de “Tae-kwon-do” do garanhão.

- E o quê exatamente você escreveu? - perguntei curioso.

- Prometi fazer com que ele tivesse uma noite inesquecível. Escrevi que “Não posso mais viver sem os seus beijos. Não importa como, eu preciso ver você! Me dê outra chance! Prometo que esta noite vai ser especial!”

- Sérgio!

- O que foi, maninho?!

- O que ele vai pensar da Júlia?!

- Você queria que ele fosse ou não ao encontro? Não foi por isso que me levou aquele bilhete com a letra dela e me deu um dos papéis de carta da coleção da Júlia? Mandou e eu executei! Fica frio que vai funcionar. Até porque depois ele não vai passar mais nem perto dela, tenho certeza!

Sérgio tinha uma caligrafia extraordinária. Já me mostrara uma vez a habilidade imitando a letra de um colega e mandando um bilhete para uma menina da aula. Foi a maior confusão porque ela tinha namorado. Enquanto os caras

discutiam, Sérgio morria de rir. Só pouco antes da briga estourar ele se entregou, às gargalhadas. Quase apanhou, mas saiu bem da armação.

- Está bem. Está bem... Vamos para lá então. - disse eu, dando-me por vencido.

O portão do parque municipal estava aberto. Sempre ficava aberto. Apenas área do zoológico ficava trancada à noite. Entramos e fomos nos preparar para receber nosso visitante ilustre, se ele fosse até o encontro prometido no infame bilheteinho.

A hora combinada não demorou muito em chegar. Havia escurecido tinha pouco tempo. Para minha felicidade, logo apareceu uma figura tímida de bicicleta na entrada do parque.

Estávamos escondidos atrás de um banco de praça e permanecemos quietos vendo o garoto se aproximar, acreditando que Júlia estava esperando por ele para cumprir suas promessas de amor.

Era contraditório. Ao mesmo tempo em que me deliciava vendo o sem-vergonha chegando mais e mais perto, tão próximo de seu castigo, sentia uma raiva crescente, uma vontade louca de pular sobre ele e mordê-lo como a uma presa. Sérgio pareceu notar minha respiração se alterando.

- Mano, você tá legal? - sussurrou em tom preocupado.

Não respondi. Meus músculos se retesavam cada vez mais. Eu estava “saindo do ar”. Sérgio tocou no meu braço. Senti sua mão gelada.

- Mano, é você aí? - sussurrou.

Voltei a mim. Olhei para Sérgio e fiz um gesto com a cabeça.

- Não se preocupe. É só um susto, nada mais. - sussurrei.

- Falou. - concordou ele, aliviado.

Carlinhos deixou a bicicleta encostada num banco do outro lado da pracinha. Fiz um sinal para Sérgio que saiu bem devagar por trás dos arbustos que circundavam o lugar.

- Olá? - disse o garoto meio desconfiado.

A iluminação era tremendamente precária. Apenas um poste iluminava alguma coisa naquele ponto do parque. Enquanto ele caminhava até o centro da praça, tirei os tênis e subi numa árvore. Tirei a camisa e a jaqueta, para não rasgá-las. A calça era bem elástica e eu não pretendia tirá-la.

- Docinho? - indagou ele.

“Docinho”? O que minha irmã tinha visto naquele cara? Tão brega assim, nem eu! Mas um sentimento de raiva surgiu novamente. Naquele momento decidi que o susto que lhe daria tinha de ser dos grandes. Minha irmã merecia isso.

Desejei me transformar e o processo começou rapidamente, tal como na noite anterior. Cada vez a coisa se fazia mais e mais rápida e um pouco menos dolorosa. Senti a pele ardendo como minha garganta. Segurei um gemido.

O garoto olhou para os lados, caminhou um pouco e ficou parado. Olhou para o relógio. Enquanto eu sentia meu corpo todo ardendo já no final da transformação soltei um gemido que se pareceu mais a um rosnado. Pude ouvir o coração do garoto disparando.

- Quem está aí? Júlia? Não tem graça nenhuma! Apareça logo! Pensei que já tínhamos resolvido nosso assunto! - arriscou ele, com o coração aos pulos.

Era de se admirar a coragem do rapazinho! Tive sorte de que não saísse correndo ainda! A transformação prosseguiu por mais alguns instantes. Minha respiração se acalmou um pouco.

- Eu vou embora se você não aparecer, Júlia! - berrou o garoto num tom quase não-assustado.

Dei um urro que saiu como um uivo em alto e bom som. Agora sim o garoto caiu na real. Seus olhos pareciam querer saltar das órbitas. Ele se virou para correr, mas antes que desse um passo, saltei da árvore e caí sobre as sombras, entre os arbustos. Ele percebeu o movimento e não pôde evitar dar um gritinho pouco adequado a um “garanhão” conquistador como ele.

Rosnei por entre os arbustos e o garoto ficou paralisado até que dei um passo e deixei metade do corpo sair das sombras. A sensação selvagem que eu sentia chegava a me assustar. Algumas imagens cruzavam minha mente. Cenas de caçada

e sangue. Para piorar, o rosto do garoto diante de mim só me fazia entrar mais e mais fundo naquele jogo de caça e caçador, presa e predador.

- Socorro! - berrou o garoto com uma voz oscilando entre aguda e grave, virando-se mais do que depressa em direção à bicicleta.

Mas para sua surpresa, ela já não estava lá. Sérgio a tinha escondido entre os arbustos do outro lado. O garoto tentou correr. Antes que avançasse mais do que cinco metros alcancei-o. Cheguei tão próximo dele que tenho certeza de que senti o meu hálito.

Dei um berro com aquela voz que ainda me provocava calafrios. O garoto pareceu ficar tão branco quanto um lençol. Partiu numa disparada louca em direção à saída do parque. Para completar, ainda tropeçou em alguma coisa e caiu rolando. Mas levantou tão rápido que nem perdeu velocidade.

Fiquei ali parado, desejando segui-lo. Mas precisava me controlar. Pouco a pouco as cenas de caça, o sangue, tudo isso ia retrocedendo, perdendo espaço em minha mente. Eu recuperava a serenidade. O humano dominava a besta.

Olhei para o portão e me convenci de que aquele garoto tivera o seu merecido. Depois de alguns instantes, ouvi Sérgio que falou oculto nos arbustos:

- Tá tudo bem, mano? Tá tranquilo?
- Pode vir, Sérgio! Não vou comê-lo.
- Não acredito que você fez uma piada! - disse ele saindo dos arbustos.
- Acho que esse garoto aprendeu uma lição hoje.
- Se aprendeu! Só não sei bem qual!
- Tenho motivos para imaginar que ele nunca mais vai se aproximar de Júlia.
- Eu tenho certeza que não. Eu não me aproximaria. - disse Sérgio ainda rindo.
- E se ele comentar com alguém?
- Quem vai acreditar? - indagou Sérgio.

- Acho que ninguém... Não terei exagerado a dose?
- Que nada! O cara mereceu. Tremendo vacilão!
- Também acho.
- O que é isso que você tem pendurado no pescoço? - perguntou ele curioso - Parece um medalhão.
- É um amuleto que tio Ênio me deu. Pertencia a sua esposa. Ele me ajuda a manter a calma. - contei-lhe.
- Maneiro! O teu tio tem umas paradas legais! Parece bem antigão. - murmurou ele sentindo o peso do amuleto.
- Centenas de anos.

Mas não tive certeza de que ele tivesse ouvido o que eu disse. Sérgio deu um passo para trás, olhando o chão. Em seguida, começou a rir enquanto dizia:

- Ih! Olha só! Ele regou o parque! O Don Juan^[8] foi ao parque atrás de uma garota e acabou regando as plantas!
- Acho que exagerei na dose. - murmurei meio constrangido, recolhendo o falso bilhete que o garoto tinha deixado cair no chão.

Mas Sérgio continuava rindo a gargalhadas.

- Ele jamais vai esquecer desse encontro, cara! – ajoelhou-se, segurando a barriga.

Após uns dez minutos aguardando que Sérgio se recompusesse um pouco, ouvi um som familiar vindo da escuridão.

- Valeu, Sérgio, por me ajudar.
- Foi um prazer, mano. Vamos embora?
- Vá você. Eu tenho outro assunto pendente que pretendo resolver ainda hoje. - respondi entrando parque adentro, na direção ao ruído.

- Falou. - disse Sérgio indo embora.

Em instantes, avancei até o caminho das árvores, onde tinha escutado o grito quando viera com Vânia. Os sussurros e ruídos cessaram.

- Eu vim para ajudar. Eu não sei o que você quer, garotinha. Mas vim ajudar.
- foram minhas palavras.

Deve ter soado horrível, pois minha voz não era humana. Silêncio total. Só ruídos da noite: grilos e sapos. Fiquei parado por algum tempo, até que ouvi passos atrás de mim. Ela estava ali, com seu ursinho de pelúcia pendendo do bracinho.

Senti o corpo todo estremecer, o coração acelerando. Os pelos da nuca eriçados. Por um momento, veio o impulso de correr, mas foquei no objetivo daquele encontro: ajudar a menina.

- O que devo fazer? - perguntei a duras penas.

Ela me olhou com aqueles olhinhos que tinham um brilho diferente e depois de um instante, sorriu. Senti pena. Havia algo de triste em seu olhar. Olhos de tragédia.

De alguma forma, aquela tristeza despertou-me um sentimento protetor e o medo começou a ir embora.

Ela estendeu a mãozinha na minha direção. Devia ser uma cena estranha: um fantasma dando as mãos para um lobisomem. Tomei sua mão e senti um frio que não esperava.

A noite avançava. Entre os ruídos dos grilos fomos caminhando mata adentro. Depois de andar no mais absoluto silêncio perguntei à garota:

- Como você se chama?
- Julinha.

Senti um estremecimento brutal sacudir meu ser. Ela pareceu não notar. Olhava para frente e caminhava quase saltitante. Eu não consegui dizer mais nada. Paramos em frente a uma cabana velha, com paredes de pedra e teto de chapas. A menina me olhou e disse:

- Ali dentro. O homem mau nos trancou ali dentro. A mamãe e o papai não vieram nos buscar. Eu quero ir pra casa.

Olhei para a cabana. O aspecto era desolador com tábuas podres nas janelas e uma cor doentia nas madeiras carcomidas. Um cadeado impedia a entrada nas portas meio podres.

- O homem mau foi embora, mas mamãe e papai não vieram mais. Nós ficamos com medo. - insistiu a menininha.

- Quem está com você?

- Meu irmão, Pedro. Ele não sai mais para procurar pela mamãe e pelo papai. Ele diz que eles não nos amam mais. - soluçou a pequena.

Olhei novamente para a choupana. Era como se uma nuvem de tristeza pairasse sobre o lugar. Eu me perguntava há quanto tempo tudo aquilo tinha acontecido. Voltei-me para a garotinha, mas ela não estava mais ali.

Eu tinha que descobrir como ajudar àquela menina. Decidi entrar no casebre. Não sabia se ia dar certo, mas peguei firme a corrente com o cadeado e comecei a puxar com toda força.

Bem, a ideia era abrir a corrente ou o cadeado, mas as madeiras da porta não aguentaram o esforço. Caí sentado com pedaços de porta sobre o colo e a corrente sobre as pernas. Depois de levantar, limpando-me daquela madeira podre e malcheirosa, entrei na cabana.

O piso rangeu um pouco ante o meu peso. Na certa haveria um montão de goteiras, o que devia ter estragado o chão. Era melhor ter cuidado. Um cheiro a mofo invadiu minhas narinas. Mas havia outro cheiro. Um cheiro de tristeza e morte.

Caminhei, olhando com cuidado ao redor, aproveitando a escassa luminosidade que entrava pela janela. Havia prateleiras onde pude ver algumas ferramentas que eram usadas no parque. Algumas correntes penduradas, uma enxada, dois rastelos...

Uma tábua do piso cedeu um pouco e me desequilibrei, dando alguns passos para trás. Instintivamente, apoiei-me na parede, no que provavelmente tinha sido uma chaminé havia muito tempo. A parede naquele lugar cedeu de forma

inesperada, revelando um pequeno compartimento oculto. Ali, pude ver a esquina de uma caixa de lata, daquelas bem antigas.

Curioso, meti a mão para ver o que encontrava por ali. Foi um pouco difícil passar os dedos pelo buraco, mas logo consegui puxar a caixa metálica para fora da parede.

Havia uma mesinha e uma cadeira. Coloquei a caixa sobre a mesa e abri a tampa. Havia fotos de pessoas que eu nunca tinha visto, e ao fundo, um jornal muito amarelado. Sentei na cadeira e comecei a ler o informativo. O jornal era o tradicional “A Voz da Cidade”. A data da edição era de 25 de novembro de 1963! Em letras garrafais pude ler “Assassino do presidente John F. Kennedy é identificado”.

De repente, senti um calafrio. Havia uma fotografia de duas crianças, mais abaixo. Um rapazinho com calças xadrez e uma menininha de vestido, segurando um ursinho de pelúcia.

- Julinha... - murmurei.

Li a manchete em voz alta:

“Desaparecidos no circo.”

Manuseando o jornal com o máximo de delicadeza possível, tratei de chegar até as páginas policiais, onde pude seguir a leitura da notícia:

“Desaparecidos há uma semana, os dois irmãozinhos Júlia e Pedro ainda são procurados pela polícia. O pai, o médico Joaquim Antônio Costa Sousa acusa o Circo Oliveira de negligência. O dono do circo, o senhor João Peres Oliveira foi solto após averiguações. A família está inconformada.”

Deixei o jornal sobre a mesa. Era uma história triste. Eu já intuía o que estava procurando. Duas crianças desaparecidas, que nunca voltaram para casa. Eu já podia imaginar. E isso me enchia de tristeza.

Revisei um armário rústico que havia numa parede, sem sucesso. Continha apenas algumas latas vazias, o que havia sido uma faca e cacos de vidro de uma garrafa.

- Quero ir para casa! - surpreendeu-me a voz de Julinha.

Levei um susto.

- Eles não vão nos buscar! - berrou uma voz de menino, um pouco mais velho.

Novo susto.

- Está enganado! Eles vão nos achar! - insistiu a garotinha.

- Eles não nos amam mais porque nós fizemos besteira! - respondeu ele.

Não era nada agradável. Eu olhava ao redor sem ver ninguém. Vasculhava as paredes da cabana em busca de algum indício de compartimento ou algo parecido. Dei um passo atrás, após procurar até a última parede. O piso rangeu novamente.

- Não sei mais onde procurar... – murmurei frustrado.

De repente, o piso cedeu. Em questão de segundos, caí pesadamente sobre as costas. As madeiras podres estalavam sob o meu peso. Uma nuvem de poeira me encobriu por completo.

Assim que senti que parava de cair, levantei num pulo. Parte do piso havia cedido e a luz tímida que vinha do pavimento superior era suficiente para que eu pudesse me orientar na penumbra. Era uma espécie de porão. Mas não havia entrada alguma. Nenhuma portinhola por onde acessar o lugar.

Depois que a poeira baixou, olhei para as paredes revestidas de pedra. Dei um passo e pisei em algo mole. Peguei aquele objeto do chão e senti um calafrio. Era um ursinho de pelúcia.

Perto dali, num dos cantos do porão, havia algo. Aproximei-me devagar. Então vi dois pequenos corpos, um ao lado do outro.

- A jaula do tigre estava aberta e nós entramos para fazer um carinho nele e no seu filhotinho. Mas ele ficou bravo e nos atacou. - disse a voz de Julinha.

Olhei para os lados, mas apenas ouvia sua voz.

- O homem mau nos trouxe para cá. Eu pensei que papai e mamãe viriam nos buscar, mas eles não vieram!

- Eles não nos querem mais, porque nós fizemos besteira! - insistiu Pedro.

Aquela discussão estava acabando com meus nervos. Deixei o ursinho de pelúcia junto dos corpos e saltei para fora do porão. Eu sentia a cabeça rodopiando. Saí da choupana e sentei no chão próximo. Eu tinha de fazer algo.

- Meu Deus! - murmurei – 1963!

- Você pode me levar para casa? - disse a voz suave de Julinha ao meu lado.

Olhei para ela, que agora estava ali, e respondi.

- Não sei onde fica sua casa, Julinha. Mas vou procurar alguém que pode ajudar. Eu prometo.

Ela se aproximou de mim e senti o toque frio de sua mãozinha sobre meu rosto:

- Obrigada. – disse sorrindo.

Depois de reverter a transformação e vestir minhas roupas, saí do parque. Não havia viva alma na rua. Avistei um orelhão não muito longe dali. Fui até ele e disquei o 190.

- Polícia militar. Soldado Guerra, pois não? - disse a voz do outro lado da linha.

- Por favor, preste atenção no que tenho para lhe contar, soldado Guerra...

Após relatar ao soldado a localização dos corpos, fui para casa. Júlia dormia. Dona Flora preparara um bife acebolado que devia estar uma delícia. Mas a imagem de Julinha e seu irmão não me saíam da cabeça. Após um banho rápido, cheguei perto da porta do quarto de Júlia.

Apurei os ouvidos. Podia escutar sua respiração compassada. Senti vontade de acordá-la. Mas dizer o quê? “Desculpe, mana. É que depois de ver um casal de irmãos mortos há mais de quarenta anos, fiquei refletindo sobre o quanto gosto de você...” Definitivamente, não dava.

De repente, lembrei dos meus pais. Meu celular estava descarregado. Coloquei o telefone para recarregar a bateria e me deitei. Nenhuma mensagem. Eles não

ligaram. Pensei em chamá-los, mas era tarde e talvez eu atrapalhasse. Prefери pegar o diário de Maria para tentar me distrair pelo menos um pouco.

CAPÍTULO 14

Diário de Maria

Depois do incidente no quartinho dos fundos, mamãe pensou que era melhor irmos embora. Assim fizemos. As noites que se seguiram foram duras. Uma delas, passamos na beira de uma estrada, outras, num bosque que encontramos. Finalmente, após o término da Lua cheia, eu estava temporariamente livre daquela maldição.

Mamãe e eu tomamos um trem em direção ao nosso destino final: Porto Alegre. Lá encontraríamos o parente dela, tio Júlio. A viagem foi agradável. Eu estava muito cansada e dormi bastante.

Quando chegamos na cidade grande, soubemos que tio Júlio havia se mudado para um sítio, na zona rural da capital.

Por sorte, conseguimos localizar o lugar. Com a caridade de um padre que nos deu carona numa carroça chegamos até a entrada do sítio. Se ele soubesse que tipo de pessoas transportava, acho que não teria nos ajudado tão prontamente. Finalmente chegamos ao sítio.

Tio Júlio, como mamãe o chamava, era um homem muito simpático. Tinha um corpo forte e sobrancelhas grossas. As mãos eram grandes e o falar suave. Mamãe e ele se emocionaram muito no momento do reencontro.

A esposa dele, dona Jurema, era uma senhora muito amável e nos recebeu de braços abertos. A partir dali, tornou-se uma segunda mãe para mim e começamos uma vida nova. Parecia que finalmente teríamos um pouco de paz...

Que bom, pensei um tanto aliviado por saber que alguma coisa boa finalmente acontecera a Maria e sua mãe. Deixei o diário. Sentia-me cansado. Fechei os olhos e não pude deixar de pensar nos estranhos sonhos que estava tendo. Eu sabia que uma hora ou outra iria descobrir o que significavam. Vivenciar coisas estranhas parecia ser algo inerente a um homem lobo. Sem perceber, adormeci. E fui transportado novamente para aquele mundo onde o fogo consumira toda uma cidade, pessoas e animais.

“Olhei para o bebê que agora dormia em meus braços. Não havia ninguém para protegê-lo, nem tempo a perder. Retirei a cota de malha^[9] de um dos mortos e vesti a criança. Não a asfixiaria e a protegeria dos corvos. No início, o frio do metal a incomodou. Mas, com paciência, consegui fazê-la dormir. Deixei-a dormindo naquele pacote metálico sobre o feno da carroça. Se eu sobrevivesse ao confronto, voltaria. Se falhasse, todos nós estaríamos mortos de qualquer modo.

A noite dava sinais de sua chegada. Os últimos raios de sol não tardariam. Mas eu queria chegar ao castelo antes do anoitecer. Era preciso vencer a ameaça. Eu, o rei Baldar, precisava salvar meu reino.

Ainda ouvi a voz da criança que deu um gemido, adormecida. Agradei aos céus pelo meu filho estar longe dali, distante de toda aquela desgraça. Havia sido melhor deixar que o levassem antes que fosse tarde demais. Lembrei de minha esposa. Seu rosto com aquela expressão alegre de juventude. Ela só tinha dezesseis anos e agora estava morta. Tudo por culpa daquela maldita bruxa!”

Acordei. Em segundos repassei as impressões daquele sonho que seguia em sequência aos anteriores. Era como assistir um filme aos poucos, algumas cenas por vez. Não demorou, as lembranças de Julinha e seu irmão também invadiram minha mente. Era uma história bem triste, assim como a do rei Baldar.

Tomei o café com minha irmã. Ela ainda estava muito abatida, mas não abriu o jogo comigo. Dona Flora guardava silêncio. Quando Júlia levantou e foi embora, a boa senhora comentou em voz baixa:

- Parece mal de amores... Mas ela é tão novinha...

- Concorde, dona Flora. Mas aposto que ela vai se recuperar. – disse levantando-me da mesa.

Tio Ênio estava varrendo o piso quando cheguei à floricultura.

- O chá está servido. – disse ele simpático.

Fui até o quartinho e peguei meu chá. Estava delicioso.

- O que colocou no chá hoje, tio Ênio?

- Se eu lhe dissesse, perderia a graça. Que tal adivinhar? – brincou ele.

- Jasmim?

- Não.

- Laranja?

- Não.

- Camomila?

- Não.

E assim se passaram os próximos minutos, em intermináveis tentativas de acertar que sabor misterioso era aquele. Finalmente me dei por vencido. Mesmo assim, tio Ênio não quis me dizer o que era. Apenas continuava com seus afazeres com um sorriso no rosto.

De repente, alguém entrou na floricultura. Fui atender. Era Miriam, nossa colega de aula.

- Olá! Tudo bem, Miriam?

- Tudo.

- Em que posso ajudá-la. Está procurando alguma coisa em especial?

- Estive conversando com a Vânia. E achei que devia vir aqui hoje e falar com você.

- Sobre o quê?

- Como hoje não tem aula na escola, Vânia vai sair comigo de noite, para vermos um filme juntas.

- Hoje não tem aula? - Perguntei quase ao mesmo tempo em que me lembrava do aviso entregue havia alguns dias.

- Isso mesmo. Vai haver uma reunião ou coisa parecida. Mas isso não é importante. O que é importante é que você deve nos procurar. Vânia gosta muito de você.

- Gosta muito de mim?! – exclamei eufórico.

Tio Ênio apareceu, viu que eu conversava com a garota, deu um sorrisinho e foi para os fundos.

- Você sabe por que ela está tão estranha então?

- Ela está confusa. Está com medo de se envolver com você. Mas eu tenho certeza de que se conversarem, as coisas vão se solucionar. Agora tenho que ir. Nosso filme é às sete da noite, no Cinema Central, entendeu?

- Sim, mas... – murmurei enquanto ela ia embora.

- Não falte!

Essa era boa! Com medo de se relacionar comigo? E se ela soubesse que fico todo peludo quando estou muito nervoso?

Tio Ênio voltou dos fundos trazendo um vasilhinho com uma camélia.

- A cliente já foi embora?

- Não era cliente, tio.

- Ah! Percebi que não pela animação da conversa.

- Não é nada disso que o senhor está pensando.

- Eu não estou pensando em nada! – sorriu ele com uma piscadinha de olho.
- É sério! Ela é uma colega minha e da menina que eu realmente gosto.
- E que notícia ela lhe trouxe da amada?
- Vão ir ao cinema nesta noite.
- E veio convidá-lo para acompanhá-las?
- É. Mas a Vânia, que é a garota que eu gosto, está agindo de forma estranha ultimamente. Nós saímos juntos e depois ela nem me olhou mais na cara... Não estou entendendo. Miriam diz que é medo de se envolver comigo.

- E qual é o problema? Mulheres são assim! – sorriu.
- O senhor acha que não há problema se uma menina nem fala direito com a gente? Como pode ela gostar de mim e se comportar assim?
- Você não tem mesmo experiência com as mulheres, garoto! Elas não nasceram para serem completamente entendidas! É isso que as torna tão especiais. Maria frequentemente era imprevisível. Desde que nos conhecemos ela não cansava de me surpreender com suas reações. Foi assim até o final...

Ele deu um suspiro profundo e balançou a cabeça devagar. Depois foi levar a camélia para o balcão onde a deixaria. Pude sentir sua melancolia. Ficamos em silêncio por um tempo. Até que me ocorreu que sabor era aquele. Triunfante, exclamei:

- Rosas! São rosas o que o senhor colocou no chá!
- Muito bem! – riu ele fazendo uma reverência bem-humorada.
- Olá?
- Dona Heloísa! Que prazer!
- Só Heloísa, por favor, Ênio!
- Claro, claro...
- Olá, Heloísa!

- Olá, Daniel! Tudo bem com você?

- Aceita um chazinho?

- Não, não, Ênio. Estou com muita pressa. Apenas passei aqui para lhes fazer um convite. Que tal jantarmos hoje à noite? Eu tenho uma receita de massa que é segredo de família e é ótima! Minha avó fazia para mim quando eu era pequena.

Tio Ênio pareceu ser pego de surpresa.

- Eu lamento, Heloísa, mas tenho um compromisso para esta noite. - desculpei-me - Mas na próxima eu prometo que irei com muito gosto.

- Mas você vai, não é Ênio?

Tio Ênio parecia confuso. Era a primeira vez que eu o via com aquela expressão de “cachorro perdido em procissão”. Heloísa percebeu a vacilação dele em aceitar o convite. Ela deu um passo atrás.

- Ah! Por favor, desculpe-me. Não quis ser inconveniente. Foi bobagem minha! Até logo!

- Não! Não! – reagiu tio Ênio – Por favor, seria um prazer jantar com você!

- Eu não quero que se sinta na obrigação...

- Já lhe disse que será um prazer! – sorriu ele refeito.

- Então eu trouxe meu endereço neste papelzinho. Eu o espero às oito da noite. Se você mudar de ideia, Daniel, será muito bem vindo.

- Muito obrigado, Heloísa! – agradeceu.

Que mulher gentil aquela! Despediu-se de nós e se foi. Parecia uma menina de tão animada que ficou quando tio Ênio aceitou o convite. Quando ela foi embora, percebi que ele tinha uma expressão enigmática, diferente, no olhar. Ele pegou a vassoura novamente e foi varrer o porão para depois tirar as mandrágoras dali. Queria levá-las para um local onde pudessem receber um pouco de luminosidade.

- Está tudo bem com o senhor?

- Tudo.

E praticamente não pronunciou mais nenhuma palavra até o final da manhã.

Finalmente chegou a hora. Ainda não tinha escurecido quando eu estava na calçada em frente ao Cinema Central. Nenhum sinal de Vânia ou Miriam. Eu sentia uma sensação desconfortável na boca do estômago, afinal, Vânia podia não gostar de me ver lá...

Imaginei que o filme em cartaz fosse alguma comédia romântica ou algo do gênero. Fixei a vista nos dizeres do cinema e li: O massacre do picador de gelo – 19 horas.

Vai entender as garotas... Depois de alguns minutos pude ver Vânia e Miriam se aproximando. Em seguida Miriam me viu, mas disfarçou. Quando estavam a menos de meia quadra de distância, ela exclamou:

- Olha quem está ali! Daniel tudo bem?

Vânia pareceu um tanto surpresa.

- Vão olhar o filme das sete? - perguntei, acenando.
- Isso mesmo! - respondeu Miriam enquanto Vânia assentia com a cabeça.
- Que coincidência! Eu também! - exclamei meio sem jeito.

Pude notar certo rubor nas faces de Vânia. Enquanto sentia o seu perfume, podia ouvir seu pulso se acelerando um pouco.

- Vamos? - convidei.

Vânia concordou calada.

- Ainda dá tempo de tomar um sorvete naquela sorveteria ali! Vamos tomar sorvete? - convidou Miriam.

Entramos, nos servimos no bufê de sorvetes e sentamos ao redor de uma mesa.

Depois dos primeiros instantes, Miriam conseguira arrancar algumas palavras de Vânia e relaxei um pouco. Até que não estava sendo tão difícil. Mas a jogada de mestre de Miriam ainda estava por vir.

Com uma habilidade digna de atriz, ela conseguiu derrubar uma boa porção de chocolate sobre a saia branca.

- Oh! Meu Deus! - exclamou, levantando-se.

Depois de limpar um pouco a saia ela fez uma cara de resignação e disse:

- Amiga, não posso ficar. Essa roupa é da minha mãe e não quero que fique manchada.

- Então vamos embora. - disse Vânia, para meu desgosto.

- Não! Fique! Acompanhe Daniel. Eu volto em pouco tempo! Até Logo!

Miriam saiu em passo apressado, antes que Vânia tivesse alguma reação. Ao passar por mim virou levemente o rosto e piscou o olho. Garota esperta!

Vânia a viu ir embora e depois de um instante de hesitação, ameaçou levantar-se da cadeira.

- Por favor, fique. - disse-lhe cobrindo sua mão com a minha.

Senti que ela teve um leve estremecimento quando sentiu meu toque. Seu pulso acelerou ainda mais.

- Eu queria muito conversar com você. - disse eu, tirando coragem sei lá de onde.

Ela baixou a vista. Eu podia sentir o quanto estava ficando nervosa.

- Vamos esperar juntos ela voltar para entrar no cinema, se você quiser. - propus.

- Certo.

Havia algo entalado em minha garganta. Eu precisava saber se Vânia realmente conhecia meus sentimentos. Mas também queria, e tinha medo, de saber o que ela

pensava deles. Tratei de respirar fundo e instintivamente toquei no amuleto de Maria. Enchi-me de coragem e, sentindo o rosto corar, perguntei o mais segura e naturalmente possível:

- Você sabe o que eu sinto por você, não sabe? - surpreendeu-me minha própria audácia.

- Sei. - respondeu ela com o coração aos pulos.

- E o que você sente por mim? - continuei na ofensiva.

Ela desviou o olhar.

- Eu também gosto de você, Daniel, mas não sei se é uma boa ideia...

Agora era eu quem tinha o coração aos pulos.

- Por quê?

- Eu não sei se daria certo, eu...

Tomei-lhe as mãos entre as minhas.

- Eu gosto de você há anos, Vânia. Desde que você chegou a esta cidade. Se você gosta de mim, por que não ficarmos juntos?

Ela pareceu refletir um momento. Eu sentia suas mãos frias. Uma tempestade de emoções a sacudia por dentro.

- Fique comigo.

Uma lágrima correu pelo seu rosto:

- Você é tão doce, Daniel... Eu não sei por que a vida é assim...

Como dizem que a melhor defesa é o ataque, corri minha cadeira para o lado dela. Vânia me olhava sem dizer nada.

- Você é tudo o que eu quero na vida. Fique comigo. - toquei-lhe a face com as costas da mão.

Aproximei-me de seu rosto, meu coração quase saltando pela garganta. Ela fechou os olhos, esperando o beijo. Quando nossos lábios se tocaram foi como se o tempo parasse. Finalmente ela estava comigo!

Evidentemente, Miriam não voltou. Fomos para a fila do cinema, e ficamos abraçadinhos.

Na verdade eu nem sei bem de como foi o filme que assistimos naquela noite. Só me lembro mesmo foi da sensação de felicidade que sentia. Eu jamais pensei que dava para se sentir tão bem assim.

Quando o filme terminou, demos um passeio pelo centro. Vânia segurava minha mão apertada e se mantinha bem próxima de mim. Fomos atravessar uma avenida e o sinal para pedestres ficou no vermelho. O Paulão passou de carro. No princípio, pensei que eles nem tinham me visto, mas a janela do automóvel se abriu e Barbicha apareceu, com um colete cervical e um curativo pequeno na face:

- E aí, garoto! Bem acompanhado, hein?!

Era a noite perfeita. Depois de passearmos e comermos um lanche, levei Vânia para casa.

- Estou muito feliz, e você?

- Eu também. - sorriu Vânia.

- Vejo você amanhã.

- Você não pegou o número do meu celular. - protestou ela.

- Ah, claro!

Depois de feitas as devidas anotações nos celulares, ficamos nos olhando, calados. Ela me deu mais um abraço, apertado.

- Boa noite! - despediu-se.

- Boa noite.

Ela entrou e fiquei parado no portão, aproveitando aquela sensação de felicidade que me tomava.

Comecei minha caminhada de volta para casa, quando meu celular tocou:

- Alô, filho!
- Oi, pai! Como estão por aí?
- Tudo sob controle. Estamos chegando perto de nosso objetivo. Você tem como anotar um endereço?

- Só um momento, pai.

Coloquei o aplicativo de notas do celular para funcionar.

- Pode falar agora.

Ele me ditou um endereço, com CEP e tudo.

- Amanhã, pela manhã, por favor, envie um Sedex com a poção de tio Ênio para esse endereço.

- Pode deixar.

- Você está bem?

- Estou ótimo!

- Deu para perceber! Aconteceu alguma coisa?

- Pode apostar!

- Fico contente, filho! Como é o nome dela?

- Como soube que era isso?

- Ah, filho! Eu sou seu pai! O que mais poderia deixá-lo tão feliz?

Depois que rimos juntos alguns instantes, ele falou:

- Juízo. Sua mãe mandou um beijo para vocês.

- Pode deixar, pai.

- Boa noite, filho.

Caminhei até minha casa com a cabeça mais do que nas nuvens. Aquele ano não estava sendo nada mal, afinal... Chegando em casa, encontrei Júlia e dona Flora olhando televisão juntas. Júlia se virou para mim assim que entrei na sala.

- Vai ter baile de Halloween na sua escola, sabia?

- Acho que não... - respondi para logo lembrar vagamente de um comentário de Sérgio a respeito, alguns dias antes.

- Mas vai ter. A Martinha viu um cartaz. O pessoal do Diretório Estudantil vai organizar. Você vai levar a Vânia? É um bom programa para namorados!

- Como você sabe que?...

- Pela cara de pamonha! - riu ela.

Dona Flora sorriu, mas não disse nada. Continuou vendo televisão.

- Bem, vou me deitar. Amanhã é outro dia. - despedi-me indo para o quarto.

Depois de tomar aquele banhozinho relaxante, caí na cama. O sono custou a vir. Eu ficava pensando em Vânia, saboreando aquela nova sensação entre euforia e ansiedade, um sabor agridoce cheio de promessas. Só depois de uma ou duas horas, o sono chegou. A noite foi rápida. Sonhei com ela. Caminhávamos por uma estrada de tijolos vermelhos. Mas ela não estava contente. Havia algo que a incomodava.

CAPÍTULO 15

Acordei na manhã seguinte sentindo-me ansioso para que chegasse a hora de rever Vânia, minha namorada!

Incrivelmente, Júlia não me fez perguntas sobre como havia ido com Vânia na noite anterior.

- Obrigado pela força com a Vânia. – disse-lhe.
- Não é nada. Eu sabia que iria conseguir. – sorriu – Agora veja se não estraga tudo sendo um chato de galocha, controlando ela, ouviu?
- Sim, senhora. Não se preocupe. Não sou desse tipo.
- Melhor pra você!

Quando cheguei na floricultura, tio Ênio observou meu rosto e disse:

- Tivemos um dia bom ontem, não?
- Tem razão, tio Ênio.

Em seguida, contei-lhe o sucedido no encontro no cinema.

- Muito bem, meu rapaz. Se você gosta dessa menina há tanto tempo como diz, foi a coisa certa a fazer. Mas tenha cuidado. Conserve seus segredos. Saber demais pode ser perigoso para ela.
- Eu sei, tio. Pode ficar tranquilo. Agora eu só quero curtir esse namoro. Não quero me complicar ainda mais.
- Muito bem, Daniel! Assim é que se fala! Pareço seu pai falando! - sorriu ele.
- E como foi o jantar com a Heloísa?

- Foi ótimo! Ela realmente cozinha muito bem.
- Então não se arrependeu de ter ido?
- Não, não. - sorriu tio Ênio – Dona Heloísa é uma companhia agradável. Conversamos bastante. Foi divertido.
- Que bom! - comentei, notando certa animação no tom de voz dele.
- Então, tem notícias de seus pais?
- Tenho. Eles pediram que o senhor lhes enviasse a poção de mandrágora para um endereço, por Sedex. Está aqui comigo, anotado no celular.
- Muito bem. Já tenho tudo preparado. Já está até empacotado. Vamos lá.

Entramos no cômodo onde os vasos de mandrágoras estavam. Tio Ênio foi até uma das prateleiras e retirou dali uma caixa de papelão de um quilo, aproximadamente.

- O correio já está funcionando. Preencha o endereço pois minha letra é meio tremida e fica feio. - disse ele me alcançando uma dessas canetas “*hidrocor*” preta.

Depois de preencher com a melhor letra que pude o endereço do destinatário, tio Ênio me mandou levar logo o pacote ao correio.

Naquela manhã, o dia estava incrivelmente colorido e bonito. Tudo parecia mais nítido e vívido que o normal. Eu sentia aromas que se misturavam. Passei por uma feira e pude identificar cada odor dos produtos que os feirantes se esforçavam por vender

Quando retornei à floricultura, quase esbarrei em Heloísa, que ia saindo. Ela sorriu ao me ver e disse:

- Diga ao seu tio que não seja egoísta e que compartilhe com você o bolo que eu lhe trouxe!
- Olá, Heloísa! Pode deixar que eu digo!

Ela se despediu sorrindo e foi embora. Tio Ênio ainda tinha na mão o bolo.

- Moça prendada. - disse ele levando o quitute para o quartinho do chá.
- Como ela tem sido legal, né, tio?
- É verdade.
- O cheirinho está ótimo.
- Vamos provar esta coisinha.

Dito isso, ele me serviu num pires uma fatia do bolo.

- Está muito bom mesmo
- Concordo.
- Ela simpatizou com o senhor.
- Com você também. Ela veio nos convidar para um passeio amanhã à tarde, para ver uma exposição de quadros no museu. Você poderia levar sua namorada. É cedo. Três da tarde.
- Não vai dar de novo, tio. Eu tenho o último treino antes do campeonato, que é no domingo. Mas espero que o senhor aproveite. Sei que gosta muito desse tipo de coisa. Que legal que a Heloísa também gosta, não?
- É bom ter companhia para esse tipo de coisa.

Depois de comer o bolo, fui para o quartinho das mandrágoras, de onde liguei para Vânia.

- Ainda dormindo?
- Não, não estava dormindo... Só estava deitada curtindo uma preguiça.

Conversamos alguns instantes, nos quais lhe perguntei como estava, e trocamos palavras timidamente carinhosas.

- Agora vou desligar, Vânia. Estou trabalhando.
- Eu sei, Dani. Eu sei que você é um garoto muito responsável.

Dani! Ela me chamou de Dani! Eu já tinha um apelido carinhoso, tipo amorzinho ou algo parecido! Agora estava no compromisso de inventar algo para ela.

- Mas veja se não me deixa muito tempo sozinha! Quero aproveitar ao máximo o tempo que temos para ficar juntos! - Vânia completou.

- Não se preocupe! Vamos aproveitar muito bem o tempo! Hoje à tarde, antes do treino posso passar e pegar você em casa! - sugeri.

- Ótimo! A gente se vê às duas, na minha casa, então!

Definitivamente, o tom de voz de Vânia e sua atitude mudaram desde a noite anterior. Não restava nada daquela aparente indecisão. A maior prova disso era o “Dani”!

- Então, até logo.

- Um beijo. - disse ela.

- Um beijo.

- Essa fase é que é boa! - disse tio Ênio depois que desliguei.

Ele viu minha cara de quem diz “Estava escutando minha conversa no telefone?”

- Não se preocupe. Eu também passei por isso. Mas naquela época as cartas e bilhetes eram os meios que usávamos. - disse ele com naturalidade – Os poeminhas também eram “da hora”.

Não pude evitar rir lembrando as críticas de Júlia aos poemas.

- Hoje em dia tudo está mudado. Fazer o quê? A vida continua. - disse ele levantando um saco de adubo da prateleira.

- É, tem razão... - murmurei.

- Ficou sabendo das notícias?

- Que notícias, tio?

- Ouvi no rádio hoje cedo que a polícia encontrou, depois de receber uma ligação anônima, os corpos de dois garotinhos, desaparecidos nos anos 60. Na época, o dono do circo onde as crianças foram vistas pela última vez foi acusado de sequestro, mas acabou livre por falta de provas.

- Na verdade, eles foram atacados por um tigre. O dono do circo deve haver tirado os dois de lá para não ser responsabilizado.

- Como sabe disso?

- Fui eu quem ligou para a polícia. A garotinha me pediu ajuda. Eu encontrei os corpos.

- Entendo...

- Será que fiz certo ligando para a polícia?

- Você acha certo atender se alguém lhe pede um favor?

- Claro!

- Essa menina que você disse, certamente não conseguia seguir seu caminho por algum motivo.

- Ela achava que os pais iriam buscá-los lá. Mas eles não foram.

- Então, ela estava esperando por eles. - Tio Ênio fez um gesto com os braços.

- Espero que agora eles tenham um pouco de paz, ela e o irmãozinho.

- É tudo o que podemos esperar. Meus parabéns, Daniel. O que você fez foi muito generoso.

- Obrigado, tio. - agradei sem jeito. Nunca fui bom com elogios.

De repente, tio Ênio ficou pálido. Segurou-se numa das prateleiras, deixando a bolsa de adubo cair no chão.

- Tudo bem, tio? - perguntei segurando-lhe por um braço.

- Estou bem, estou bem.

- Quer que o leve a um médico?

- Não, Daniel. Estou bem. Já passou. Foi só uma tontura. Já estou bem. Por favor, ajude-me a limpar essa sujeira. – disse ele apontando para a bolsa espatifada no chão.

Horas mais tarde, deixei tio Ênio e fui para casa.

- Qualquer coisa, o senhor liga para mim, está bem?

- Pode deixar que eu ligo.

O almoço foi ótimo, pelo menos para mim: tivemos peixe. Júlia acabou deixando boa parte como sempre fazia quando o prato era algo que vivesse debaixo d'água. Por um momento até pensei em dizer-lhe que comesse o restante do peixe, mas eu não estava com a menor vontade de discutir. Apenas pedi seu prato e terminei a refeição por ela.

- Não vai me dizer nada? - perguntou Júlia surpresa.

- Você não é mais uma criança. É uma pré-adolescente.

Depois de tomar um banho e me perfumar até além da conta, saí para buscar Vânia em casa.

Logo estava em frente à casa de Vânia. Toquei a campainha no portão e logo ela veio até mim. Depois me abraçou e me deu um beijo.

Dali passeamos por boa parte da cidade. Não havia muito o que fazer ou ver numa hora daquelas. As lojas estavam todas fechadas e o movimento era calmo. Mas não estávamos exatamente interessados no que acontecia ao nosso redor.

Sentamos em um banco desses que ficavam no canteiro central da Avenida Vinte e Sete de Janeiro, próximo ao centro, e permanecemos de mãos dadas, conversando.

Até que senti algo, um movimento atrás de nosso banco. Descontraído, olhei para trás. Num primeiro momento, tomei um susto. Julinha, a garotinha fantasma, estava ali, com seu ursinho, bem próximo a nós.

Percebendo o meu susto, ela sorriu e abanou em silêncio, para logo se desvanecer por completo.

- O que houve? – perguntou Vânia.
- Nada! Acho que um princípio de torcicolo. – disse com certa tristeza ao ter de mentir, pois explicar o que vira estava fora de cogitação.
- Tadinho! Vou dar um beijinho no seu pescoço para ver se cura.

Quando chegou a hora do treino, fomos para o ginásio. Vânia foi recebida com risinhos pelas colegas e assumiu seu posto na torcida, que já tinha a coreografia quase pronta. Guido me olhou de lado quando cheguei. Barbicha ainda não voltara. O professor havia sido informado de que ele estava fazendo um tratamento de saúde e que estaria de volta no dia do campeonato, domingo.

- Não tenho outro garoto com as condições técnicas de Barbicha. Vamos treinar sem ele, então. Paciência! - quase rosnou o professor.

Treinamos muito. Mas eu mal ouvia os berros e lamentos de Guido. Sempre que podia, escorregava os olhos para Vânia. Para minha satisfação quase sempre os dela estavam fixos em mim.

De repente, senti um esbarrão. Guido me derrubou num drible desleal. Ele acertou meu tornozelo. Limitei-me a encará-lo serenamente e dizer:

- Cuidado para não se machucar de novo, Guido.

Ele não disse nada, mas eu pude sentir seus batimentos subirem ao infinito, bem como seu rosto ficar vermelho de raiva.

Quando o treino acabou, fui para o vestiário, trocar de roupa. Ao sair, Vânia estava me esperando. Guido passou pelo nosso lado, empurrando-me com o corpo. Ele virou-se para Vânia e disse:

- Cuidado com quem namora, garota. As aparências enganam. Pode ficar surpresa.

Aquelas palavras me deixaram um pouco inquieto. Seria possível que ele soubesse algo a meu respeito ou eram só besteiras ditas sem pensar? Mas logo esqueci daquilo, nos braços de minha namorada.

Vânia disse que iria casa se arrumar e que nos encontraríamos mais tarde na feira do livro, antes do horário marcado pela professora, claro.

Dona Flora já estava em casa quando cheguei.

- Tudo bem, meu filho? - perguntou ela quando me viu.
- Tudo bem, dona Flora.
- Percebi. - sorriu ela e voltou à cozinha, onde preparava uma pizza caseira.

Depois de tomar outro banho e me perfumar ainda mais, expliquei à dona Flora que não sabia bem o horário em que iria voltar para casa.

- Tudo bem. Mas desta vez, se for chegar tarde, leve o telefone, está bem?
- Pode deixar. - disse eu indo embora.

A feira do livro era um evento importante na cidade. Havia estandes até de países do MERCOSUL. Uma banda tocava no palco principal quando avistei Vânia. Ela estava linda. Havia se maquiado e usava uma blusa branca muito bonita.

- Oi! - sorriu quando me viu.

Depois do beijo é que percebi que Miriam estava com Vânia. Ela se aproximou para me cumprimentar com um livro sobre bruxaria na mão.

- Superinteressante! Eu sempre gostei dessas coisas! - disse ela mostrando o livro, empolgada.
- Não gosto muito de bruxas. - disse Vânia.
- Você gostaria de ir ao baile de Halloween que vai haver na escola? - perguntei.
- Pensei que não ia me convidar! - protestou ela.
- Na verdade, não sei exatamente quando será... - comentei sem jeito.
- No domingo de noite, depois de amanhã.
- Ótimo! Vamos, então, garota informada!

- Sempre. - concluiu ela me abraçando.

Anoiteceu. Logo a professora chegou. Sérgio estava com ela, cercando-a, tentando chamar sua atenção. Confesso que fiquei com um pouco de pena dele, pois ela não parecia muito interessada no assunto. Mesmo assim, vez ou outra, fazia algum movimento com a cabeça, para indicar que estava atenta ao que ele dizia.

Depois de aguardar algum tempo, como era de se esperar, nem todos os colegas compareceram e a professora reuniu o grupo:

- Bem, pessoal. Vamos começar o nosso passeio pela feira e vocês devem ter presente que vou querer uma espécie de relatório de tudo o que vocês acharam interessante. Não se esqueçam de dar uma olhada na literatura brasileira e nos autores que trabalharam na aula ao longo do ano com a professora Conceição. Em duas horas, a gente se encontra aqui e depois tenho uma surpresa para vocês.

Sérgio me cumprimentou, mas seguiu ao lado da professora. Parecia um guarda-costas profissional: não desgrudaria dela facilmente.

Quanto a Vânia, Miriam e eu, aproveitamos e visitamos todos os estandes. Eu, pelo menos, vasculhei todos eles minuciosamente. Às vezes a gente encontra coisas legais nos saldos e estandes de sebos. Miriam parecia em outro mundo. A todo momento colocava mais um livro em sua já lotada sacola.

- Muito legal! - sorria ela ao comprar um romance espírita – Agora tenho bastante para ler pelo ano todo!

Depois de perambular pela feira até a hora marcada, retornamos ao ponto de encontro. A professora Gabriela finalmente conseguiu se livrar um pouco de Sérgio, que veio até nós.

- E aí? Beleza?

- Tudo bem, Sérgio. – respondi satisfeito.

- Bem, garotos, a surpresa que eu lhes prometi vem agora. Vamos todos para minha casa, onde teremos uma festinha! - disse a professora Gabriela.

- Viva a professora! - ouviram-se gritos animados.
- Que mulher, mano! - sorriu Sérgio.

Caminhamos não muitas quadras, até chegarmos em frente a um edifício escuro, cuja fachada era mal iluminada. Sérgio elogiou o lugar e Vânia comentou baixinho que o prédio precisava de uma pintura nova.

- Está um pouco frio, não acha? - perguntou Vânia.
- Quer colocar o meu casaco? - ofereci.
- Quero.

As escadarias eram antigas e amplas. Eram quatro andares até o apartamento da professora, que ficava no último. Boa parte das lâmpadas dos corredores estavam queimadas.

- Por favor, tomem cuidado, garotos. É que este prédio é meio velho. Sabem como é: com salário de professor, não dá para conseguir coisa muito melhor! - desculpava-se a professora Gabriela.

Finalmente chegamos lá. A professora abriu a porta branca e entramos. O lugar era amplo, surpreendentemente amplo. Havia duas janelas que davam para a rua da fachada do edifício. Ambas bem grandes. Uma música ambiente tocava num aparelho de CD.

- Esse lugar parece menor visto de fora. - comentou Vânia.
- É, parece. - concordei.
- Fiquem à vontade. Vou buscar os refrigerantes! - disse a professora.
- Vou ajudá-la! - prontificou-se Sérgio.
- Obrigada! Vamos então!

A mobília era antiga. Havia um armário de madeira nobre e tapetes grandes. Sofás amplos, de cor escura equipavam o lugar. Para suprir a falta de lugares para sentar, ela havia disposto algumas dessas cadeiras de praia pela sala. Havia quadros nas paredes. Quadros antigos, em preto e branco. Também havia alguns quadros

diferentes, com símbolos estranhos. Parecia arte oriental ou símbolos cabalísticos, sei lá.

- Aquilo não é um jogo de talheres de prata? - perguntou Vânia apontando para uma cristaleira.

- Parece. - respondi.

- E ela reclama do salário de professor. - murmurou Vânia baixinho.

Em seguida, a professora e Sérgio apareceram e começaram a servir os garotos. Logo os grupinhos se formaram e todos conversavam animadamente. Eu estava abraçado com Vânia quando a professora e Sérgio se aproximaram de nós.

- Estão se divertindo, garotos? - perguntou a professora.

- Ah, sim. - respondi.

- Lugar maneiro! - sorriu Sérgio.

- O que são aqueles quadros? - perguntou Vânia.

- Que bom que perguntou! Não é sempre que tenho chance de falar sobre meu passatempo. - sorriu a professora.

E enquanto apontava, comentava:

- São símbolos religiosos. Aqueles ali são hindus. Esses outros são da cabala egípcia. O que está perto da porta da cozinha é hebraico. Aquele outro ali é da América Central... Enfim, de tudo um pouco...

- Maneiro! – foi o comentário mais brilhante que Sérgio pôde tecer naquele momento.

- Mas se você gostou desses símbolos eu tenho algo mais interessante para lhe mostrar. - disse a professora. - Venham comigo.

Ela abriu uma porta que dava para um corredor. Caminhamos alguns passos e ela abriu a primeira porta à esquerda.

- É o meu quarto. Fiquem à vontade.

- Primeiro dia e já conheci o quarto da gata! - sussurrou-me Sérgio ao ouvido.

A professora abriu a porta do guarda-roupa antigo. Ali dentro, havia um pequeno cofre, que ela abriu.

- Venha, querida. Dê uma olhada, disse ela tirando algo de dentro do cofre e depositando sobre a cama.

Era uma espécie de mostruário de joias em veludo. Ela desenrolou o tecido e...

- Nossa! – comentou Vânia.

Aproximei-me e vi pelo menos doze medalhões bastante parecidos com o que eu levava no pescoço.

- Que bonitos! - comentou Vânia.

- Só. - concordou Sérgio.

Alguns eram de prata, outros, pareciam mais de latão. Em muitos, gravações de símbolos geométricos como pentagramas, luas, triângulos. Mas também havia relevos de animais e criaturas que eu nunca havia visto.

- Eu coleciono isso há muito tempo. São lindos, não são? - comentou a professora orgulhosa.

- Realmente, muito bonitos. - respondi.

- Sérgio me comentou que você também tem um medalhão, Daniel. - disse a professora.

Eu não esperava por aquilo.

- Podemos vê-lo?

Contrariado, levantei a correntinha e expus o medalhão.

- Que bonito, Dani! - disse Vânia.

- Realmente, muito bonito! - concordou a professora, examinando-o de perto sem tocá-lo.

- Onde você comprou? - perguntou Vânia.

- Não comprei. Era... Da família. Da família. - respondi aturdido, guardando-o assim que a professora se afastou novamente.

O resto da festa foi tranquilo. Vânia e eu ficamos a maior parte do tempo sentados num dos sofás, abraçados. Alguém havia mexido no aparelho de CD, que tocava rock nacional.

- Eu não acredito! Que legal! - disse Sérgio – A senhora tem esse CD do Legião Urbana!

- Não me chame de senhora, Sérgio. Aqui sou apenas Gabriela. - disse ela com um sorriso.

Ele pareceu crescer alguns centímetros. Seu coração estava aos saltos. Eu podia ouvir.

- Como preferir, Gabriela! - completou com um jeitão de galã de novela mexicana.

- Fiquem à vontade para colocar a música que quiserem! – disse ela despreocupadamente.

Ficamos mais um tempo por lá. Até que Vânia pediu para ir embora. Saímos e passeamos um pouco pelo centro. Ainda não era tarde. Tomamos um milk shake e conversamos sobre banalidades em geral. Normalmente os namorados não precisam mesmo tratar de assuntos relevantes quando estão apaixonados. Era o nosso caso.

Depois que a deixei em casa, liguei para meus pais. Nada. Telefones fora da área de cobertura. Não insisti.

- Vai querer comer um pedaço de pizza, Daniel? - perguntou-me dona Flora assim que cheguei em casa.

- Claro! - respondi para, pelo menos, acompanhá-la.

Júlia estava no quarto, dormindo.

- Então... - disse dona Flora enquanto comíamos.

- Então, o quê?

- Como é o nome dela?

- Vânia.

- Isso mesmo. Eu não me lembrava. Sua irmã me disse o nome, mas eu esqueci. Você está muito contente, querido. Até sua aparência mudou. Está radiante como um dia de verão.

Dona Flora teria sido uma mãe espetacular, continuo afirmando até hoje.

- Nessa idade a gente sente tudo multiplicado por dez. O bom e o ruim. Tudo é maravilhoso, ou terrível... - refletiu ela.

O que eu poderia acrescentar àqueles comentários? Limitei-me a comer e concordar em silêncio.

- Mas a vida ensina que a gente não morre por causa de namorado! - sorriu ela servindo-se um pedaço de pizza.

Quando entrei em meu quarto, percebi que estava sem sono. Depois de arrumar algumas coisas que estavam fora do lugar, como livros e cadernos, fui para a cama. Lembrei que Sérgio tinha contado para a professora sobre o medalhão e isso me deixou incomodado. Era perturbador. Será que ele poderia deixar escapar algo sobre o acidente no rio? Para não me preocupar mais, peguei o diário de Maria.

Diário de Maria

Minha primeira noite de Lua cheia sob o teto de tio Júlio não parecia ser nada melhor que a noite em que me transformei. Senti os sintomas de ansiedade desde a noite anterior, quando a Lua crescente ainda estava no céu.

Eu estava nervosa e preocupada: o que iriam pensar de mim? Como mamãe faria para me acalmar? Não falávamos no assunto e eu imaginava se novamente

seríamos obrigadas a ir embora.

Naquele entardecer eu já estava sentindo a besta dentro de mim se contorcer ainda antes da Lua cheia subir ao céu. Mamãe me levou para o quarto e me deitei. Desta vez, entretanto, ela não me amarrou, nem parecia preocupada.

- Mamãe! Hoje é Lua cheia! Não vou conseguir me controlar!

- Fique calma, minha filha. Tente respirar fundo e se acalmar. - insistia minha mãe.

- Mas e se eu ficar daquele jeito de novo? - perguntei preocupada – O tio Júlio e tia Jurema vão se assustar! Vamos ter que ir embora de novo!

- Por favor, querida, estamos entre amigos! - sorriu minha mãe.

Eu não entendia como ela podia ficar tão tranquila na iminência de minha transformação naquela fera descontrolada.

Foi quando começou. Senti meu corpo se transformando contra minha vontade e minha natureza inferior tomando conta de meu ser outra vez. Era como ser possuída por um demônio. Tio Júlio e sua esposa entraram no quarto bem na hora da transformação, mas não pareciam assustados nem surpresos. Ele tinha sim um aspecto preocupado.

Involuntariamente, comecei a rosnar enquanto meus ossos estalavam. Pensar era uma tarefa difícil.

- Parece um caso grave. - creio ter ouvido tio Júlio comentar.

A transformação prosseguiu sem que eu pudesse me conter mais. Os urros se multiplicavam, mas eles pareciam não se perturbar com aquilo.

Aquela sensação de raiva me tomava novamente. Eu só pensava em agredir. Assim que consegui ficar em pé, olhei para minha mãe. Ela não parecia aflita como da primeira vez. Mas demonstrava estar alerta.

Rosnando, dei um passo em sua direção. Todos os pensamentos se esvaziavam de minha cabeça que agora parecia oca, vazia. Apenas aquela raiva profunda, selvagem.

Perdi tio Júlio e tia Jurema de vista. Minha mãe retrocedia alguns passos enquanto eu caminhava em sua direção.

Era terrível. Eu não a via mais como minha mãe, e sim como um pedaço de carne, uma presa. É horripilante lembrar essas coisas ainda hoje. Senti meus músculos se retesando para saltar sobre minha mãe, que se encostou numa parede.

Era aquele o momento. Eu iria atacar. Apenas um salto e tudo estaria acabado. Preparei-me para tomar impulso quando senti algo poderoso segurar meu pescoço, imobilizando-me.

Olhei para o lado, sem entender o que estava acontecendo e vi um lobisomem cinzento maior do que eu. Seu pulso parecia feito de aço e ele me apertava como um alicate. Eu não consegui me libertar de seu punho. Ainda surpresa, vi como ele colocava algo ao redor de meu pescoço e rapidamente meu raciocínio começou a retornar.

À medida que minha respiração foi se acalmando e que fui recuperando a razão, ele foi afrouxando a mão ao redor de meu pescoço. Finalmente me soltou. Ao seu lado, tia Jurema me olhava com ternura. Uma voz de trovão saiu da boca do imenso lobisomem:

- Sua mãe me contou que você sofreu muito quando a transformação começou. A partir de agora, você não vai mais perder o controle sobre seus atos. Pode ficar tranquila.

Aquele era tio Júlio! Mesmo convertido em lobisomem, havia ternura em seu olhar. Senti uma alegria profunda e agradeci pela ajuda. Depois, ele completou:

- Não precisa mais ter medo de si mesma, Maria. Nós a entendemos e vamos ajudá-la a se desenvolver. Você e sua mãe são parte da família e nunca mais vão ficar sozinhas nem desprotegidas.

Senti meus olhos se umedecerem. Fiquei muito emocionada quando ele disse a palavra “família”.

Aquela leitura me deixou bastante impressionado. Se não fosse a família, as coisas seriam muito difíceis para Maria, assim como para mim mesmo. Apesar de

meus pais não estarem comigo naquele momento, pelo menos eu tinha ao Tio Ênio, que era como se fosse da família, para me apoiar.

Guardei o diário de Maria, fui até a cozinha e tomei um copo de água. Pensei ter ouvido alguma coisa se arrastando. Olhei para os lados, mas não vi nada.

- Devo estar sonhando acordado já... - murmurei indo para o quarto.

Deitei e apaguei o abajur. Adormeci. Em instantes, fui da escuridão à luz cinzenta, em meio à fumaça e a destruição.

“O confronto final se aproximava. O castelo estava em silêncio. Entrei pelo corredor principal e me dirigi ao salão da assembleia.

No caminho, ouvi um lamento. Uma voz de mulher que chorava. Receoso, encostei-me à porta de onde vinha aquele som.

Para minha surpresa, era minha cunhada. Com a espada, parti a corrente que trancava a porta. Nhaara se jogou em meus braços soluçando. Tinha marcas de violência no rosto. Exalava um odor a sangue.

- *A bruxa! Foi tudo culpa dela...* - murmurava minha cunhada.

Enquanto a abraçava, pensava em como contar a morte de meu irmão, seu marido. Depois de um instante, decidi não contar:

- *Nhaara, siga pela estrada rumo à aldeia. Há uma carroça à esquerda no caminho. Nela há um bebê. Leve-o daqui*

- *O que você vai fazer?* - chorava Nhaara.

- *Vou acabar com esse pesadelo.*

Ela assentiu. Estava visivelmente enfraquecida. Eu não ousava imaginar o que a bruxa lhe havia feito naqueles meses de cativeiro.

- *Vá.*

- *E meu marido?* - indagou com lágrimas rolando pela face.

- Não esqueça do bebê, Nhaara! – disse-lhe com firmeza.

Ela fechou os olhos e engoliu um soluço. Assentiu novamente com a cabeça e partiu. Retornei ao corredor central e avancei. Os músculos tensos. O sangue bombeando nas veias. Eu podia sentir a sua presença maligna cada vez mais próxima.

Cheguei ao final do corredor. O salão da assembleia estava vazio. Tochas ardiam nas paredes. As janelas altas deixavam passar os últimos raios de sol. Pensei no bebê na carroça. Nhaara o resgataria?

- Você demorou! Pensei que havia fugido com o que sobrou de sua família! - disse uma voz ao fundo do salão.

Ela trajava um vestido longo. Os cabelos lisos e abundantes. O olhar maldoso.

- Chegou a sua hora, Lilith! - gritei para logo invocar a força de meus ancestrais. Ela deu um passo atrás enquanto eu me transformava no Rei Lobo pela última vez.”

CAPÍTULO 16

Acordei com o celular tocando. A sensação de ameaça iminente e luta se dissipou. Ainda era cedo, mas isso não me importou em absoluto quando ouvi a voz de Vânia do outro lado da linha:

- Oi!
- Oi! - respondi, esfregando os olhos, já perdendo o sono.
- Não acredito que você estava dormindo! Sabe que horas são?
- Oito da madrugada. - respondi sorrindo.
- Engraçadinho! Então, vamos mover o esqueleto?
- Pensei que você gostasse de ficar de preguiça...
- Não mais! Vamos aproveitar a vida! – disse ela.
- O que quer fazer?
- Vamos correr. Passo na sua casa e pego você daqui a pouco!
- Você sabe onde fica? - perguntei.
- Esperava que você me dissesse. - respondeu ela rindo.
- Então anote o endereço aí...

Depois de desligar o celular, saltei da cama e fui direto tomar um café. Não queria sair de barriga vazia.

Dona Flora já preparara o café da manhã.

- Vai sair cedo hoje? - perguntou vendo-me vestindo roupa de educação física.

- É, vou correr.
- Correr? Bom exercício! - comentou servindo-me o café na xícara.
- Ainda mais com a Vânia!
- Ah! - sorriu ela – Tenho certeza de que sim!

Vânia bateu à porta muito antes do que eu imaginava. Estava vestida com um abrigo desportivo e tinha uma faixa segurando o cabelo.

- Bom dia! - sorriu ela quando abri a porta.
- Oi! - sorri.
- Olá, Vânia! - disse uma voz por trás de mim.
- Oi, Júlia! - cumprimentou Vânia.
- Você se lembra do meu nome. Boa memória. Gostei. Só queria lhe dizer que o meu irmão é muito apaixonado por você, há tempos. - dizia ela com a maior naturalidade.
- É mesmo? - sorriu Vânia enquanto eu sentia o rosto ficar mais vermelho que um tomate maduro.
- É. Por isso, veja se anda na linha e não o decepcione, entendeu?
- Claro! - surpreendeu-se Vânia com aquele arremedo de ameaça.
- Júlia! - exclamei desconcertado.

Vânia riu e disse:

- Vamos lá, então?
- Vamos. - respondi fechando a porta e saindo com ela.

Aquela manhã foi muito legal. Caminhamos e corremos um bocado. Eu não imaginava que Vânia tivesse tanto gás. Passamos em frente ao parque municipal, mas não vimos nem ouvimos nada de anormal. O dia progredia muito bem.

Acabamos dando um longo passeio: olhamos vitrines, tomamos refrigerante, comemos churros e, é claro, beijos e abraços. Várias vezes eu me perguntava se estava sonhando quando me percebia caminhando de mãos dadas com aquela garota por quem havia tanto tempo era apaixonado. Era como viver um filme onde nada pode ser mais perfeito e a vida é sempre maravilhosa.

Eu estava encantado. Poder tocar a mão de Vânia, abraçá-la a qualquer hora, fazer-lhe um carinho era mágico. Era algo que durante anos eu imaginava, mas nem sonhava realizar. Na verdade, simplesmente ficar contemplando o seu sorriso e aquela marquinha que se formava em sua bochecha já era espetacular. Eu não cabia em mim, de tanta felicidade.

Acabamos passando na feira do livro novamente, onde olhamos vários títulos e Vânia comprou um romance desses bem melosos.

Porém, uma nuvem cruzou minha mente naquele momento. Apesar da vontade de viver em uma bolha de felicidade para sempre, ainda restava a questão de minha natureza, digamos, sobrenatural. Como seria o dia em que Vânia finalmente soubesse que eu era um homem lobo? E esse pensamento me tirou um pouco do encanto.

Em seguida fomos para a casa dela, onde a deixaria. Eu tinha que ir para casa, almoçar. Depois seguiria para o último treino antes do campeonato, no dia seguinte.

- Você já tem fantasia para amanhã à noite, na festa? - perguntou Vânia.
- Ah! Tinha me esquecido desse detalhe!
- Não tem problema! Depois do treino vamos procurar algo pra você no centro.
- Está bem. Até logo. Mais tarde eu venho para a gente ir junto ao último treino. - disse eu abraçando-a.
- Até mais tarde, esquecidinho. - sorriu.

Eu nunca tinha dado muita importância para esse lance de competir, mas pensar em ter a sua namorada vendo você num torneio muda bastante as perspectivas. Você quer dar o melhor de si e, se possível, ficar em primeiro lugar, é claro.

Quando faltava meia quadra para chegar a casa, vi Mariano, o garoto que entregava marmitas conversando com Júlia. Decidi treinar minha audição. Parei de caminhar e me escondi num orelhão. Fiquei apenas ouvindo o que eles conversavam, sem que pudessem me ver.

- Você gosta de bife à milanesa? - perguntava Mariano.
- Gosto muito! - respondeu animada minha irmã.
- Eu trouxe um extra, para você.
- Você é muito legal, Mariano. Mas não precisa trazer comida a mais para mim. Com a porção normal já é suficiente. Mesmo assim, muito obrigada.

Houve uma pausa. O garoto devia estar pensando no que dizer a seguir para manter o diálogo. Depois de um tempo ele disse:

- Acho que o seu irmão não gosta muito de mim.
- Que bobagem é essa? Ele só tem cara de malvado, mas é um garoto muito legal. Pode ter certeza. Eu acho que ele é meio ciumento. Mas isso é normal entre irmãos.

Um sorriso surgiu em meus lábios.

- Júlia... Eu gosto de você. Quer comer um cachorro quente comigo hoje de tarde? - disse o garoto para minha surpresa.

Tive vontade de sair correndo e chegar logo em casa, para acabar com aquela palhaçada. Mas achei melhor ficar quieto e ver no que dava primeiro.

Nova pausa. Dessa vez era Júlia quem escolhia as palavras.

- Você é legal, Mariano. Mas acho que sou muito nova para namorar. Muito obrigada pelo convite. Eu também gosto de você, mas como amigo. Tudo bem?
- Tudo. - respondeu ele num tom que chegou a me dar pena.

Mais tarde, segundos antes que eu tocasse o interfone, Vânia abriu o portão de casa.

- Você estava de tocaia? - sorri.

- Mas é claro!

Abraçados, fomos caminhando para o Instituto. Faltavam duas quadras para chegar ao ginásio quando senti algo estranho. Novamente um certo desconforto.

Comecei a olhar para os lados, tentando achar a causa daquela espécie de premonição, da forma mais discreta possível, mas Vânia percebeu minha angústia:

- Você está se sentindo bem? Parece preocupado.

Da última vez que senti aquilo, sofri um acidente de carro. Não era nada bom.

- Acho que é a pressão do campeonato. Não se preocupe. Estou bem! – comentei logo antes de chegarmos na escola.

Entramos no ginásio e cada um foi para o seu lugar. Vânia se posicionou na formação que já ensaiava as músicas de torcida enquanto eu ia para o vestiário. Troquei de roupa e fui para o treino.

O clima estava quente e os ânimos acirrados. Era a última oportunidade de conseguir a vaga na equipe titular e todos queriam isso. Era como se fosse um pré-campeonato.

- Muito bem, rapazes! Prestem atenção no que vou dizer! - berrava o professor Juarez, com a bola embaixo do braço – Quero que todos deem o melhor de si hoje, mas não quero ninguém mais lesionado, entenderam?

- Entendemos! - respondemos mais ou menos todos.

- Ótimo. Então vamos separar as equipes de hoje... Pena que o Barbicha não está aqui. - comentou o professor – Hoje não haverá equipe “A” ou “B”. Só a do meu lado direito e do meu lado esquerdo. Então, não há favoritismo nenhum. Todos vão ter sua chance. Guido, você e Daniel serão os atacantes das duas equipes!

- Ei, ei, ei, professor! Uma dessas vagas é minha! - exclamou uma voz.

Todos se deram volta em direção ao vestiário e viram como Barbicha estava totalmente fardado e pronto para jogar, levando apenas um pequeno curativo no rosto.

- Bem vindo! - disse Paulão, sorrindo.

- Valeu! - disse Barbicha apertando as mãos que se amontoavam ao redor para cumprimentá-lo – Tive um ligeiro probleminha de saúde, mas estou pronto para vencer o campeonato deste ano.

- Bem, bem... - ponderou o professor – Vamos ter que rearranjar isso. Os dois atacantes então, serão Barbicha e Daniel.

Guido pareceu ficar mais pálido que uma vela. Mas não protestou. As equipes foram separadas aleatoriamente. Os esquemas táticos eram idênticos e cada um já sabia sua posição.

O jogo começou. Eu não queria machucar Barbicha e quando tínhamos que nos enfrentar, tratava de pegar o mais leve possível. Ele percebeu e disse ao passar por mim, discretamente:

- Não fica com medo de me machucar, Daniel. Joga o que você sabe. Eu não gostaria que o Guido ficasse com a sua vaga.

No momento em que ele falou aquilo, o celular do professor Juarez tocou. Ele se retirou para falar.

Guido ficou na equipe adversária e não perdia nenhuma oportunidade de me enfrentar no corpo a corpo. Mas ele não falava nada quando estávamos jogando. Nem reclamava de sua equipe, como costumeiramente fazia. Eu não estava gostando nada daquilo.

De repente um apito soou e paramos de jogar. O professor Juarez veio caminhando até a beira da quadra e parou. Parecia pálido. Havia algo de errado com ele.

- Daniel, por favor, venha comigo. Vocês aí continuem jogando sem o Daniel. O goleiro da equipe dele fica jogando como goleiro linha. Volto logo.

Havia algo no olhar do professor que me inquietava. Vânia percebera o que aconteceu e olhava com atenção. O professor fez um gesto meio brusco para que o

acompanhasse até o vestiário. Parecia bem desgostoso.

Entramos lá e ele não havia dito nenhuma palavra.

- O que houve, professor? - perguntei preocupado.
- Pode, por favor, abrir sua mochila?
- Claro. - concordei sem entender.

Abri a mochila e ele se aproximou. Meteu a mão dentro dela e começou a remexer minhas roupas. Ele estava tenso, a respiração ofegante.

- Pode me dizer o que é essa porcaria aqui? - perguntou tirando algo branco de dentro da mochila.

Olhei para o que ele tinha na mão e senti um calafrio percorrer meu corpo. Eram cigarros, mas não cigarros comuns, desses de venda ou mercado. Eram baseados!

- Isso não é meu, professor. - disse perplexo.
- Mas estava na sua bolsa!
- Alguém deve ter colocado aí! - insisti tomando consciência das atitudes e ameaças veladas de Guido.
- Não é o que parece! - irritou-se o professor, falando mais alto.
- Mas é a verdade! - retorqui também sentindo uma irritação crescente.

Ele começou a caminhar em volta dos bancos do vestiário, examinando os cigarros:

- Logo você, Daniel! Quando recebi aquela ligação pensei que era um trote. Mas a seriedade do homem me fez pensar que devia verificar se era verdade! Você está vendendo essa porcaria na escola ou só fumando?!

- O senhor está enganado! - disse com firmeza.
- Você sabe o que essa porcaria faz com seu corpo, Daniel? Sabia que ela destrói seus neurônios? O que você tem na cabeça, garoto?! - ele se exaltava cada

vez mais.

Pensei em acusar Guido abertamente, mas eu não tinha como provar nada. Era óbvio que o professor tinha engolido a isca com anzol, linha e tudo.

- Logo você, garoto! - disse ele com um tom mais brando – Estou muito desapontado...

- Não deveria, professor. Sou inocente. - foi o único que me ocorreu dizer naquele momento.

- Olhe, Daniel. Você sabe que nossa escola é muito bem conceituada na comunidade. Uma coisa dessas não é tolerada sob hipótese alguma. Muitos garotos adorariam estar no seu lugar, estudando aqui. Você ganhou uma bolsa integral para poder estudar e não valorizou nada! Você nunca pensa nos seus pais?

Eu sentia vontade de sair dali e esmurrar Guido até ele confessar. Estava começando a considerar essa opção quando minha pele começou a arder. Eu precisava manter o controle ou a coisa ficaria ainda mais feia. O professor continuava com aquela enxurrada de recriminações e eu tratando de manter a calma. Mas ele parou de falar. Pensei que ele iria gastar as solas dos sapatos, de tanto caminhar em círculos pelo vestiário.

- Você sabe que é uma coisa muito grave estar envolvido com essas porcarias, não sabe, Daniel?

- Se estivesse envolvido, saberia.

- Pare de fingir! - exaltou-se ele novamente, para depois respirar fundo – Eu gosto de você. Não é arrogante ou prepotente como muitos de nossos alunos. Mas você pisou feio na bola! Minha obrigação seria comunicar esse fato imediatamente ao diretor Fausto para que ele tome as providências cabíveis. Eu não sei... Preciso pensar um momento...

Permaneci calado. Falar não ia adiantar muito mesmo. Logo ele pareceu se decidir.

- Está bem. Vamos fazer o seguinte.

Dizendo isso, jogou os cigarros num vaso sanitário e deu a descarga.

- Você não merece estar nessa equipe! Precisa aprender a ser responsável e entender que as coisas importantes custam sacrifício e dedicação. Eu vou puni-lo desta forma: está fora do campeonato e eu não conto nada para ninguém. Mas ouça bem, Daniel! Se chegar aos meus ouvidos que você continua consumindo ou traficando esse lixo na escola, vou denunciá-lo pessoalmente para o diretor, entendeu?

- Sim, senhor. - respondi, compreendendo que seria a melhor estratégia para o momento.

- Agora pegue suas coisas e vá embora!

Obedeci e peguei minhas coisas. Sequer troquei de roupa. Ele ficou calado enquanto eu saía do vestiário. Quando abri um pouco a porta, Vânia deu um pulo para trás.

- Você estava aí?

- Estava. - respondeu ela com os olhos úmidos.

- E o que você ouviu?

- Tudo.

Saímos do ginásio em silêncio absoluto. Ainda pude ver de canto de olho um sorrisinho odioso na boca de Guido, que fingia não ver nada.

Quando saímos lá fora, Vânia disse:

- Drogas são uma coisa muito séria, Daniel.

- Você não acredita em mim? Aquela porcaria não era minha! - disse irritado.

- Eu tinha um primo que sempre negou, mas estava envolvido até o pescoço com drogas. - disse ela com um tremor na voz.

- Eu entendo... Você acha que sou como seu primo viciado! Você não acredita em mim. - disse virando-lhe as costas. A sensação de injustiça era sufocante. Que espécie de namorada era aquela que não me apoiava quando eu mais precisava?!

Comecei a caminhar, mas ela não me acompanhou. Mesmo assim, não olhei para trás, não queria dar o braço a torcer. Em minhas fantasias, coisas como incompreensão jamais tiveram espaço num relacionamento.

E era pior ainda no nosso caso. Pois como ela confiaria e se sentiria segura comigo se soubesse que era um lobisomem, se não acreditava sequer que eu não era um viciado?

Eu não sabia para onde ir. Estava desnorteado. Caminhei sem rumo por um tempo, até que decidi ligar para Sérgio.

- Alô, mano?
- Preciso conversar com você, agora.
- Onde você está?
- No centro.
- Vem para o clube, que já estou saindo para casa. Vamos de carro.
- Tudo bem.

Dez minutos depois eu encontrava Sérgio. Entramos no carro e lhe contei todo o acontecido no ginásio.

- Caraca! - murmurou ele – Dessa vez o idiota do Guido pegou pesado demais...
- Ele conseguiu me arruinar num só lance. - disse eu com raiva.
- A gente precisa pensar, mano. Isso não pode ficar assim...
- Não sei o que fazer, Sérgio!
- Fica frio que vou pensar em algo. Enquanto, isso, vamos dar uma volta e relaxar um pouco. Não deve estar sendo nada fácil pra você passar por isso. E os seus velhos, já sabem?
- Ninguém sabe, ainda.

Rodamos pelo centro da cidade e depois fomos para os arredores. Sérgio tomou uma estrada rural e rodou até chegarmos num lugar onde havia uma árvore enorme.

- Gosto de vir aqui para pensar um pouco. - disse ele.

A sombra da árvore serviu perfeitamente para o carro. Então lembrei do incidente do medalhão, na casa da professora Gabriela.

- Por que você contou para a professora do meu amuleto, Sérgio?

- Contar do quê? - perguntou ele sem entender.

- Do amuleto. Ela sabia que eu tinha um amuleto e disse que você contou isso para ela.

- Cara, eu tenho que te contar... Depois que entrei na cozinha para ajudar a professora com os refrescos, não me lembro de praticamente nada. É como se eu tivesse ficado “fora do ar”. Não entendo o que houve.

- Estranho... - ponderei.

- Demais... Eu nunca iria comentar de um lance tão íntimo seu assim. Mesmo com a deusa dos meus sonhos.

- Tudo, bem, Sérgio. Eu também não lhe pedi segredo algum sobre isso. Não se preocupe.

- Desculpe, mano.

- Tudo bem. Não fique se culpando. Você devia se preocupar sim com essa falta de memória.

- Acho que vou consultar com um médico para ver... - disse Sérgio, colocando uma música para tocar.

Havia uma brisa agradável e ficamos calados por um bom tempo, olhando o campo e a estrada deserta.

- Acho que tenho uma ideia. – disse Sérgio - Guido acha você um otário. Vamos finalmente usar isso a nosso favor! Preste atenção... - dispôs-se ele a me explicar seu plano.

Meia hora depois, estávamos voltando para a casa dele, quando perguntou:

- Você lembra da festa de Halloween? Está todo mundo dizendo que vai ir.
- Lembro sim... Mas agora, depois do que aconteceu entre mim e Vânia, acho que não vou mais.
- Quer saber de uma coisa, mano? Mesmo se você não conseguir provar sua inocência, deveria ir a essa festa. É um lance de amor próprio, autoestima, sacou?
- Saquei. É, pode ser...
- Além do mais, a Gabi disse que não podia me acompanhar, pois tinha planos para a noite de amanhã.
- Gabi?
- É Gabriela, a professora!
- Eu tinha me esquecido que vocês estavam tão íntimos. –comentei.
- Íntimos, íntimos mesmo, ainda não. Mas é questão de tempo. E então, vai comigo ou não vai?
- Pensei que era uma questão de autoestima e não de fazer companhia. - comentei achando graça.
- Ajudar ao próximo é excelente para a autoestima. - afirmou ele sério.

Pela primeira vez depois do ocorrido consegui sorrir.

- Ainda não tenho fantasia para ir... Iríamos sair para procurar algo depois do treino, mas no fim... - comentei.
- Eu lhe empresto uma que tenho guardada, pode ser?
- Claro! - agradei.
- Beleza. Então, vamos lá em casa, você leva o que vai precisar para amanhã e a fantasia, falou?
- Falou. - concordei satisfeito por ter um amigo como aquele.

Quando chegamos na casa de Sérgio, ele me deixou esperando na sala. Depois, veio do quarto com uma fantasia embrulhada numa sacola.

- Não abra a fantasia até a hora da festa! – sorriu.
- Não é uma fantasia de Carmem Miranda, é? - perguntei desconfiado.
- Você vai gostar, não se preocupe!

Sérgio me deixou em casa e se despediu com uma buzinada. Acho que ele queria levantar o meu astral de alguma maneira. Entrei em casa sem fazer alarde. Júlia e Martinha estavam no quarto, conversando, brincando, ou sei lá o quê. Quando eu ia passando pelo seu quarto, ela abriu a porta.

- Olá! E então, como está sua namorada?
- Não sei. Ela deve estar em casa. - respondi sem parar de caminhar.
- Tudo bem com você?
- Claro! Tudo bem. Olá, Martinha.
- Oi. - respondeu a menina arrumando os óculos.
- Vou tomar um banho agora.
- A que horas é o campeonato amanhã? - perguntou Júlia.
- Começa às nove da manhã.
- Ótimo! Vamos estar lá para assisti-lo. - sorriu ela.
- Que bom! Então... Com licença... - escapei de uma vez.
- Ele está estranho. - ouvi Martinha murmurar.
- É, eu sei. Espero que não tenha nada a ver com aquela bruxa da Vânia. Fui eu quem o convenceu a namorá-la... - comentou Júlia.

Jantei com dona Flora e as garotas, sem muita conversa. Fui cedo para o quarto, onde me tranquei. Pensei em ligar para o tio Ênio e contar tudo, mas ainda

era cedo e ele deveria estar com Heloísa, na exposição ou quem sabe tomando um chá em casa.

O pior de tudo é que meus poderes não me serviam de nada para uma situação daquelas. Não dava para me transformar e aterrorizar o Guido até ele confessar a safadeza que havia cometido. Vontade não me faltava. Para me distrair um pouco, peguei o diário de Maria, deitei na cama e recomecei a leitura.

CAPÍTULO 17

Diário de Maria

Naquela noite de Lua cheia em que me transformei, tio Júlio e tia Jurema se sentaram comigo e com mamãe e me revelaram muitas coisas que minha mãe não havia dito. Fiquei meio tonta na hora, mas não esquecerei aquele momento nunca.

A primeira coisa que me contaram é que minha mãe e agora eu, pertencíamos a um antigo clã de lobisomens, chamado de Lua de Prata.

A segunda é que não éramos os únicos seres especiais sobre a face da Terra. A terceira foi que aquele talismã tinha sido forjado havia séculos por um casal renegado pelas próprias famílias: um lobisomem que era um grande sábio e mago, chamado Darius e uma bruxa, chamada Gheldar. Eles tiveram um filho que padecia de loucura. O garoto possuía muitos dons, mas jamais conseguira se controlar, algo parecido ao meu caso só que ainda mais grave.

Eles estavam cansados de ver o filho sofrer e trabalharam com magia ritualística por treze anos a fim de criar um talismã capaz de proporcionar a sanidade que seu filho tanto precisava.

Foi uma tarefa árdua e complicada, pois muitos temiam que um talismã que reunisse atributos tanto dos lobisomens quanto dos bruxos pudesse ser usado como uma arma perigosa para ambos os lados. Apesar das ameaças e perigos, eles não desistiram do filho.

Infelizmente, o garoto nunca chegou a usar o amuleto. Ele fugiu do castelo onde viviam e desapareceu para nunca mais ser visto. Isso aconteceu no exato momento em que seus pais finalizavam o último ritual, completando o poder do talismã.

- Sinistro... - murmurei dando volta na página.

Cada uma das raças chamava o amuleto de forma diferente. Para os lupinos, era o amuleto de Darius. Para os bruxos, amuleto de Gheldar. De qualquer modo, uma disputa se armou e as duas raças exigiam a posse do objeto para a própria proteção.

O casal recebeu um ultimato: ou entregavam o talismã, ou seriam destruídos. Dois exércitos se reuniram ao redor do castelo. Assim que os castelões^[10] se negaram a entregar o amuleto feito para o filho, o sítio^[11] começou. Foram meses. Ao final, sem comida nem água, as defesas do castelo cederam. Tanto Darius quanto Gheldar foram mortos. O amuleto nunca foi encontrado.

Tia Jurema me contou, ainda, que o amuleto foi entregue secretamente a um ancião cego, dono de grande sabedoria. Durante anos, ele se encarregou de que nenhuma das duas raças tivesse acesso ao objeto. Até encontrar Leonir, um grande líder do clã Lua de Prata, que se mostrou digno de manter a salvo o amuleto. Depois o talismã foi passando em segredo, de geração em geração, estando esquecido até o dia em que tio Júlio me confiou a tarefa de guardá-lo. Desde então, já me transformei várias vezes, mas nunca mais a fera que existe dentro de mim me dominou.

Deixei o diário de lado e comecei a olhar para a janela, vendo o crepúsculo se aproximando. Pensei, chateado, em como Vânia havia duvidado de mim e como Guido merecia um bom castigo pelo que fizera. Eu não tinha dúvidas de que o responsável era ele.

Quando a noite chegou, liguei para tio Ênio.

- Alô, tio Ênio, tudo bem?
- Alô, Daniel!

Uma risada se ouviu por trás da voz dele.

- Sim. Heloísa acaba de derramar chá na blusa! Acho que ela está se especializando nisso! - riu tio Ênio.

- Pode deixar que eu me limpo! Posso passar à cozinha? - ouvi Heloísa rindo.

- No balcão, Heloísa! - respondeu ele.
- E como foi a exposição de quadros? - perguntei avaliando se seria um bom momento para falar do que me acontecera.
- Foi ótima! Havia uns trabalhos muito bonitos. Mas a melhor parte é que ficamos sabendo que amanhã à tarde, no mesmo lugar, haverá uma exposição de arranjos florais de uma artista mexicana.
- Que legal, tio. Bem, conversamos quando o senhor tiver tempo.
- Você está bem?
- Estou, estou. Então falamos depois. Boa noite!
- Boa noite. - disse ele para logo desligar o celular.

Era melhor eu conversar com ele sobre aquela confusão depois de tentar provar minha inocência. Na verdade, pensando bem, o plano de Sérgio era meio maluco, mas podia dar certo. Como dizem, a esperança é a última que morre, não é mesmo?

Depois de fechar a janela, deitei na cama. Acendi o abajur e peguei o amuleto. Enquanto deixava minha mente dar voltas e voltas, acariciava com os dedos as linhas gravadas no talismã de Darius ou de Gheldar. Depois de uns vinte minutos minha atenção se viu atraída para o amuleto. Tive a impressão de que as linhas que eu observava e tocava não eram mais as mesmas.

Havia algo de estranho acontecendo ali. Comecei a fixar a vista no amuleto e percebi que as linhas ganhavam lentamente cores mais vivas. Tonalidades diferentes coloriam os símbolos gravados. Num princípio, essas cores estavam restritas ao fundo dos sulcos entalhados no metal. Mas depois, era como se as linhas ganhassem volume.

Intrigado, continuei observando aquele fenômeno. Quase sem perceber, minha mente foi se esvaziando de pensamentos. Subitamente, uma das linhas adquiriu mais relevo que as outras, delineando um símbolo antes oculto. Fixei a vista e pouco a pouco, tive a nítida impressão de que o símbolo, que parecia uma ave, ia aumentando.

Era inquietante, mas continuei com a experiência. A cor do símbolo era prateada. Minha concentração estava completamente focada naquela espécie de

exercício. Comecei a sentir um adormecimento tomar conta de meu corpo.

Meus braços relaxaram e se deixaram cair lentamente ao longo do corpo. Fechei os olhos, mas para meu assombro, o símbolo que havia observado não desapareceu de meu campo de visão. A ave abria lentamente as asas. Eu estava fascinado. Sentindo aquele formigamento aumentando em todo meu corpo, ouvi uma espécie de zumbido suave, agradável.

A ave começara a ganhar novas cores. Agora possuía tons de azul, e dourado. Era muito bonita. Depois de um tempo que eu não sei dizer quanto, ela abriu as asas totalmente. Estavam cheias de pontos coloridos. Apesar de não entender o que estava acontecendo, tinha a impressão de já haver visto tudo aquilo.

De repente, ouvi Júlia tropeçar no corredor. Um copo caiu e se quebrou no chão. Instintivamente levantei para ver se ela estava bem. Mas não consegui sair da cama. Senti o corpo paralisado. Estranhamente, não entrei em pânico. Ouvi a voz de Martinha:

- Você se machucou?
- Não. Estou bem. - respondeu Júlia.
- O que aconteceu?
- Tropecei nesse tapete besta! - sussurrou Júlia.
- Deixe os cacos do copo comigo. Vá buscar o pano, um balde e uma vassoura. - disse Martinha.
- Está bem.

Ouvi como elas limpavam o tapete e em seguida foram para o quarto. Subitamente senti meu corpo solto e leve. A paralisia desaparecera. Fui até a porta do quarto, mas como as garotas tinham ido embora, achei melhor me deitar novamente.

Quando me virei para isso, senti um calafrio. Havia alguém deitado na minha cama! Mal consegui entender o que estava acontecendo, quando reconheci o meu próprio rosto naquele garoto ali, dormindo.

Fiquei assustado e o que se seguiu foi ainda mais estranho. Em um segundo, senti uma força invisível e avassaladora me puxando na direção de meu corpo. Voei pelos ares e caí sobre mim mesmo sem ter tempo nem de pensar.

No segundo seguinte abri os olhos. Estava deitado. Aquele havia sido o sonho mais estranho que eu tinha tido em toda a minha vida. O mais perturbador é que parecera mais real que qualquer outro.

Decidi tomar um copo de água antes de tornar a dormir. Quando saí do quarto, senti com os pés descalços que o tapete estava úmido. Pisei em algo. Era um pequeno caco de vidro! Agora sim eu estava confuso.

Pelo resto da noite não consegui mais dormir. Intrigado com aquele fenômeno, pensando um pouco em Vânia, em tio Ênio e sua animada amizade com Heloísa, meus pais caçando bruxos, Júlia e seus pretendentes, Guido aprontando das suas e Sérgio me apoiando.

Quando os primeiros raios de sol surgiram, levantei e fui tomar um café. Todos ainda dormiam. Mal pude saborear as bolachinhas com patê e o café com uma pitada de canela. Tinha a mente focada no plano de Sérgio. Seria tudo ou nada. Mas valia a pena tentar.

Voltei para o quarto e preparei todo o material de que necessitaria. Depois fui para a sala, olhar televisão. Ainda precisaria esperar umas duas horas.

Uma notícia chamou minha atenção. Numa cidade do interior de São Paulo, um incêndio destruiu uma quadra inteira. Os vizinhos relataram ruídos estranhos, como uivos e rugidos. Alguns dos moradores haviam abandonado o local.

- Será possível que... - murmurei cheio de suspeitas.
- Sem sono, Daniel? - perguntou Júlia bocejando.
- Na verdade, sim.
- Não fique nervoso. É só um jogo de futebol. - disse ela passando para a cozinha.

As suas palavras seguintes eu perdi. Estava prestando atenção na notícia. Queria ter mais detalhes. Mas não durou muito. Apenas imagens do local. Em

seguida veio a previsão do tempo, indicando possibilidade de temporais para aquele domingo, dia das bruxas.

Mais tarde eu ligaria para saber como meus pais estavam. Torcia para que eles não tivessem nada a ver com aquele incêndio.

Algun tempo depois meu celular tocou. Era Sérgio.

- Tá na hora, mano. Venha logo!
- Em dez minutos chego aí. - disse eu desligando o celular.

Despedi-me das meninas alegando que precisava chegar mais cedo ao ginásio municipal, onde o torneio interescolar ocorreria. Elas concordaram e ficaram de me encontrar lá, na hora do início dos jogos.

Vestindo um capuz sobre a cabeça, cheguei ao ginásio. Passei despercebido pelos garotos da minha escola e me posicionei perto do vestiário masculino, conforme orientações de Sérgio. Ele apareceu e fez uma cara de alívio quando me viu.

- Cara! O negócio tá pegando já faz um tempo. O babaca caiu direitinho! Entra aí e não erra!
- Está tudo pronto? - perguntei assombrado com a eficiência de Sérgio.
- Tá sim! Vai logo!

Entrei no vestiário. Pude ouvir alguém gemendo num dos sanitários. Fechei a porta com um pouco de força. Os gemidos diminuíram.

Aproximei-me do box com a porta fechada, onde Guido lutava com seu intestino, como todos os mortais.

- Você merecia castigo pior. - disse eu.
- Quem está aí?
- O quê? Apronta para mim e não me reconhece?

- Daniel? Vá embora, manezão! O professor disse que você está fora da equipe!

- Eu vou, sim, mas primeiro quero ouvir da sua boca porque você plantou aqueles baseados na minha mochila! – exclamei irritado.

Ele ficou em silêncio um momento, logo deu a descarga no sanitário e abriu a porta do box, abotoando as calças.

- Eu não sei do que você está falando!

- Por que você me sacaneou, Guido? Por causa de uma vaga no time principal? Qual é o seu problema?

- Você é o meu problema! - disse ele dando-me um empurrão que me fez retroceder alguns passos.

- Por que você fez aquilo comigo, Guido? Por que plantou aqueles malditos cigarros na minha mochila?! - quase berrei.

- Cala a boca, Mané! Você é doente! Tenho um campeonato para disputar! - berrou ele tentando ir embora.

- Idiota. - murmurei.

- Idiota?! Você tá querendo apanhar?! – irritou-se ele, dando-me um empurrão que me derrubou no chão.

Com o impacto, o gravador digital que trazia escondido numa das mãos caiu no chão.

- Mas o que é isso? - disse Guido abaixando-se e pegando o gravador.

Ele viu que o aparelho estava ligado e olhou para mim. Vi sua expressão de raiva se transformando num sorriso malicioso.

- Ah! Entendi! - riu ele - Você não é tão esperto quanto pensa, Mané! Que plano idiota era esse? Gravar minha confissão como nos filmes? Que espécie de otário é você?

- Você é um covarde, Guido. Por que me odeia tanto? Por que colocou aquela maconha na minha mochila? - disse eu levantando-me.

Ele jogou o gravador dentro de um sanitário e deu a descarga.

- Você quer mesmo saber? - sorriu - Porque você é um metido. Gente como você não deveria estudar na mesma escola que gente como eu. Tem uma grande diferença entre nós, Mané. Você não deveria ter me provocado daquele jeito. Você acha que é melhor do que eu? Você acha que algum dia será alguém mais importante do que eu?

- O que você fez poderia ter me custado minha bolsa! Covarde! - gritei dando-lhe um empurrão.

- Mas a ideia era essa mesmo, idiota! - berrou ele dando-me um soco no rosto.

Caí novamente no chão, tratando de não me transformar, pois a vontade era imensa.

- Você é mesmo um idiota! Quis roubar meu lugar no time! Você é patético! Patético como aquele professorzinho estúpido! Nem era maconha, Mané! Fui eu mesmo que fiz! Era só umas ervas! - riu Guido – mas ele caiu direitinho! Agora me deixe ir embora, ou vou chutá-lo como a um saco de pancadas.

- Foi o suficiente? - perguntei.

- O quê? - perguntou Guido.

- Foi. - disse o Professor Juarez entrando pela porta do vestiário seguido por Sérgio e Vânia.

- Ah! Professor! Olhe quem veio nos visitar hoje... - dizia Guido desnortado.

- Cale a boca, fedelho irresponsável! - berrou o professor Juarez.

Guido ficou sem reação. Olhou para mim e para o professor sem entender o que acontecia.

- Eu ouvi tudo o que você falou, Guido. – disse o professor - E posso lhe dizer que agora sim, você está encrencado.

Com imenso prazer, tirei o microfone que estava colado com esparadrapo em meu peito. Como um ato reflexo, Sérgio mostrou o rádio que estava sintonizado na frequência do microfone.

- Esses baratinhos são maneiríssimos! - sorriu Sérgio.

- Professor, eu... - balbuciou Guido sem saber ao certo o que dizer.

- Por favor, garoto, cale a boca! Não piore ainda mais as coisas para você! - disse o professor com um jeito que até eu me senti intimidado.

E virando-se para mim, disse:

- Por favor, perdoe-me, Daniel. Eu fui injusto com você.

Guido ameaçou sair do lugar.

- Nem pense em se mover daí, moleque! - ameaçou o professor.

- O primeiro jogo já foi anunciado. É a equipe da nossa escola! – disse Sérgio.

- Guido, tire agora o fardamento. Daniel vai entrar em seu lugar.

- Mas professor... - protestou ele.

Entretanto, ante um olhar fulminante, fechou a boca e obedeceu. Vânia saiu do vestiário.

- Vou acompanhar a sua irmã na arquibancada. Bom jogo! - disse Sérgio piscando-me um olho.

Depois de vestir o uniforme de um humilhado Guido, saí do vestiário. Vânia estava esperando do lado de fora.

- Você já tem um par para a festa desta noite? - perguntou ela timidamente.

- Você não me deu nem o benefício da dúvida, Vânia. Eu esperava outra coisa de você.

Percebi como seus olhos se encheram de lágrimas.

- Depressa, rapaz! Não vai querer perder o jogo, vai? - quase nos atropelou o professor Juarez.

Deixei Vânia para trás, sem dizer mais nada.

O ginásio estava cheio. Todas as escolas da cidade estavam ali. A primeira partida foi bastante tensa, até Barbicha colocar na rede a primeira bola. Não demorou para que todos nós entrássemos no clima e fôssemos cada vez mais para cima de nossos oponentes.

O time adversário até tentou nos segurar, mas nossos gols foram se multiplicando. As garotas de nossa torcida não paravam de berrar: É campeão! É campeão! Mas eu ainda estava muito chateado pelo episódio com Vânia e evitava olhar para a torcida.

Barbicha, Joaquim e eu fizemos uma partida muito afinada. Houve um lance onde Barbicha me passou uma bola aérea e acabei fazendo um belo gol.

A primeira partida terminou em quatro a um para nós. Avistei Júlia na arquibancada. Estava em pé, agitando os braços. Sérgio fazia caretas muito engraçadas, gritava e pulava ao lado dela como uma criança. Martinha se mantinha sentada, olhando para eles, bastante embaraçada pela atitude de Sérgio.

O campeonato continuou sem pausas. A seguir, passamos para a próxima partida. A equipe adversária não era lá essas coisas e mal tomamos conhecimento deles. Foi uma festa só: goleada de seis a zero!

Parecia que a coisa ia ser fácil. Havíamos chegado ao final da manhã. Alguns de nós já estávamos cansados, mas todos entusiasmados com nossa posição na tabela. Restava apenas uma partida: a final do campeonato.

A equipe adversária era a atual campeã, o time da Escola Padre Freire. De longe, a equipe com mais força física da disputa.

O capitão da equipe adversária era um cara conhecido como Marreta. Devo dizer que ele realmente merecia o apelido.

O jogo foi truncado. Nossos oponentes eram mais que truculentos. A marcação era cerrada e o juiz parecia intimidado em dar cartões. A partida terminou

empatada em um a um. Fomos para os pênaltis.

Foi um sofrimento! Pênaltis convertidos em gols e defendidos, pelas minhas contas já eram cinco gols para nós e quatro para eles. Se errassem agora, venceríamos o campeonato! Mas se acertassem, recomeçaríamos tudo de novo!

Marreta se dirigiu para a marca do pênalti. Ele me encarou por um momento. Depois olhou para Rogério e fez uma cara de desdém, balançando a cabeça.

- Idiota! - ouvi Júlia desde as arquibancadas.

O juiz apitou. Marreta inflou o peito e apertou o maxilar. O chute ia ser uma bomba. Rogério tinha os olhos fixos na bola. O grandalhão chutou com toda força. Rogério saltou no canto certo, mas a bola estava ligeiramente fora de seu alcance. Mesmo assim, conseguiu esbarrar nela, que se desviou do gol e bateu na trave!

A gritaria e a festa foram gerais. Havíamos vencido o torneio! As garotas da torcida estavam eufóricas e berravam os gritos de vitória previamente ensaiados. Naquele tumulto nem vi se Vânia estava entre elas ou não. Em minutos se armou uma espécie de pódio, onde recebemos, as três equipes finalistas, medalhas de ouro, prata e bronze. Mas eu não aproveitei aquele momento, pois estava muito chateado com Vânia. Aquela história não me saía da cabeça.

Sérgio levou a mim e Júlia para casa. Martinha havia ligado para o pai buscá-la no ginásio. Liguei para meus pais para contar as novidades, mas ambos os telefones estavam fora de serviço de novo.

Após tomar meu banho, almocei com Júlia. Conversamos sem parar sobre os acontecimentos do campeonato, Até que ela perguntou:

- Por que Vânia não foi parabenizá-lo quando acabou o torneio?
- É que nós... nós... - eu procurava a palavra exata.
- Vocês já brigaram?! Mas nem começaram a namorar ainda!
- Pois é. Mas tudo bem. Acho que não era para ser mesmo. - servi meu prato com mais um pouco daquela massa com molho.
- O quê aconteceu?

- Se você não se importar, em outra hora falamos disso. Está bem?

Ela fez uma careta e concordou comigo murmurando:

- Está bem, garoto sensível...

Depois do almoço fui para meu quarto, descansar um pouco. Começava a me arrepender pela forma como tratara Vânia. Talvez eu tivesse sido muito duro com ela. Agora estava feito. Depois de um bom tempo pensando, vendo as primeiras horas da tarde passarem, decidi ligar para seu celular. Ela não atendeu nenhuma das cinco vezes.

- Talvez seja melhor assim. - pensei um pouco irritado e frustrado.

Meu celular tocou.

- E aí, campeão? - disse Sérgio - Então, o que vamos fazer para comemorar a vitória de hoje?

- Ah, eu não sei... - murmurei.

- Não quer dar umas voltas pela cidade? Vou encontrar o Barbicha e os carinhas.

- Não, não... Estou um pouco cansado...

- Eu vi que não “acertou os ponteiros” com Vânia. Eu até armei para que ela soubesse de tudo, mas não quis comentar nada na frente da sua irmã.

- O grande problema foi que Vânia não acreditou em mim. - expliquei.

- Eu sei. Não é fácil não, mano. Mas você não vai dar para trás agora, né? Talvez você até encontre a Vânia e vocês levem um papo de reconciliação no baile. Pense nisso!

- Não esquente, vou à festa.

- É assim que se fala! Por minha parte, vou até a casa da Gabi para ver se ela não gostaria mesmo de ir à festa comigo.

- Pensei que ela tivesse outros planos, como você me comentou.

- Tenho certeza de que quando ela vir a minha pinta, não vai resistir. Vai mudar de ideia.

- Boa sorte, Sérgio!

- Valeu! Até a noite. Quer que vá buscá-lo?

- Não, não precisa. A gente se vê na festa. Até mais.

- Falou.

CAPÍTULO 18

A tarde passou devagar. Eu não tinha vontade de fazer absolutamente nada. Estava bastante desanimado e cada vez mais convencido de que não tinha feito a coisa certa com Vânia. Eu não quis nem conversar, dar uma chance para nos entendermos.

Fiquei deitado na cama, pensando em todas as coisas que tinham acontecido em tão pouco tempo: descobrir que não era uma pessoa comum, que meus pais caçavam necromantes, que tio Ênio foi casado com uma mulher-lobo... E ainda tinha o lance do namoro com Vânia, aquela garota por quem eu era apaixonado e que agora eu mesmo havia afastado.

Toquei o amuleto e a lembrança da experiência da noite anterior me veio à memória. Tinha sido um lance estranho aquele de me ver dormindo ali, na cama, estando eu de pé, do outro lado do quarto. O incidente com o copo foi real, mas será que eu realmente havia saído de meu próprio corpo?

Nessas reflexões passei a tarde. Coloquei um CD com o melhor do Legião Urbana para tocar. Era um dos CDs que o Sérgio me havia dado de presente de aniversário, além de um internacional, um do Paralamas e outro do Engenheiros do Havaí.

Sérgio era fã de carteirinha do Legião Urbana. E penso que ele tinha mesmo razão. A música era muito boa e as letras sempre tinham alguma coisa mais profunda para dizer.

Quando chegou a hora de ir para a festa, abri o embrulho que Sérgio me havia dado com a fantasia. Era uma capa e uma máscara de lobisomem! Por isso ele tinha feito tanto mistério!

- Se você não existisse, deveria ser inventado, Sérgio. - falei sozinho.

Vesti uma camiseta estampada e uma calça de moletom, com os tênis de jogar bola. A máscara e a capa eu colocaria quando chegasse à festa.

A tarde chegava ao fim pouco a pouco. Saí de casa e fui caminhando em direção à escola. Passei por uma pracinha que sempre estava cheia de crianças. Elas brincavam de gangorra e balanço, riam e corriam para lá e para cá.

- Tudo é tão simples quando a gente é criança. – pensei em voz alta.

Quando faltava meia quadra para chegar à escola, coloquei a capa preta e a máscara de lobisomem. Na verdade era uma máscara bem feinha. Não tinha nada a ver comigo transformado. Aquele lobisomem de látex mais parecia um cachorro com dentes grandes. Sorri e pensei que com certeza, não tinha nada a ver mesmo!

Parecia que toda a escola havia ido à festa de Halloween. Perto do ginásio do Instituto, havia um grande número de pessoas, conversando e se divertindo, ignorando o vento e a garoa fina que começavam a cair. O resto, pelo que eu podia ouvir, estava lá dentro.

Não tinha sido bem aquilo que eu tinha pensado: ir para uma festa sozinho. De qualquer modo, eu não ficaria em casa, curtindo dor de cotovelo. Aliás, definitivamente, não iria querer fazer isso comigo mesmo.

Enquanto caminhava entre o pessoal, procurava afastar os pensamentos que tivessem relação com Vânia. Não aguentava pensar que depois de todos aqueles anos eu finalmente tinha tido a oportunidade de namorá-la e para o cúmulo das ironias eu mesmo tinha estragado tudo!

Era duro. Procurei respirar fundo e olhei ao redor. Eu tinha razão: o ginásio da escola estava lotado. Com minha fantasia incrivelmente realista eu, pelo menos, passava despercebido, até porque a maioria do pessoal caprichou nas fantasias. Havia múmias, bruxas, esqueletos, espantalhos e vampiros, entre outros.

Procurei em vão por Sérgio na multidão. Vânia não aparecera por sorte ou azar, eu não sabia bem. Havia uma banda que tocava músicas meio esquisitas, todos de preto e com cara de quem comeu e não gostou. Mas o pessoal parecia bem animado.

Logo fiquei sabendo que haveria até concurso para fantasia mais original com direito a premiação! Pensei que eu bem poderia me transformar para substituir aquela máscara e faturar o prêmio.

De repente, o celular tocou. Atendi mas não consegui ouvir nada ali. A voz do outro lado era praticamente um sussurro. Tive de sair para o lado de fora para poder escutar melhor. O vento se intensificara. Uma tormenta se aproximava. Adequado para uma noite de Halloween. Apertei o celular contra o ouvido. Uma voz de mulher disse:

- Preciso de sua ajuda, Daniel! Aconteceu uma coisa horrível e eu preciso muito da sua ajuda!

- É a professora Gabriela? - indaguei sem entender como ela tinha o meu número.

- Sou eu, Daniel! Por favor, venha ao meu apartamento agora! Preciso muito de você! Só você pode me ajudar! - dizia ela angustiada.

- O que aconteceu?! - perguntei desorientado.

- Venha rápido, o Sérgio...

A ligação caiu. Tentei em vão ligar de volta. Olhei para os lados, sem saber o que fazer. As pessoas conversavam e riam. Algumas dançavam no ritmo do som que vinha de dentro do ginásio.

Comecei a caminhar na direção da saída da escola, a cabeça girando. O que teria acontecido com o Sérgio? Ela parecia tão angustiada! Saindo da escola, fui em direção a um ponto de táxi próximo. Enquanto caminhava, liguei para Sérgio. Mas ele não atendia.

- Que droga! - murmurei entrando num táxi preto.

Dei o endereço aproximado ao motorista e saímos. Assim que o carro começou a rodar, um vento forte o sacudiu um pouco. Gotas grossas de chuva começaram a cair.

Após alguns minutos chegamos ao prédio. Quando desci do táxi e olhei para o edifício, pareceu-me mais lúgubre^[12] do que quando o vi pela primeira vez. Uma sensação de desconforto me invadiu. O que teria acontecido com Sérgio?

Subi as escadarias com rapidez até chegar à porta do apartamento dela. Constatei que estava entreaberta. O interior do apartamento estava imerso numa penumbra.

- Professora?
- Você veio, que doce! – murmurou – Entre!

Empurrei um pouco a porta e fui entrando devagar. Um abajur emitia uma luz avermelhada escura. Era tudo o que iluminava a sala. Os sofás pareciam vultos estranhos e eu pude jurar que vi algum movimento entre as sombras. Apertei os olhos, que se adaptaram rapidamente à penumbra. Logo vi a professora. Estava sentada num dos sofás. Tinha uma taça cheia na mão.

- Vinho? - perguntou ela estendendo a taça para mim.

Nada daquilo fazia sentido.

- Onde está o Sérgio? - indaguei confuso.

- Desculpe pelo susto! Era só uma brincadeira de Halloween! Fiz com outros colegas seus também. Mas essa droga de telefone estragou no meio da ligação. Eu sinto muito, Daniel! - disse ela constrangida.

- Tudo bem, professora. - procurei não transparecer a irritação que senti – Já vou indo então, já que não é nada de mais...

- Ah, que pena, Daniel... Antes de você ir embora, gostaria de perguntar: Você gosta de música?

- Gosto.
- Esta você não conhece, tenho certeza. Ouça com atenção.

Ela começou a cantar uma melodia doce, num idioma completamente estranho para mim. Seus olhos pareceram mudar de cor. Estavam mais intensos e esverdeados. A boca se movia graciosamente, como se aquela música fosse um verdadeiro ritual. Depois de terminar de cantar ela perguntou algo naquela língua estranha.

- O que disse? - perguntei.

Ela sorriu:

- Brincadeirinha. Daniel, Halloween!

Ela sorveu num gole só todo o conteúdo da taça e disse:

- Você sabe que é um garoto muito especial, não é?

Eu não estava gostando do rumo daquela conversa.

- Como assim, especial?

- Ah! Eu também não sou como as outras pessoas com quem você convive, querido! - disse ela levantando da poltrona.

- Não entendo...

- Vai entender tudo agora! – disse ela com um sorriso estranho.

A professora abriu a porta de uma sala contígua e ordenou:

- Venha, Sérgio. Traga nossa convidada.

Achei graça quando vi Sérgio segurando alguém cuja cabeça estava envolta num saco de estopa. Aquilo sim era uma brincadeira de Halloween! Ele trazia uma adaga cuja lâmina encostava no pescoço de seu refém que, estranhamente tinha o pulso acelerado.

- Sérgio! Essa foi boa! - exclamei – Vocês me pegaram direitinho! Por um momento eu pensei que...

Mas um perfume familiar entrou por minhas narinas.

- Entregue o medalhão! - ordenou-me Gabriela, assumindo um tom autoritário. - Não estamos brincando! Faça isso ou ela sofrerá as consequências!

A refém era Vânia!

- O que... - balbuciei sentindo a pele eriçando.

- Vânia! - berrei enquanto Gabriela arrancava o saco de estopa da cabeça dela.

- Não é uma brincadeira, Daniel. - disse friamente Gabriela.

Vânia estava amordaçada. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Eu podia ouvir seus batimentos acelerados. Ela estava aterrorizada.

Meu coração quase parou quando percebi o olhar vago de Sérgio. Ele estava fora de si.

Encarei a professora e berrei;

- Se você fizer algum mal a ela eu vou... Sérgio! Solte a Vânia! Acorde!
- Não adianta, meu bem! Ele só obedece a mim. - disse Gabriela.
- Mas o que está acontecendo aqui? - perguntei confuso.
- Como você é lentinho, vou explicar: você me entrega o medalhão e tudo vai ficar bem. Vânia é minha prisioneira e se você não me obedecer, mando cortar a garganta dela. Nada mais me interessa a não ser o medalhão de Gheldar.
- Como sabe sobre isso? - perguntei sentindo o coração disparar.

Ela soltou uma gargalhada divertida:

- Você está falando sério? Que garoto mais sem imaginação! Fazia muito tempo que eu não conhecia alguém como você! O amuleto de Gheldar ainda é motivo de conversas entre conhecedores do mundo sutil em toda parte! Qualquer idiota sabe sobre o pacto entre a bruxa e o lobo! Qualquer bruxa, qualquer aspirante, qualquer estudante de magia ou algo parecido sabe sobre o pacto!
- Então você é uma bruxa! - exclamei compreendendo o perigo que já intuía.
- Palmas para ele! - riu Gabriela.

Seu humor estava completamente alterado. Sua expressão havia se transformado de forma impressionante. Os olhos pareciam irradiar malícia e os traços do rosto endureceram. De repente, ela suspendeu o riso e me encarou diretamente nos olhos:

- Não sou só uma bruxa, Daniel. Sou uma sereia.
- Uma o quê?!

- Se você leu a Odisseia, já sabe do que se trata: mulheres belas que seduziam os idiotas e os levavam para o fundo do mar. Bem, hoje em dia não é exatamente assim, mas continuamos com os mesmos poderes sobre os homens. Tão prepotentes, pobrezinhos!

- Isso não está acontecendo! - murmurei em voz baixa.

- Preste atenção, lobisomem! Se você reagir, esta garota mimada vai se machucar. Agora entre conosco na sala ao lado, caminhando devagar.

Ela se virou para Sérgio e ordenou algo naquele dialeto estranho. Ele deu um passo atrás, entrando no recinto de onde viera. Senti minhas pernas tremerem. Eu não sabia o que aguardar, mas pelo que havia lido no diário de Maria, aquele talismã podia ser muito perigoso se caísse em mãos erradas. Especialmente em mãos de bruxas!

Instantes depois, entrava no cômodo. Era uma sala ampla, mais ampla do que se podia imaginar.

Pentagramas invertidos e símbolos estranhos estavam pintados com o que parecia ser sangue em todas as paredes. E o mais inquietante: cinco garotos da escola estavam parados em pé, sobre as pontas de um pentagrama traçado com giz no chão. Entre eles estava Guido, com a mesma cara de pamonha de todos os demais, além de Sérgio.

Um trovão estremeceu os vidros da sala. A tempestade assumia grandes proporções. Meu coração parecia querer saltar da boca. Minha pele ardia.

- Bem-vindo à nossa festinha particular, Daniel. - sorriu Gabriela – Como não tenho tempo a perder, explicarei tudo rapidamente: você entra no pentagrama, tira o amuleto do pescoço, entrega-o para mim e repete minhas palavras, para que os poderes do medalhão de Gheldar possam ser usados exclusivamente pelos bruxos!

Fiquei em silêncio. Estava estarrecido, sem ação. O ruído do vento zunindo nas aberturas e os trovões faziam o som de fundo daquela cena infeliz. Lá estava eu, frente a frente com uma sereia, bruxa ou sei lá o quê. Além disso, ainda havia aqueles seis garotos que mais pareciam zumbis ou coisa que o valha. De quebra, Vânia estava com uma adaga no pescoço!

- Estou esperando, querido. Entre no pentáculo^[13], por favor. - insistiu Gabriela.

Outro trovão rasgou a atmosfera já bem carregada. Depois de hesitar um instante, dei um passo à frente. Eu precisava fazer alguma coisa, mas não sabia o quê. Gabriela me olhava com um leve sorriso nos lábios. Vânia e Sérgio estavam logo ao seu lado.

- Não se preocupe, querido. Não vai doer nada.

Posicionei-me no centro do pentáculo, olhando para Vânia, que estava muito assustada.

- Não tenha medo. – tentei acalmá-la.

- Que fofinho! - riu Gabriela.

Era desesperador. Observando os garotos ao meu redor, notei que cada um tinha um pequeno corte nas mãos. Gotas de sangue pingavam nos vértices do pentagrama.

- Agora, transforme-se, garoto. - disse Gabriela – Preciso que esteja em forma de lobo para nossa pequena cerimônia.

Olhei para Vânia. Agora sim, ela nunca mais olharia na minha cara! Hesitei por um momento.

- Eu não acredito que a namoradinha não sabia do seu segredinho! - riu a bruxa – Vamos logo! Transforme-se e me entregue o medalhão!

- Por favor, Vânia, não tenha medo. Eu não vou deixar que ninguém machuque você. - disse eu sem ter a menor ideia de como isso seria possível, dadas as circunstâncias.

Fechei os olhos e iniciei o processo. A pele ardendo, os ossos estalando, os pelos crescendo, o corpo mudando de forma. A roupa se rasgou e desta vez, notei que fiquei ainda mais robusto que das outras.

- Uau! Que belo exemplar! - sorriu Gabriela.

Vânia soltou um gemido por entre a mordaça. Tinha os olhos arregalados. Estava praticamente entrando em choque. E eu não tinha a menor ideia do que fazer para salvá-la e cumprir a minha promessa. Precisávamos muito de ajuda... E ela veio.

Um relâmpago iluminou todo o recinto e quase instantaneamente um trovão estremeceu as estruturas do prédio. A energia se cortou, mergulhando tudo na mais absoluta escuridão. Eu não podia perder tempo. Era hora de agir.

Gabriela berrou no escuro:

- Fique onde está, garoto! Se tentar qualquer coisa, sua namoradinha vai pagar bem caro, está me ouvindo?!

A luz retornou antes que ela terminasse de pronunciar a última palavra. Gabriela levou um belo susto. Eu estava ao seu lado, com a adaga de Sérgio na mão. Antes que ela pudesse reagir, empurrei a bruxa com toda força para trás.

Ela voou na direção de uma porta, que se partiu. Na hora eu nem parei para pensar se tinha exagerado na dose. Ela ficou lá, estatelada sobre o vaso sanitário, com metade da porta sobre si e a outra pendendo do marco.

Rapidamente reverti para a forma humana. Olhei para os garotos, que continuavam inertes como plantas. Vânia soluçava nos braços imóveis de Sérgio.

- Vamos embora daqui! Depressa! - gritei, tentando arrancar Sérgio e os demais garotos daquele transe patético. Cheguei a pensar em deixar Guido para trás, mas isso seria muito errado.

Mesmo insistindo, eu não conseguia acordá-los. Sem perder tempo, aproximei-me de Vânia e a tirei dos braços de Sérgio. Ela me olhava com olhos arregalados, tinha visto minha verdadeira natureza.

- Por favor, Vânia, nós precisamos ir embora! Não deve ser nem um pouco seguro aqui. Vamos buscar ajuda!

Ela pareceu acordar de um pesadelo. Olhou-me fixamente enquanto eu desamarrava suas mãos.

- Você não... - balbuciou ela.

- Agora não dá para conversar Vânia! Sérgio, acorde! Vamos embora! - berrei meio histérico.

Sem obter êxito em acordar Sérgio, tomei-o pela mão e comecei a puxá-lo, como à Vânia. Eles me seguiram. Bati em algumas portas, mas ninguém atendia. O edifício devia estar totalmente vazio!

Descemos até o térreo. Deixei-os na porta de entrada do prédio, lá embaixo. Ordenei que ficassem me esperando e subi as escadarias para buscar os demais. No caminho, busquei o celular no que sobrou de minhas calças para tratar de ligar para um táxi. Mas o bolso havia rasgado e o celular não estava mais ali.

- Droga! - xinguei irritado.

Depois de me certificar de que Gabriela continuava inconsciente, peguei Guido e mais dois garotos e os fui empurrando escadaria abaixo. Quando estava no segundo piso, uma figura branca se interpôs no nosso caminho. Levei um susto. Olhando melhor, era apenas um gato.

- Mas o que está acontecendo aqui? - perguntou uma voz familiar.

- Heloísa? - reconheci o vulto na beira da escada.

- Daniel? - surpreendeu-se ela.

- O que você está fazendo aqui?

- Eu moro aqui! O que você está fazendo aqui?

- Não dá para explicar agora, Heloísa! Por favor, ligue para o tio Ênio! Precisamos de ajuda! - exclamei sentindo-me aliviado por tanta sorte.

- Seu tio não está em condições de ajudar a uma mosca, Daniel. - disse ela com seriedade.

- O que aconteceu com ele? - assustei-me.

- Acho que ele vai ficar “fora do ar” algum tempo. - sorriu ela com uma expressão estranha.

- Do que você está falando? - senti a pele eriçando novamente.

- Volte para o apartamento de Gabriela!

Aquele pesadelo parecia não ter fim.

- Saia da frente, Heloísa, não quero machucá-la!
- Belbú, leve-o para cima! - berrou.

O gatinho ficara entre ela e nós. O que um animalzinho inofensivo daqueles poderia fazer? Existem perguntas que seria melhor não responder.

- Você mandou o gato me levar para cima? - perguntei.
- Sua arrogância vai terminar agora. – respondeu ela sorrindo.

Belbú, o gatinho, começou a exalar uma espécie de fumaça branca. Rapidamente uma nuvem se formou diante de meus olhos. Uma nuvem volumosa, que em questão de segundos tomou uma forma humanoide.

- Você não sabia que bruxas gostam de animais de estimação? - perguntou Heloísa.
- Mas o que é isso? - indaguei empurrando os garotos para trás enquanto começava a ver as feições de um rosto vagamente humano naquela nuvem.

Por precaução, achei melhor ir logo me transformando de novo, enquanto aquela coisa tomava forma diante de nós. Heloísa certamente sabia de tudo a meu respeito. Eu não tinha nada a perder.

- Gatos são seres adoráveis. – explicava a bruxa - Especialmente por serem ótimos hospedeiros para alguns tipos de demônio. Na idade média, bastava se ter um desses acabar perseguida pela inquisição.

Belbú, ou seja lá quem era aquela coisa, solidificou-se. Tinha pelo menos dois metros de altura, corpulento. Era peludo e o rosto tinha um olho mais baixo que o outro. A pele era imaculadamente branca, unhas vermelhas, orelhas de felino e o lábio superior era dividido como o de um gato.

- Volte para cima! - disse Heloísa.
- Saiam da minha frente! - ameacei com meu vozeirão de monstro.

Mas Belbú não se intimidou e ainda por cima, avançou em minha direção. Ele era tão rápido que eu mal tive tempo de me preparar para o que se seguiu. Suas unhas afiadas cortaram minha face num tapa que me virou o rosto para o lado. Em resposta, sem pensar em mais nada, soquei suas costelas. Um estalo oco se ouviu.

Ele pareceu não sentir o golpe e me devolveu outro similar. Acabei batendo com as costas, não sei se no teto ou numa parede. Perdi os garotos de vista. Belbú pulou sobre mim como um predador sobre o jantar. Reagi e chutei sua cara antes que ele pudesse me pegar. Ele deu um salto no ar e caiu em pé. Gato do demônio!

Com grande velocidade ele veio novamente. Uma sequência de golpes me atingiu no rosto e no pescoço. Senti a pele sendo rasgada em vários pontos. Subitamente, um soco inacreditavelmente potente na boca do estômago. Desta vez tenho certeza de que bati no teto. Quando caí no chão, um chute me atingiu em cheio na cara. Senti algo solto dentro da boca: eram dentes! Então, tudo ficou escuro.

Minha cabeça rodava quando abri os olhos. Eu estava no centro do pentáculo, com os cinco garotos ao redor, novamente. Levei a mão ao peito e constatei que o talismã não estava mais ali. Alguém discutia acaloradamente. Logo identifiquei as vozes.

- Por que você não me esperou? - falava irritada Heloísa.
- Desculpe! Achei que não precisava! - respondia Gabriela.
- Ficou louca? Se ele escapa hoje, teríamos que esperar mais um ano!
- Ah! Deixe de fazer fiasco! - irritava-se Gabriela.
- Cale-se! Ele já acordou! - disse Heloísa.

Finalmente consegui fixar a vista. Vânia estava sentada numa cadeira num canto da sala, amarrada. Sérgio permanecia ao seu lado, mas a adaga não estava em suas mãos. Os demais garotos estavam em silêncio, catatônicos, perto deles.

- Vamos recomeçar, Daniel. Transforme-se novamente. - ordenou Heloísa.
- Por que estão fazendo isso? - perguntei tentando ganhar tempo.

Heloísa me encarou com um ar superior:

- Esse medalhão pertence às bruxas. Os lobos nunca souberam usar direito. O simples fato de um lobo estar usando todo esse poder é uma ofensa para todas nós. Ele é nosso por direito e viemos aqui recuperá-lo!

- Você queria o medalhão o tempo todo... - murmurei.

- Ah, não! Eu só queria os segredos de seu tio. Demorou um pouquinho até podermos armar para eu me aproximar dele. Mas daí você começou a usar o amuleto e tchã: descobrimos que ele ainda existia! Tivemos que fazer uma mudança de planos. Agora Gabriela e eu não só vamos ficar com os livros secretos que seu tio esconde tão bem como também teremos o legendário amuleto do pacto de Gheldar! Este será um ótimo ano para nós.

- Para que querem esse amuleto, afinal? - insisti enrolando, tentando pensar em alguma coisa.

- Esse talismã é muito poderoso, Daniel. Gabriela tentou usar seus poderes hipnóticos em você sem resultado algum. Não foi você quem resistiu, mas o medalhão que o protegeu. - disse Heloísa – O poder do amuleto é grande, mas bem utilizado pode ficar ainda maior. Para isso você precisa renunciar à parte dos lobos no poder do talismã. Assim eu... quero dizer, nós poderemos utilizá-lo para fins mais dignos de sua origem.

Ela parou de falar. Belbú estava ao seu lado, tão alto e forte como antes. Eu estava definitivamente enrascado.

- Vamos, garoto. Não percamos mais tempo. Sabe que é inútil resistir. - sentenciou Gabriela.

Sem ter outra saída, transformei-me uma vez mais. Sentia uma raiva muito grande. Sem o talismã eu notava uma boa diferença. Tinha vontade não de fugir dali, mas de acabar com as bruxas e Belbú. Sentia meu corpo infinitamente mais rígido, a adrenalina invadindo minhas veias. Cenas de sangue rondavam minha mente. Eu nem sabia de onde elas vinham.

- Tio Ênio confiou em você... - rosnei enojado para Heloísa.

- Ah, seu tio... - ela sorriu perversamente - Ele já não é a sombra do que foi. Até mesmo os vampiros o respeitavam. Depois que abandonou o ofício de caçador,

ficou mole como manteiga. Isso sempre acontece com os homens. Por isso nunca me casei. E olhe que tive ótimos pretendentes. Só para que você saiba, Daniel, seu tio foi enfeitiçado. Durante nossos encontros eu ministrava pequenas doses de uma poção na comida ou nos refrescos. Agora ele está completamente dominado, dormindo. Achei melhor neutralizá-lo. Pensei que talvez ele pudesse representar algum risco, mas acho que exagerei na preocupação. Quando tudo isso acabar, vou arrancar todos os seus segredos, que certamente não são poucos e depois vou descartá-lo como se faz com o lixo inútil. Mas não se preocupe, não vou machucá-lo, afinal, ele é só um pobre velho!

- Aposto que sou mais novo que você! - disse alguém que surgia na porta.

Eu não podia acreditar. Tio Ênio!

Alguma coisa zumbiu no ar, indo cravar-se no peito de Belbú. Era uma espécie de flecha. O imenso animal emitiu um alarido de dor parecido ao rugido de um leão. Em segundos sua figura se tornou intangível, apequenando-se. Antes que eu pudesse formular um pensamento coerente, o gatinho branco jazia inerte no chão.

- Belbú!! - berrou Heloísa horrorizada.

- O gato vai ficar bem. Mas a água benta tem efeitos muito interessantes sobre os demônios. - disse tio Ênio, engatilhando a balestra^[14] que usara no demônio.

- Como é possível?! Você estava dormindo! Eu o enfeitei... - espantou-se Heloísa, enquanto tio Ênio engatilhava novamente a balestra.

- Você pensou que eu não me daria conta do que estava acontecendo? Acha que eu não consigo detectar quando alguém está tentando me atingir utilizando magia? - sorriu tio Ênio apontando a arma para Heloísa.

- Daniel, pegue seus amigos e traga-os para fora, depressa! - disse ele.

- Vai pagar caro por isso, velhote! - rosnou Heloísa.

- Acho que não. - disse ele.

- Ah, vai!

Peguei Sérgio e Vânia e os trouxe para trás de tio Ênio o mais rápido que pude.

- Heloísa... - disse tio Ênio.

- O quê?

- Que o poder que em ti habita, seja expulso para sempre, em nome de Kandros.

- O quê?! - Heloísa fez uma careta de horror - Não! Não!

Foi assustador. Ela caiu no chão subitamente. Contorcia-se como se sentisse dores terríveis. Finalmente, arqueou o corpo para frente e começou a abrir a boca. Uma pata negra saiu por entre os lábios, seguida por outras tantas. A enorme aranha saiu da boca de Heloísa, desceu ao chão e caminhou sem rumo certo, indo e vindo, indecisa. Depois de alguns segundos, começou a perder as patas, uma a uma.

- Nãããoooo! - gemeu Heloísa.

- Está feito. - disse tio Ênio – Você não causará mais mal algum pela bruxaria. Seus poderes se acabaram.

Olhei para a aranha e vi que do animal não restava mais do que uma mancha viscosa no chão.

- O poder de gerações de bruxas... - gemeu Heloísa com os olhos lacrimosos – Como isso é possível?

- Depois que você me deu aquela poção, eu pensei que podia fazer o mesmo com você. Mas você não pode reclamar, o meu chá é muito bom. - sorriu tio Ênio.

- Miserável... - murmurou a bruxa de joelhos.

- Traga os outros, Daniel. Ande logo! - disse tio Ênio.

Obedeci, mas quando me dispus a caminhar na direção deles, Gabriela colocou-se atrás de Guido, protegendo-se da arma de tio Ênio. Em apenas um segundo, uma melodia harmoniosa e agradável invadiu meus ouvidos. Era a música mais bela que jamais ouvi.

Uma sensação de tranquilidade e letargia me tomou de súbito. Aquela voz me lembrava alguma coisa, alguma coisa antiga, algo que eu havia esquecido.

Olhei para tio Ênio, que acabara de disparar a balestra, errando um dos braços de Gabriela, única parte que ainda ficara exposta atrás de Guido.

- O amuleto, Daniel! - foi a última coisa que ouvi tio Ênio dizer antes que ele deixasse cair a balestra no chão, impotente.

Mas eu estava imerso demais naquele estado letárgico para reagir. A figura de Gabriela assumia ares cada vez mais belos. Seus cabelos pareciam esvoaçar pelos ares. Ela se tornava rapidamente a mulher mais linda que eu jamais havia visto.

Tudo aquilo era estranho e me dava uma forte sensação de algo emergindo^[15] em minha mente. Algo que eu havia esquecido.

Gabriela sorria. Saía de trás de Guido e me encarava. Seus olhos eram duas esmeraldas. Ela pareceu-me a mulher mais bela da face da Terra. Seu sorriso era perfeito e fascinante e seus gestos todos sensuais.

- Deixe-o em paz! – berrou Vânia, desesperada.

Mas eu mal ouvia a voz de Vânia, como se ela estivesse a quilômetros de distância.

Heloísa levantou-se do chão, enxugando as lágrimas. Seu olhar para tio Ênio era do mais puro ódio. Colocou-se ao lado de Gabriela e assistia a tudo em silêncio.

- Venha para o centro do pentáculo, meu querido. - sugeriu Gabriela com um gesto amável.

Eu não conseguia me controlar. Fui direto para onde ela me ordenou.

- Bom garoto! - sorriu.

Em seguida, todos os demais foram dispostos em seus lugares. A cerimônia estava por começar.

- Agora, querido, repita comigo... - disse suavemente Gabriela.

Aquela voz era irresistível. Por isso ninguém reagia. Pensar era cada vez mais difícil. Eu fazia todo o esforço possível, mas o seu poder era terrível.

- Em nome de meus antepassados... - dizia Gabriela.
- Em nome de meus antepassados... - repeti contra minha vontade.

Ela olhou para Heloísa, que sorria malignamente.

- Renuncio totalmente ao amuleto de Gheldar. Por minha vontade e pelo sangue aqui derramado, o pacto fica desfeito.

De repente, suas palavras perderam a beleza. O encanto e a melodia de seus lábios desapareceram por completo. Minha mente se recuperou imediatamente. Levantei a vista para Gabriela e vi duas pequenas mãos tapando-lhe a boca. O mais estranho era que ela continuava falando, como se ela não percebesse nada. Sua beleza extraordinária havia desaparecido.

- Repita, garoto: renuncio totalmente ao amuleto de Gheldar. Por minha vontade e pelo sangue aqui derramado, o pacto fica desfeito. - insistiu Gabriela.

Agora eu podia ver claramente: Julinha, a menina fantasma, estava sentada sobre os ombros de Gabriela enquanto tapava-lhe a boca. O poder da bruxa-sereia estava neutralizado.

Em um segundo, uma grande quantidade de imagens e sons cruzaram minha mente. Lembranças com as que eu estava tomando contato durante as noites, em meus sonhos. Lembranças de Baldar, o rei homem lobo que perdera tudo.

Novamente o vi no interior daquele castelo sombrio e vazio, naquela terra devastada pela guerra. O Rei Lobo saltava sobre a bruxa que havia aniquilado seu reino. Ela se desviou agilmente do golpe de espada e sorriu:

- *Você é como todos os demais. Incapaz de me vencer!*

Lilith, a sereia, começou a cantar uma canção diabolicamente sedutora. O rei resistiu por um tempo, mas o poder da bruxa era imenso. Baldar caiu de joelhos diante dela, dominado pelo seu canto.

Ela se aproximou dele e tomou o seu queixo nas mãos. Ele não tinha forças para resistir mais. Estava enfeitiçado.

- *Acabaremos com o sofrimento, Baldar. Já me diverti o bastante. - disse ela com um punhal de prata na mão.*

- *Bruxa... - murmurou Baldar.*

- *Morra, Rei Lobo! - gritou ela afundando o punhal no peito de Baldar.*

Ele sentiu o metal gelado e tóxico matando-o. Num último gesto de vontade suprema, o rei moribundo puxou a sereia pela cintura e enfiou-lhe a espada no ventre, sem que ela tivesse tempo para reagir.

O grito desesperado de Lilith ecoou pelos salões do castelo. Eles ficaram ali, caídos, enquanto a vida abandonava seus corpos. O bebê da carroça agora tinha uma chance, foi o último pensamento de Baldar, o Rei Lobo.

Depois daquelas imagens, toda a história de Baldar emergiu em minha mente, inclusive fatos que eu não havia visto em sonhos. Eu simplesmente passei a lembrar. A sereia Lilith começara seu plano enfeitiçando o irmão do rei. Depois, um a um os homens importantes do reino caíram sob seu domínio. Logo os mergulhou numa guerra infernal, só para sua diversão. Nenhum deles sobreviveu. Era doloroso saber de tudo aquilo, por que eu não só lembrava de tudo, mas também passei a compartilhar a dor de Baldar.

Dei um suspiro e as visões me abandonaram por completo. Tudo isso havia sucedido em apenas um segundo.

- Mandeí repetir, escravo! - irritou-se Gabriela.

- O que está acontecendo? Ele está sem o amuleto! - balbuciou Heloísa irritada.

Mas antes que Gabriela pudesse responder qualquer coisa, dei um passo à frente e as segurei pelos pescoços. Levantei-as bruscamente do chão. Suas pernas sacudiam enquanto eu apertava com força.

- De todas as coisas que vocês fizeram, a pior foi ameaçar as pessoas que eu amo! Meu tio, meu melhor amigo e a garota dos meus sonhos! - disse-lhes sentindo aquelas palavras queimando-me a boca.

Por um momento senti o impulso de fechar as mãos e acabar logo com aquelas duas bruxas, selando seu destino. Ainda abalado pela angústia de Baldar, senti

vontade de vingá-lo, com todas as minhas fibras. Uma vontade selvagem, instintiva.

De repente comecei a vê-las como minhas presas e pareceu-me justo aniquilá-las. Rosnei apertando ainda mais os pescoços das duas. Elas iriam morrer. Era justo, era correto: eu era o predador, elas, minhas caça.

Mas um soluço chegou aos meus ouvidos. Vânia conseguira se soltar das amarras e estava de joelhos, no chão. Os olhos vermelhos, as mãos sobre a boca. Pude ver muitas coisas naqueles olhos, senti medo de minha natureza animal e do risco que ela poderia representar para aqueles que eu amava.

Olhei novamente para as bruxas e as deixei cair no chão. Heloísa tossia compulsivamente. Gabriela segurava a garganta e tentava respirar. Voltei-me para Vânia e disse, dominando-me a duras penas:

- Eu não sou um monstro, Vânia! Nunca serei! Não quero que pense isso de mim, por que eu amo você. Eu não quis magoá-la. Sinto muito.

Ela pareceu recuperar algo da lucidez e me encarou por um longo momento. Tomei o medalhão de Gabriela, que já conseguia respirar com menos dificuldade. Só nesse momento percebi que Julinha havia desaparecido.

Dirigi-me a tio Ênio, que se recuperava do feitiço de Gabriela, ao contrário dos demais.

- Como o senhor conseguiu se livrar do transe?

- Ainda não estou totalmente enferrujado! E você? - perguntou.

- Depois eu explico. Quando os garotos vão acordar?

- Daqui a algumas horas eles vão despertar. A hipnose de uma sereia dura um bom tempo. Mas vai passar.

- Vocês não vão a lugar algum! - sussurrou Gabriela, tossindo e se arrastando pelo chão.

- Ela não desiste nunca? - murmurei.

- Pelos poderes das trevas de Urth! Eu invoco...

Um baque surdo se ouviu, seguido de um estilhaçar de cacos de cerâmica. Vânia estava ao lado de Gabriela. O enorme floreiro em pedaços, ao redor da sereia.

- Cale a boca, sua bruxa! - disse Vânia.
- Gostei da sua namorada! - sorriu tio Ênio.

Fiquei aliviado quando percebi que o estado de choque havia abandonado completamente Vânia. Só não tinha certeza de qual seria nossa relação dali para frente. Passei para o cômodo ao lado e reverti à forma humana enquanto tio Ênio atendia os garotos, preparando-os para irem embora. Era até cômico ver como Guido não ficava tão diferente do normal naquele estado catatônico.

Por sorte, logo a tempestade deu uma trégua e a chuva parou um tempo. Com paciência, tio Ênio conseguiu colocar os garotos na parte traseira da caminhonete. Vânia foi na frente, com Sérgio e tio Ênio. Achamos que seria melhor deixá-los nas dependências da escola, atrás do ginásio ou nas proximidades. Pelo que Vânia comentara, os garotos foram recrutados na festa mesmo.

Depois disso, tio Ênio nos levou para sua casa. Ele insistia em dar um chá quente para Vânia antes que ela fosse para casa. Quando entramos, sentei Sérgio no sofá. Ele parecia emergir lentamente do torpor, mas ainda estava um tanto “fora do ar”.

- Vou preparar um chá para todos e vou lhe trazer roupas novas, Daniel. As suas estão impraticáveis. - comentou Tio Ênio da cozinha.

Depois de alguns minutos ele retornou com uma blusa, calças e um par de sandálias. Fui até o banheiro e me troquei. De volta à sala, sentei ao lado de Sérgio, desviando o olhar de Vânia.

Ela se sentara no sofá da frente. Não fizera nenhuma pergunta. Tio Ênio retornou e entregou uma xícara de chá para ela. Antes que bebesse, entretanto, ele disse:

- Espere... Se você acha que não pode viver com tudo o que presenciou hoje, nem guardar absoluto segredo de tudo o que viu, beba esse chá.
- O chá vai apagar minha memória? - perguntou ela.

- Você gostaria de esquecer tudo o que viu? - perguntou tio Ênio.

Ela baixou o olhar e pensou um tempo. Depois deixou o chá sobre a mesinha de centro.

- Não. Podem confiar em mim. Não vou contar nada para ninguém. Se perguntarem onde estive, vou dizer que estava com meu namorado, passeando pela cidade.

Não pude evitar olhar nos seus olhos. Ela manteve o olhar.

- É uma garota corajosa. - disse tio Ênio indo para a cozinha – Vou fazer outro chá para você.

Ficamos calados por um momento. Tomei coragem e disse:

- Lamento a forma como tratei você. Lamento muito. Eu não queria...
- Tudo bem, Daniel. Eu preciso lhe dizer por que fiquei daquele jeito quando o professor suspeitou de você. Acontece que o meu pai cuidou do meu primo uma vez e o levou para nossa casa, na época em que morávamos Em Porto Alegre. O Bernardo estava se desintoxicando e parecia estar indo muito bem. Eu estava sozinha com ele em casa, naquela tarde. Ele me falou que queria comprar um chiclete na padaria da esquina. Eu disse que iria com ele. Mas ele me perguntou se não confiava nele. Eu o deixei ir sozinho e ele não voltou. Encontraram seu corpo dois dias depois, morto por overdose. A culpa foi minha. - disse ela com os olhos úmidos.

- Eu sinto muito, Vânia... - murmurei.

Ficamos mais um instante em silêncio.

- Eu entenderia se você não quisesse voltar a namorar comigo depois do modo como a tratei. E mais agora que me viu transformado... Que me viu como... como um monstro, você deve pensar. - disse-lhe francamente.

Ela pareceu pesar as palavras antes de responder. Supus logo que não queria me magoar. Em seguida me encarou e disse sem hesitar:

- Monstros não têm coração, nem se importam com os outros. Você se arriscou para me proteger. Não preciso ser um gênio para perceber isso.

Ela se levantou e caminhou na minha direção. Eu levantei. Sérgio finalmente acordava de seu sonho e limpava um fio de baba que escorria do queixo.

- Eu ouvi o que você disse pra aquelas bruxas: garota dos seus sonhos... - disse Vânia - Nunca ninguém me disse algo assim.

Eu arrisquei estender os braços, num tímido abraço. Ela correspondeu.

- Eu sempre adorei a história da bela e da fera. - sorriu Vânia.

- Eu também. - sorri, aproximando-me para receber meu merecido beijo de herói.

- Opa! Opa! Opa! - disse Sérgio com a língua meio travada – Eu não lembro de nada! O que foi que aconteceu?

- Depois a gente conta para você! - disse Vânia sorrindo para depois me dar um beijo e um abraço demorado.

- Perdoe-me não haver confiado em você. - Vânia sussurrou-me ao ouvido.

- Não precisa se desculpar comigo. Eu fui um babaca.

- Acho que vou chorar, mano... - murmurou Sérgio, sorrindo.

Não sei quanto tempo passamos abraçados, mas com certeza foi menos do que eu desejava. Tio Ênio apareceu com quatro xícaras de chá quente numa bandeja.

- Bem, garotos, vamos nos esquentar um pouco. Quer um chá? - ofereceu a Sérgio.

- Falou. - agradeceu ele pegando uma das xícaras.

Depois que terminamos o chá, Vânia e eu fomos para a rua. Ela me olhou nos olhos e disse:

- Eu preciso lhe contar uma coisa.

- O que é? - acariciei seus cabelos.

- Eu vou embora do país.

- Como assim?

- Papai recebeu uma proposta de um laboratório Alemão para trabalhar com um grupo de pesquisa, não sei de quê. Parece que os caras ficaram interessados na tese de doutorado do meu pai. Ele me deu a notícia há pouco. Por isso eu estava hesitando se devia ou não namorar com você. Mas Miriam disse que não importava a quantidade de tempo, mas sim a qualidade e que eu não deveria desperdiçar a oportunidade de namorar com um cara como você.

Perdi a fala. Ela suspirou e continuou falando:

- Nós vamos embora daqui a uma semana. Até lá, se você quiser, podemos aproveitar ao máximo o tempo juntos.

Anos apaixonado por ela e agora que estávamos juntos havia dias, ela ia embora para o outro lado do mundo! Eu ainda não encontrava palavras por que eu também nem entendia a mistura de emoções que experimentava.

- Você ainda quer ficar comigo? - perguntou ela.

- Quero.

Ficamos abraçados mais um pouco até que o celular dela tocou.

- Alô? - disse Vânia – Ah! Miriam? Não se preocupe! Estou bem!... Ainda está na festa? Olhe, estou com o Daniel... Ele me leva para casa, tudo bem?... Ótimo, beijo!

- Quer que a leve para casa agora? - perguntei.

- Não. Ainda é cedo. Vamos passear. Aí você pode me explicar melhor toda essa história de lobisomens e bruxas. O que acha?

EPÍLOGO

Meus pais me ligaram no dia seguinte e chegaram dois dias depois daquele domingo. Perderam os telefones no incêndio. Parece que a briga foi feia. Infelizmente, o necromante acabou escapando, assim como Gabriela e Heloísa, de quem acho que não vou ter notícias tão cedo.

Duas semanas depois, fiquei sabendo nos corredores da escola que a professora de Literatura, Dona Conceição, havia se recuperado rapidamente de sua doença e retornaria logo às aulas.

Guido, assim como os outros garotos envolvidos no episódio das bruxas, não se lembra de nada, exceto de haver sido convidado pela professora Gabriela para dar um passeio. Fora isso, o único indício de tudo o que viveram foram as pequenas cicatrizes que ficaram dos cortes feitos para o ritual.

Sérgio já se recuperou da decepção amorosa com Gabriela. Na verdade, ele já tem um novo amor. Isso mesmo: já saiu uma nova edição da revista “Musas”.

Passei o máximo de tempo possível junto com Vânia. Namoramos, passeamos, comemos, namoramos e namoramos. Fiquei sabendo sobre o enterro de Julinha e seu irmão Pedro. Os corpos haviam sido liberados pela Polícia. Senti que devia ir à cerimônia.

Tio Ênio e Vânia me acompanharam. Apesar da proximidade do meio dia, o céu de chumbo não deixava a luz do sol aparecer. Uma chuva fina caía. Um número reduzido de pessoas estava reunido na cerimônia, envoltos em seus capotes, capas de chuva sob o abrigo de seus guarda-chuvas pretos.

Aproximei-me devagar. Não queria chamar a atenção. Observei os parentes mais próximos ao caixão. Um deles, um senhor de cabelos grisalhos, enxugava as lágrimas teimosas, alisando a tampa dos dois caixões. Estava sendo muito duro para ele, pensei observando os traços marcados no rosto.

- Esse é o pai. - sussurrou-me tio Ênio - A mãe faleceu um ano depois do desaparecimento das crianças.

O padre fez um discurso bonito e consolador, evocando os benefícios e amenidades da vida no além, enquanto eu revia em minha mente Julinha pedindo para ir para casa, perdida. Vânia segurava firme minha mão. Tratei de simplificar ao máximo a história da garotinha e seu irmão e Vânia assimilou tudo muito bem.

Os caixões foram baixados nas covas e logo se deu o sepultamento. Aos poucos, os parentes foram se afastando. Tio Ênio me convidou para ir embora. Agradei e disse que gostaria de ficar mais um pouco. Vânia se aproximou de meu ouvido e sussurrou:

- Eu preciso ir. A gente se fala mais tarde. Tudo bem?
- Claro. - respondi dando-lhe um beijo discreto.

Depois que eles se foram, continuei parado, vendo os familiares e amigos indo embora, despedindo-se do pai. Ele ficou ao lado das covas. Depois de um tempo, ajoelhou-se. As lágrimas se misturavam com a água da chuva. Seu guarda-chuva jazia ao lado, no chão.

- Perdoem o papai... Eu não consegui encontrá-los, meus filhos... - murmurava ele entre soluços.

Aproximei-me dele. Precisava dizer-lhe alguma coisa.

- Espero que sua mãe esteja com vocês... - continuava ele soluçando.
- Meus sentimentos, doutor. - disse-lhe tocando-lhe o ombro.

Ele se voltou para mim e disse:

- Obrigado... Conheço você?
- Não. Mas eu conheço sua história.

Depois de uma pausa, sentindo a garoa em meu rosto, o pai de Julinha e Pedro me disse:

- Sonhei com Julinha na noite passada, num cochilo. Estava rindo, tão feliz. Pedrinho estava com ela. A mãe deles também estava lá. Era um lugar lindo... Julinha fez um desenho para mim antes de ir embora... Ela disse que conseguiu voltar para casa graças à ajuda de um amigo e que eu o conheceria. Ela me deu o desenho que tinha feito. O engraçado é o tal amigo mais parecia um cachorro grande ou um urso. Não sei o que isso queria dizer, mas pareceu tão real e eles estavam tão felizes que também me senti feliz...

Ele parou de falar, comovido. Confesso que não consegui dizer mais nada. Não estava preparado para aquilo.

De repente, senti um ruído próximo. Olhei para o lado e vi Julinha se aproximando do pai. Ela o beijou na testa enquanto ele chorava em silêncio. Depois a garotinha se afastou, olhou para mim e sorriu. Caminhou mais alguns passos para longe dali e se juntou a mais duas figuras que eu não tinha visto antes: o garoto Pedro e uma mulher de cabelos longos que o segurava no colo.

- Adeus. - disseram as crianças abanando e se desvanecendo no ar junto a sua mãe.

- Adeus. - deixei escapar.

- O que disse? - perguntou o pai.

- Eu disse que agora é com Deus... Tenho certeza de que eles estão bem. - respondi tocando-lhe um ombro.

- Muito obrigado... Por suas palavras... - disse o doutor sem se levantar do lugar.

- De nada. - respondi para logo sair com passo lento do cemitério.

Dias depois, eu caminhava pela rua quando ouvi risos atrás de mim. Era Barbicha, Paulão e sua turma chegando no seu carro novo. Era um modelo parecido ao esportivo anterior, só que bem melhor.

- E aí, maninho? Como é que vai? - disse Barbicha.

- Ficou sabendo da última? - perguntou Paulão.

- Qual?
- O Guido correu num racha ontem à noite. Dessa vez a polícia pegou ele.
- Deve estar encrencado. - disse eu com uma ponta de satisfação.
- Pode crer. - riu Barbicha.
- Vocês têm certeza de que ainda querem participar desses rachas? - perguntei.
- Tô fora, mano! - disse Barbicha.
- Eu também! Maior roubada! Coisa de Mané. – acompanhou Paulão.
- E aí, quer dar uma volta com a gente? Ainda tem espaço na caranga! – sugeriu Barbicha dando uma acelerada no motor – sente só a potência!
- Aceito uma carona para casa, então.
- É isso aí! - disse ele.

Após um passeio animado, com piadas e risos, os rapazes me deixaram em casa. Passei a tarde com meus pais e Júlia na sala. Estávamos olhando televisão. Ainda nem tínhamos conversado direito sobre minhas aventuras e descobertas nem Júlia estava a par dos acontecimentos sobrenaturais.

- Então, pai, vai ficar um tempo em casa agora, né? – indagou Júlia.
- Sim, minha filha. Vou tirar uns dias mais de descanso.
- A viagem foi bem cansativa. – comentou minha mãe olhando para mim.
- Que bom. Vamos ter tempo para conversar. – comentei.
- É, vamos... – respondeu meu pai.

A tarde foi amena. Conversamos sobre coisas leves e nos divertimos bastante. Também combinamos, naquela tarde, que trocaríamos de operadora de telefonia celular.

Mais tarde, entrei no meu quarto e liguei o som. Fiquei deitado, olhando para o teto, curtindo aquela saudade.

- Querido, você esqueceu o celular na sala. Acho que você tem uma mensagem da Vânia. - Disse minha mãe na porta de meu quarto.

- Obrigado, mãe.

- Ela é uma boa garota.

- É sim. - concordei.

- Vou deixar você sozinho.

Ela fechou a porta e visualizei a mensagem que dizia:

Como vai o meu lobinho?

Sorri e me deitei, para ficarmos trocando mensagens por um bom tempo.

Depois que nos despedirmos, fiquei ouvindo Legião Urbana e pensando na vida.

Inconscientemente peguei o talismã e o alisei com os dedos. Lembrei da estranha experiência que havia acontecido na véspera do Halloween.

Eu não tinha nada a perder, pensei. Fiquei ali, observando aqueles símbolos, na esperança de repetir a experiência. As horas foram se passando sem que aparentemente nada ocorresse. Até que percebi que outro símbolo, semelhante a um olho, começava a se destacar dos demais.

Uma coloração amarela ouro crescia de dentro dos sulcos da gravação. Estava acontecendo de novo. Eu já comentara com tio Ênio sobre minha experiência anterior. Ele me disse que o amuleto possuía poderes ainda desconhecidos. Aparentemente eu tinha saído mesmo do corpo.

Subitamente, um flash saído do símbolo me cegou. Instintivamente soltei o talismã e esfreguei os olhos. Depois de alguns instantes, questionando se era uma boa ideia ficar brincando com aquilo, consegui recuperar a visão.

Para minha surpresa, eu estava num lugar totalmente diferente de meu quarto. As paredes eram altas e escuras. Havia uma mulher sentada perto de mim, ao lado de uma fogueira enorme. A mesma mulher de vestes prateadas. Ela pareceu surpresa com a minha presença. Observou-me detidamente, depois arregalou os olhos e se levantou, caminhando em minha direção.

- Oh, meu Deus! Você o conhece! Onde ele está?! Diga-lhe que venha me salvar!! Diga-lhe!! - disse ela com um ar desesperado, aflita.

Eu podia sentir a angústia daquela mulher, como se fosse algo que compartilháramos. Mas antes que eu pudesse assimilar suas palavras, um vento forte varreu o lugar e a fogueira foi completamente apagada. Tudo ficou escuro. Pisquei os olhos várias vezes e quando dei por mim, estava novamente no meu quarto.

Sentei na cama, desorientado. Assim que me recuperei um pouco, compreendi que se aquela visão tinha sido mesmo real, havia uma mulher que precisava muito de ajuda. Agora eu tinha que descobrir como poderia ajudar. Tio Ênio tinha razão: era mesmo um mundo totalmente novo aquele em que eu estava começando a viver. E pelo visto, as descobertas estavam apenas começando.

FIM

sobre o autor

André B. Ferreira, nascido em 1977, natural de Jaguarão, RS é formado em Letras, Português e Espanhol pela Universidade Federal do Pampa, Pós-graduado em Estudos da Linguagem pela Universidade da Grande Dourados.

Adora ler e escrever e foi premiado no concurso Histórias de Trabalho, da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, RS nos anos de 2007 e 2012 na modalidade conto.

Lua Cheia - o Despertar é seu trabalho de estreia no gênero Fantasia Urbana.

Fale com o autor: andrebferreiraescritor@gmail.com

[1] Profissional autônomo, como médico, advogado, engenheiro, etc.

[2] Al Capone: Mafioso que ficou famoso na época da lei seca nos Estados Unidos, nos anos 40.

[3] Lupino: relativo ou que pertence a lobo.

[4] Jokenpo; brincadeira famosa da pedra, papel e tesoura.

[5] Casanova: personagem célebre conhecido como grande conquistador amoroso.

[6] Resultado de choque ou golpe violento sobre o cérebro que prejudica suas funções.

[7] Anabolizante: substância utilizada para aumento da massa muscular.

[8] Dom Juan: Célebre personagem da literatura universal, conquistador incorrigível.

[9] Peça de armadura feita de anéis de metal entrelaçados.

[10] Castelões: senhores de um castelo, seus habitantes.

[11] Sítio: cerco.

[12] Escuro, mortiço, fúnebre.

[13] Estrela de cinco pontas ou figura semelhante.

[14] Balestra: arma composta por um arco com um cabo, que dispara setas e assemelhados.

[15] Emergindo: subindo à superfície.